[ROMANCE]

E DEPOIS VOCÊS DIZEM QUE EU É QUE SOU DRAMÁTICO

Alberto Schramm Portugal

[OUTRAS] PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Anadarca brasiliana edições

E DEPOIS, VOCÊS
DIZEM QUE EU É QUE
SOU DRAMÁTICO

ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES
2ª Edição - Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Portugal, Alberto Schramm
E depois, vocês dizem que eu é que sou dramático /
Alberto Schramm Portugal. -- 2. ed. --
Paranaguá, PR : Anadara Brasiliana Edições, 2024.

ISBN 978-85-85063-32-0

1. Homens - Autobiografia 2. Portugal, Alberto Schramm 3. Relatos pessoais 4. Superação - Histórias de vida I. Título.

24-244102 CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:
1. Homens : Histórias de vida : Autobiografia 920.71
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:
Anadara brasiliana Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:
Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:
Aglaé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO:
Yaidiris Torres

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO:
Ivana Cassuli

Alberto Schramm Portugal

E DEPOIS VOCÊS DIZEM QUE EU É QUE SOU DRAMÁTICO

2ª. edição

Anadarco brasiliana edições

Curitiba, 2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5
PREFÁCIO 7
ALBERTOGRAFIA 9
PRÓLOGO 12

A infância de um azarado 14
Hormônios. Ah! Hormônios! 20
Era o Tupich 52
Sete tiros na janela 61
O novo mundo 67
A baiuca 75
O portão automático se abrindo 83
A faculdade 89
Vocês não estão sentindo cheiro de gás? 91
Professor diferentão 95
Ainda bem que eu tenho eu 101
Eu queria ter na vida simplesmente... 106
O menino 112
Cinco famílias para escolher 116
A Terceira Guerra Mundial 119
Flores em todos os lugares 122
Sobre saudade 125
Os dias não foram iguais 129

SOBRE O AUTOR 131

APRESENTAÇÃO

Nesta autobiografia, Alberto Schramm Portugal compartilha sua trajetória de forma direta e bem-humorada, apresentando os altos e baixos de sua vida. A história começa com uma infância repleta de situações cômicas, marcada por momentos de azar e pela fama de "dramático" entre seus familiares. Ele narra suas mudanças frequentes de cidade devido ao trabalho do pai, um juiz, e como essas experiências moldaram sua visão de mundo.

Portugal narra, ainda, como enfrenta desafios típicos, desde o despertar dos hormônios, as primeiras paixões e a busca por identidade. Há episódios de rejeição escolar, confrontos familiares e interações inusitadas, sempre permeados por sua visão única e uma série de acontecimentos inusitados. Entre confusões e pequenas tragédias cômicas, Alberto reflete sobre as dinâmicas familiares, suas dificuldades emocionais e as tentativas de se adaptar às mudanças constantes.

O autor nos conduz por suas memórias com uma abordagem descontraída que mistura humor, autoironia e momentos de introspecção. A obra retrata de maneira sincera e descomplicada os percalços de crescer e encontrar seu lugar no mundo, oferecendo ao leitor uma perspectiva honesta e bem-humorada sobre a vida.

Para meu filho Samuel

PREFÁCIO

Livros são janelas. Alguns nos encantam com as paisagens. Outros nos convidam a viajar. E se um "Coração Andarilho" nos faz esse convite? Ah! Então faremos travessias fascinantes pelas veredas de uma alma sempre em construção. Como uma cantoria vertiginosa das cigarras na primavera, cada página da obra de Alberto Portugal nos arrebata, nos seduz, nos emociona. E se seu drama real foi viver desde criança dividido entre divãs de psicólogos, a lei de Murphy, o *bullying*, o TOC, a depressão, a mania de perseguição, na sua ânsia de compilar invisibilidades, o BRILHO a que veio destinado lhe aponta que o infinito pode ser logo ali e o que ele chama de azar passam a ser "confusões proporcionadas aleatoriamente pela vida". E nesse vai e vem de passos distraídos nos deparamos com um menino de apenas 15 anos que descobre "o fascínio pela escrita, pelo texto e textão", empresta versos do universo e se torna, na cidade de Ponta Grossa, o primeiro adolescente escritor a receber tantas condecorações. Quem tão jovem escreve mais de 1000 textos? Somente alguém que, como os junquilhos, embriaga as estações e faz das palavras de uma alma em turbulência, blindagem para as fagulhas das incertezas. Sempre a desordenar ponteiros, Alberto Portugal nos revela que tropeços nos ensinam voos mais ousados, adversidades nos impulsionam a surpreendentes façanhas e que, quando aguçamos nossos olhares para o bailado do tempo, viver é tempo que não volta. Por isso tem que ser vivido em toda a intensidade.

São esses segredos que o autor deixa escapar na sua obra *E depois, vocês dizem que eu sou dramático* que tanto nos encantam pelo paradoxo: um menino que apronta tantas peripécias e que, mesmo apesar de todas as suas desventuras, ainda faz com que nos apaixonemos pelo Beto Mochila, o Beto Munheca, o Beto Palhaço Pangaré, o Beto *Flower Man*, o Pai Beto, *Big* Beto, o Beto Coelhinho da Páscoa. Cada leitor há de se encantar como eu. Suas desventuras em série jamais lhe ditaram um código de rendição, nem suas secretas ansiedades reduziram seu silêncio. Ao contrário, preferiu ser como as lavandas que despertam perfume por onde passam. Como as borboletas, que não escolhem pousos, sua obra literária empresta cores para o destino, num aprendizado de que, muitas vezes, devemos fenecer, abandonar nossos casulos para poder abraçar nossas mudanças.

E então... o Beto já não reside mais na clausura das horas, porque descobre que as certezas na maioria das vezes são fugazes, voláteis, efêmeras e que, mesmo que suas conquistas possam ser instantâneas, elas vêm carregadas da sua maior paixão: a arte. Arte de ser, arte de se entregar, se doar e AMAR tudo que faz. Um rosário de conquistas da vida continua a contemplá-lo e sua história mais uma vez nos leva ao arrebatamento. Porque se em seus sonhos a vida pinta a metade de cinza, na "outra metade ele pincela arco-íris". E sua luz brilha.

"Essa era a minha missão como professor: fazer com que aquelas pessoas diferentes se sentissem comuns e me levassem para o mundo delas!"

Quando conheci Alberto, para mim foi um momento marcante, como poucos na vida. Não sei se foi porque ele era Portugal, o mesmo sobrenome da personagem favorita dos meus livros, Corina Portugal, ou se porque ele tinha tanto amor pela minha terra natal que me emocionou quando ele me disse: "O meu lugar no mundo se chama Tibagi!"

De palco em palco... sem muitas metáforas para dar o recado, a vida lhe traz em tempos diferentes dois grandes amores. Gui e Samuel. Um casamento, livre de todas as amarras das convenções.

"Não obrigamos nossos amigos a se vestirem de branco para uma festa no campo ao entardecer, não usamos a bata que tínhamos desenhado, nem chamamos um celebrante com ares de místico".

O amor se fez! Como os vitrais coloridos que iluminam todas as frestas. Com tanto alento e arroubo que despertou nesses dois corações apaixonados o desejo da maior realização de um homem: a paternidade. E nesse mistério invisível de compartilhar amor, sem marcar hora, apenas predestinado pela poeira das estrelas, chega Samuel, carinhosamente apelidado de Chatson. E tudo fica perfeito.

"No dia em que adotamos nosso filho, a roseira do jardim abriu 3 botões. E desde então nunca mais deixou de florir. Acho que porque sempre amei flores, por ser como elas. Como dizia Cecília Meireles:

'Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira!..."'[1]

Dione Navarro

Presidente da Academia Ponta-grossense de Letras e Artes

[1] MEIRELES, Cecília, poema *Desenho*, *in* Mar Absoluto e outros poemas, 1945.

ALBERTOGRAFIA

O convite do Alberto para apresentar o livro, depoimento, narrativa não-ficcional, autobiografia ou como queiram chamar, chegou às minhas mãos no exato momento em que eu refletia e honrava a convivência com a fenomenal Vilma Chiara, recém-falecida. Uma mulher excepcional, incomum, rara, que sabia conviver desde com indígenas isolados do Piauí até gente cosmopolita de Paris. Que forma incomum de adentrar um pedido: Vilma, Alberto e eu, um presente em forma de combinação.

Os antigos maias se dedicavam a ler as estrelas, e curiosamente perceberam que elas também faziam uma leitura nossa, além disso, conversavam conosco. É um diálogo que se processa de modo íntimo, abissalmente pessoal; é confidência individual entre uma estrela e um ser humano. Momento sagrado. Lendo o livro, imagino o Alberto menino escutando estrelas, provavelmente ainda sem saber que se tratavam de nobres e antigas senhoras cósmicas quem lhe falava.

"Sua gentileza ao receber as pessoas em casa era tão grande, que sempre faltavam cadeiras na mesa, mas jamais comida".

Honrar vidas. É o que uma estrela fala. Digna-se a inspirar, fulgurar, perscrutar e revelar a magnitude de tudo que nos abarca.

Para que serve a apresentação de um livro? Apenas para antecipar coisas que o leitor perceberá sozinho? Profundos suspiros após a última página e a sensação é de que não tenho o direito de falar sobre o livro do Beto, de roubar dos leitores o prazer indescritível da descoberta em cada passagem ou o efeito surpresa em cada cena. Uma vida e um relato tão generosos não merecem o egoísmo e o esnobismo de um apresentador fútil a destilar comentários para inflar o próprio ego em se colocar acima dos reles mortais: – Eu já li o livro! Li primeiro! - Essa soberba é nada.

"E eles estavam todos secos, arreganhados, com olhar de piedade por todos os lugares".

Também me pus a refletir sobre como avaliar uma obra. Não cabem critérios técnicos, pois aqui falamos de uma vida. A vida singular do Beto, peculiar, posto que Alberto Schramm Portugal é apenas um, embora

tão talentoso que mais pareça uma balaiada de gente num indivíduo só. Como esta vida contribuiu com outras? Como este ser que aqui tão corajosamente fala pode tornar este mundo melhor? Porque este Beto que gosta de flores e usa sapatos e sofás e jardins floridos, compartilha sua alma colorida e plena em dons – e haja dons! Não sem encontrar percalços a lhe desvelarem os atributos. Os deuses dos entraves que, lançando os desafios, fazem desabrochar qualidades até então desconhecidas. A espontaneidade do Beto em lidar com as automazelas, por vezes em descompassadas querelas, me trouxeram o confronto com a vergonha; senti vergonha por tanta fraqueza em não revelar abertamente meus incontáveis fracassos e erros. Talvez este livro seja uma espécie de divã em forma de papel, pois escancara nossos medos mal assumidos em oposição à franqueza espirituosa do Betinho.

"O problema maior era o banheiro. Sem teto, sem forro. Sem nada. Em plena rota dos aviões recém-decolados. Talvez eles vissem a nossa bunda".

Jóquei, artista plástico, professor, *promoter* de festas, arquiteto, gestor público, ator e qualquer outra coisa que ele quiser. Alguém que veio a este mundo dotado de potencial tão pleno que sempre se amplia, pois que ele segue sua biografia com honra, zelo e boa vontade, intuitivamente colocando em prática os quatro compromissos da filosofia Tolteca: ser impecável com as palavras (aqui até os palavrões são impecavelmente colocados), não tirar conclusões e não levar para o lado pessoal; na maturidade que ele autodenomina imaturidade, reside uma sábia condução, mesmo após os afamados rompantes dramáticos e sempre o olhar que procura compreender pessoas e atitudes; e, finalmente, dar o melhor de si: intenso e profundo, ele nada faz sem mergulhar por completo, sem vivenciar até o âmago das mais ocultas entranhas; e assim o vejo novamente, voltado ao portal das estrelas. E lá vejo a Vilma a observar por todos nós.

"Como poderíamos viver naquela escura caverna com marcas do tempo e da estupidez humana?"

Pelo efeito no leitor se mede a obra. Agiganta a percepção da existência ou faz chafurdar na desgraceira? Desperta o potencial alheio ou comprime o miserê do mundo-cão? Uma vida que toca, que parece passar ao lado. Entretanto, sutilmente, embrenha-se por laços tênues e impulsiona, leva junto a um estado ampliado da percepção e de admiração. A miniatura humana, o microcosmo que somos, parece crescer,

chegar um pouco mais perto das estrelas que tanto ficam a nos inspirar. A leitura da trajetória do Beto tem essa magnitude, como um nascer do sol que reafirma as propriedades da vida, mesmo com as sombras temerárias da noite, no fulgor da manhã se restabelece.

"O tempo parecia não passar. Olhava no relógio e eram 13h30. Oito horas depois, olhava novamente e eram 13h35".

Beto, apesar do lindo sorriso de menino que nunca escapuliu da sua face, você chega aos 35 anos – início do setênio de desenvolvimento da Alma da Consciência, de acordo com a Biografia Humana apresentada pela Antroposofia – com a grandeza dos passos bem caminhados de uma vida tão bem vivida que é impossível seu livro não ser grande, porque você é grande. Não ouso falar mais, pois sua alma se imiscui na eternidade. Obrigada, Vilma. Eu não sei como, de algum modo, sua volta ao mundo espiritual trouxe a biografia do Beto para pertinho de mim.

"Incrível como família pode ser qualquer pessoa com quem a gente se identifica".

Renata Regis Florisbelo,
escritora, presidente da Academia de Letras dos Campos Gerais (2019-2021)
e integrante do Centro Cultural Professor Faris Michaele e da Academia
Ponta-grossense de Letras e Artes.

PRÓLOGO

Esta é a octogésima sexta vez que tento terminar um novo livro. Possivelmente, inclusive, não hei de conseguir, porque não passei da fase sete do *Super Mário*, um jogo de *videogame* que ia até a fase 721. Na verdade, o simples fato de estar vivo já me deixa feliz, porque existem as pessoas com sorte, existem as sem sorte e existo eu, que sou uma categoria ainda abaixo.

Cresci com minha mãe, minha avó e boa parte dos meus amigos, dizendo que sou muito dramático e que as coisas não são tão difíceis quanto eu tendo a representar. Isso até pode ser verdade, mas é o que sou e o que me tornei. Desculpe, gente!

Nunca usei drogas, nem me prostituí, mas ao longo dos meus trinta e poucos anos, além de uma vida intensa, eu me meti em muita confusão. E eu não quis me meter em tanta confusão assim... só que algumas coisas fugiam do controle e, quando me dava conta, lá eu estava: envolvido em alguma encrenca, entendendo que eu não tinha maturidade para ter qualquer tipo de rede social ou para trabalhar em uma multinacional japonesa.

Por esse motivo nunca fiquei muito longe dos divãs de consultórios de psicólogos, que variavam entre roqueiros malsucedidos frustrados e alguns realmente bons no que faziam. Para outros, eu até dei bons conselhos.

Fato norteador deste trabalho é que eu sempre tentei me entender, e provavelmente esta tenha sido a grande falha. A gente não tem idade suficiente para se entender, não acham, crianças?!

Permitam-me apresentar-me: Alberto, 34 anos de idade; filho de Raul e Karin, o segundo deles. Tenho uma irmã seis anos mais velha, casada, mãe do meu sobrinho Raul. Por falar em casamento, embora não tenha rolado uma festa em um clube importante e nem tenha ganhado cristais e faqueiros, sou casado com Guilherme, há um bom tempo. Sou pai do Samuel, que chamo de Chatson e o mais incrível disso tudo é a forma como fatos como esses vieram a mim.

Se um ano atrás eu falasse que hoje estaríamos enfrentando uma nova *peste,* um novo ebola, uma nova epidemia ou pandemia (seja lá como queiram), a maioria das pessoas me acharia completamente louco. Ou então, dramático, afinal, com certeza não seria nada além de um novo H1N1; quando muito um *rotavírus* ou uma outra virose qualquer.

Hoje a gente sabe da gravidade das coisas e por isso fui obrigado, como meio mundo, literalmente, a sentar a bunda no sofá e esperar o tempo passar, numa espécie de *lockdown* fracassado, um isolamento mal isolado, uma quarentena que durou pouco mais que quarenta dias. Se duvidar, é como se tivessem passado quarenta anos.

Colocar a bunda no sofá para passar o tempo pode ser interessante nos dois primeiros dias. Depois, é preciso respirar muito fundo e se ocupar com algo. Eu me ocupei com as lembranças. É que além de muito dramático, tenho imunidade muito baixa, e aí juntou uma coisa com a outra: o medo de morrer e a tentativa de registrar algumas coisas antes de morrer. Porque eu sabia: eu ia morrer.

Minha história até aqui foi linda. Bem linda.

Por aqui, um amontoado de linhas que foram publicadas antes mesmo que os vermes começassem a comer a minha carne e eu pudesse a eles dedicar meu livro. Talvez elas sejam umas quase memórias quase póstumas de alguém que é quase um Brás Cubas. Cubas são drinques preparados com refrigerante de Cola e Rum. Ok. Ok.

A infância de um azarado

Em 1500, o Brasil foi descoberto. Em 1986, o Brasil me descobriu. Embora nunca tenha participado de nenhuma pesquisa patrocinada pela *Discovery Channel*, eu sou aquela pessoa, aquele ser dourado, aquele vírus que veio ao mundo com a missão de comprovar que as leis de Murphy são todas reais e que, se algo pode dar errado... dará.

É incrível o potencial que sempre tive para, mesmo estando em estado de inércia (a física explica), me meter em tanta confusão. E a primeira vez que decidi não fugir dessa verdade absoluta foi neste exato momento, quando conversando com minha cunhada, e contando do dia anterior, em que fiquei preso dentro do carro com a chave presa na fechadura (o que, acreditem: trava todas as portas pelo lado de dentro) ela disse:

– Meu Deus, Beto! Você tem que escrever um livro.

A sugestão dela não poderia ser mais interessante, porque realmente seria legal se algumas pessoas soubessem que eu nem sempre quis que as coisas fossem tão cagadas. De repente, enquanto a gente conversava em um degrauzinho e fumava um cigarro, alguém do prédio ao lado arremessou um quibe pela janela. Sim. Um quibe me atingiu. E eu cheguei à conclusão de que minha história era, sem dúvida, estranha.

Quando eu nasci, meu pai ficou meio assustado, porque eu tinha uma cabeça cônica, segundo ele mesmo. Era uma criança bonitinha, mas desproporcional, e o médico, observando a preocupação no olhar daquele jovem advogado, disse-lhe que era aquilo mesmo, não ia mudar.

Não sei se meus pais, escondidos, não sentavam na minha cabeça com o intuito de que ela reduzisse de tamanho, ou a apertavam com alguma coisa. Eles dizem que não, mas até os meus 18 anos estava tudo normal.

Quando eu fiz um ano, o tema do meu aniversário era Fórmula 1. O evento, organizado cuidadosamente por Raul e Karin, esses que me pariram, ocuparia um clube da cidade e receberia centenas de convidados.

Por todos os lados havia bandeiras quadriculadas, pódios e troféus. E, também, claro: carrinhos. Na verdade, esse lance de tema de

aniversário de bebê é meio zoado, porque não me lembro de crianças que tinham alguma coisa a ver com o tema de seus aniversários. Enfim, durante a festa, todos muito elegantes degustando elegantes coxinhas e elegantes pastéis (naquele tempo não existia essa putaria de coisas *gourmet*), o *longplay* da Xuxa correndo solto, e meu pai preocupado que o fotógrafo não estava conseguindo me fotografar porque eu não parava quieto. Ficava dizendo "Espere, porque ele vai parar quieto. Não, não queime nenhuma chapa se ele estiver se mexendo. Não, vai ficar borrada a foto".

Em suma, depois de horas e mais horas, o rapaz conseguiu que eu ficasse estático, mas durou muito pouco. Como forma de protesto, eu me joguei de cabeça no chão, causando um barulho tão estridente que até a Xuxa parou na radiola. Resultado disso foram as centenas de fotos com um galo gigantesco na cabeça. E desde então, minha mãe passou a argumentar tudo com "porque o Beto é muito dramático". Tipo assim:

– Nossa, cara! Não sei o que fazer com essa dor no peito.

– Não ligue, Dr. Cardiologista. O Beto é muito dramático.

Além da dramaticidade inerente, eu fui prejudicado também pela sorte. Por vezes entendi que se eu fosse à Disney haveria o risco de ser estuprado por aquele ratinho-amado-de-que-não-vou-falar-o-nome (porque tenho medo do Walt voltar e me processar). Dada noite, ainda no berço, uma vidraça de meu apartamento se quebrou e me encheu de cacos de vidro. Não foi uma pedrada, foi apenas um choque térmico. Que tipo de pessoa é atingida no berço por um choque térmico? Eu!

Mas a minha infância foi saudável. Até os sete anos morando em apartamento, sem internet e sem televisão a cabo, brincando com uma menina japonesa do oitavo andar e sem animal de estimação, porque sou muito alérgico.

Dividia meu tempo livre entre destruir alguma coisa para entender seu funcionamento e avaliar minha irmã desfilando no corredor de casa. Ela sonhava ser modelo, tipo a Gisele. Ia de um lado para o outro feito louca, rebolando e se equilibrando em enormes saltos altos.

Cara, como as pessoas sobreviviam sem computador? Sem *YouTube* ou *Netflix*?

Foi quando estávamos indo embora para outra cidade, que meu pai passou num concurso para juiz e adquiriu um supermoderno *desktop Pentium*, algo tão tecnológico que tínhamos que fazer quase uma facul-

dade para lidar com ele. Coisa sinistra abrir a tela preta e ficar digitando códigos tipo *Matrix*. *Dir/w ms.dos.*

Uma manhã, meu pai chegou em casa entusiasmado demais porque havia adquirido de um caixeiro viajante um jogo de computador. UM JOGO! DE COMPUTADOR! Era um Mário (sabe o Mário? Risos). Mais parecia estes *Minecrafts* de hoje em dia, bem malfeito. E bem conversadinho, eu poderia jogar uma hora por dia. Desde que estivesse com as mãos limpas, as tarefas feitas, o quarto arrumado, não tivesse brigado com minha irmã, não tivesse desmontado nada para ver por dentro, e não acessasse nenhum programa que não fosse o Mário. Esta última parte eu jamais conseguiria, porque era tanto código que estava mais fácil chegar à Lua. A compra de um computador era motivo para inauguração, para eventos. Meus avós vieram especialmente ver a máquina nova e meu avô nitidamente se emocionou.

Provavelmente na segunda vez que liguei o Mário, começou a maldição que até hoje me ronda: tudo aquilo que for de teu pai, ao toque de teu dedo estragarás.

Pronto, voltamos a avaliar os desfiles de minha irmã e a brincar com a criança asiática do oitavo andar. Quando muito, para tomar um sol recomendado por médicos, já que eu sempre vivi doente, íamos a algum dos 35.336 parques curitibanos.

Dada vez fomos a um parque chamado Parque do Papa, localizado em um bosque bonito, com aspecto de floresta encantada. E minha mãe, com o discurso de que "o Beto é muito elétrico, precisa descarregar as energias" insistiu para que eu pisasse na grama. "Tire o tênis, filho, tire o tênis". Foi encostar o pé na grama e uma abelha picou a planta do meu pé de moça, causando um quase edema de glote e uma quase paralisia infantil. E atrás, minha mãe dizendo "puxa, filho, que azar! O Beto é muito dramático! Hehehe". O parque inteiro assistiu à minha falta de sorte.

Mas isso não foi importante. Importante mesmo foi quando nos mudamos para uma cidade pequena, quando eu me despedi da criança asiática do oitavo andar, e fomos descobrir as maravilhas da vida no interior. Meu pai, muito jovem assumiu o cargo de juiz substituto em Pato Branco e isso poderia ser uma fala da imortalizada Bozena, personagem de Alessandra Maestrini em *Toma Lá Dá Cá*. Da cidade, nem me lembro. Mas me lembro de que morávamos em um prédio azul e rosa, repleto de moradores beirando os setenta anos. Um prédio desses que é o inferno de toda criança. Zero lazer, zero criança para brincar e uma mente entediada.

Tinha uma varanda. E tinha uma papelaria próxima. E tinha a extinta cultura das "rabiolas", que embora tenham nome que remeta à sexualidade, nada mais eram que tiras de papel emendadas que as crianças inteligentes controlavam a voar, através de suas sacadas. Como bom *gay* juvenil, tomei por base a tendência da moda e, enquanto os outros usavam até folha de jornal, que apresentava maior aerodinâmica, fui até a papelaria e comprei papel laminado dourado. Cortei elegantemente as tiras, colei umas às outras e ostentei meus duzentos metros de rabiola dourada. Mas, quase como se Deus avisasse que ia dar cagada, quando minha mãe chamou para almoçar, não reclamei. Amarrei a dita rabiola no guarda-corpo da varanda e entrei. No meio da refeição, um estouro fez tremer o prédio. Sério mesmo. Acabou a luz e queimou a máquina de lavar louça. Como aparentemente era um ataque terrorista, ninguém se atreveu a ir para fora. No máximo correr para o corredor para ver se não havia ninguém morto ou ferido do lado de fora. Tínhamos algum compromisso na rua, e descemos os oito andares pela escada.

– Seu Ismario, o senhor sabe o que aconteceu?

Lembro-me em detalhes da cara do porteiro. Ele tinha uma cara de sapo e umas verrugas na testa, o que evidentemente deixava qualquer criança apavorada.

– Ah, doutor. Alguma criança retardada fez uma rabiola de papel alumínio e ela encostou nos fios de alta tensão...

Meu pai riu e ao entrar no carro perguntou para a minha mãe o que era uma rabiola.

– Não sei também – disse ela. – O que é rabiola, Beto?

– É um tipo de animal, mãe, que mora na Amazônia...

Que audácia desse porteiro. Chamou o meu laminado dourado de papel alumínio!

Percebendo que eu precisava de mais espaço, meus pais decidiram se mudar para outro prédio, mais arejado e com piscina. Lá foram, em mais uma mudança, os Portugal. O prédio era um tesão. *Playground*, piscina, churrasqueira. Calor em Pato Branco, janelas abertas. Mas como já disse outras vezes, sorte não é o meu forte. Choveu torrencialmente por três meses e eu não fui à piscina nenhuma vez. Quando chegou a estiagem, já estávamos de mudança: meu pai foi transferido para uma delicada cidadezinha no norte do estado e a viagem para lá demoraria bastante, mas o local valeria a pena.

Bastante? Eu falei que demoraria bastante? Demorava o caralho! Longe de tudo, para chegar à cidade era preciso atravessar uma balsa. E não tinha padaria. O meio-fio da única avenida era a divisa entre a Terra e Marte. Minha mãe esboçava alguns grunhidos de insatisfação, mas como sempre, ela foi muito forte e optou por não se manifestar. Priscilla usava um *walkman*, uma espécie de primata dos fones de ouvido e ouvia algo como *Guns N' Roses*. Meu pai estudava uma forma de a balsa não afundar com todos dentro do carro e eu temia que o prefeito da cidade fosse um cacique indígena canibal que nos comeria vivos.

Tudo bem, tudo ótimo. A casa que seria nosso lar realmente era muito boa. E já de cara, na chegada, meu pai tirou de dentro do caminhão uma bicicleta que eu nunca tinha usado e sacou três reais da carteira, para meu deleite. Provavelmente eles queriam paz para arrumar a casa e isso só seria possível se eu estivesse ocupado com alguma coisa. Minha mãe só queria ligar o ar condicionado, porque naquela cidade nem vento conseguia chegar. Provavelmente, não chovia havia meses.

Pilotando minha bicicleta com a maior sensação de liberdade da vida, fui até a praça principal, localizada a cinco ou seis quadras de casa. Lá havia uma banca típica de cidade do interior que vendia fumo de rolo, sorvete de gelatina, botina e traque. Traque. T-r-a-q-u-e, que, para quem não sabe, é um tipo de bombinha em formato de fósforo com um estouro bem agudo.

Que maravilha! Que mágico! Eu, que mal ia até o *playground* do prédio sozinho, agora estava livre e solto com meu próprio veículo, soltando bomba na terra primitiva! Catei uma lata de refrigerante, enfiei a bomba dentro e... BAM! Enfiei a bomba em uma laranja e... BAM! Tudo era muito novo e, quando vi uma árvore de butiá no meio da praça, não tive dúvidas: enfiei o traque nela. Só que não explodiu.

A árvore seca e arreganhada simplesmente incendiou-se. Foi uma correria dos indígenas, digo moradores, que vieram com baldes de todos os cantos, desesperados pela iminente destruição daquele símbolo local.

Bombinhas nunca foram artefatos que dessem certo nas minhas mãos. Uma vez, eu e minha prima conseguimos jogar um traque dentro de um carro que passava pela rua. Estourou no colo do motorista. Mas o episódio em *never never never land* tornou-se talvez meu maior feito diabólico. Meus pais nem brigaram tanto, porque eu estava sofrendo muito, era muito dramático e estudaria em um colégio de freiras, o que poderia ser eficiente. Mas não foi. Eu saía do colégio e ficava trepando

nas árvores do quintal, feito macaco. Uma vez, eu caí de costas na frente de Priscilla, que quase morreu de tanto rir, porque eu bati os pulmões e fiquei sem ar.

E por falar em cair, outra graça de minha vida foram os tombos, que não foram poucos.

Mas o ápice da minha trajetória infantil talvez tenha sido no ano em que fui eleito por unanimidade o rei mirim do carnaval de São Mateus do Sul, título que coroava o folião com mais alegria, mais ânimo, com a melhor fantasia e mais simpático. Não que isso fosse muito difícil nos idos de 1995, porque afinal de contas desde então o tal do carnaval já estava morrendo e as pessoas queriam mesmo ralar na boquinha da garrafa. A gente rodava num único sentido do salão, indo em sentido horário, quase se quebrando nos confetes que deixavam o piso mais liso ainda. Ia confete na boca, no olho, até no ânus aparecia. E quando as pessoas eram mais normais, usavam um meio-termo entre lança-perfume e *spray* de espuma: uma garrafinha tipo um extintor em que ia água. Ficava uma beleza aquele confete de papel higiênico reciclado grudado numa mistura de suor com maquiagem e a tal água suja! Mas como um quase *Mister* Universo, eu me emocionei muito com a apresentação do resultado na última tarde de matinê e, ao receber a coroa (provavelmente arrancada do vestido de casamento da filha do presidente do clube), a faixa e o troféu, eu me senti muito importante e com a certeza de que seria historicamente lembrado. Ao chegar em casa, o troféu foi colocado em uma mesinha ao lado da minha cama, para que todo invejoso *junior* que me visitasse soubesse de minha realeza. Era daquele tipo "Honra ao Mérito", com um anjo "asudo" sobre uma bola, inteiro dourado e "emperiquetado". Ao acordar na manhã seguinte, como criança hiperativa que era... que sou... resolvi fazer uns exercícios acrobáticos na cama, pulando alto no colchão de molas. Contudo, prejudicado de sorte, errando a aerodinâmica do salto, caí sentado sobre a asa do anjo. Na bunda. E mesmo sendo o troféu construído em plástico, a ponta era suficientemente afiada, a ponto de ocasionar um talho capaz de abrigar seis pontos. Agora imagine a vergonha quando perguntavam por qual motivo eu estava mancando... "Ah, é que eu rasguei a bunda num troféu...".

Priscilla riu incessantemente e até hoje, certamente, cada vez que vê um troféu parecido fica por dentro tecendo comentários maldosos.

E não, isso não teve nenhuma relação com a minha homossexualidade durante minha infância.

Hormônios. Ah! Hormônios!

Ah, a adolescência! A época da voz engrossando, dos pelos surgindo em todos os lugares, dos hormônios. Já fazia um tempo que morávamos na cidade primitiva e numa manhã, a empregada de nome Luzia entrou pelo corredor aos berros.

– Dona Karin, dona Karin! Misericórdia em Cristo, os sem-terra estão querendo invadir a casa.

Minha mãe deu um passo de capoeira, saiu fechando a casa toda e gritou pra que Luzia chamasse a polícia. Mas a moça não sabia nem pegar no telefone. Também não adiantaria nada, porque não havia nenhuma viatura de plantão de um total de duas que serviam a região.

Meu pai estava no fórum, bem de boas trabalhando quando ficou sabendo do protesto em frente à sua casa. Saiu desesperado, a pé, mas como ele é dotado de sorte, enquanto vinha por uma rua, os sem-terra descobriram que ele estava no fórum e subiram pela outra. Um caos na pequena e pacata cidade. Em meu desespero, eu podia subir à casa da árvore e correr o risco de quebrar a espinhela ou... ou entrar no guarda-roupa. E foi o que fiz. Lá de dentro eu tentava sondar a chacina que provavelmente aconteceria em nossas vidas nos próximos minutos mas, Priscilla só dava risada e nada a ver. Os manifestantes eram relativamente do bem. O fato é que meu pai estava julgando alguma reintegração de posse e a galera ficou meio cabreira.

Tempos depois, veio outra transferência. Meu pai agora assumiria um novo mundo chamado Coqueiros, uma cidadezinha bem mais perto da família, com bem mais estrutura, um comércio mais ativo e outras tantas vantagens... que não existiram depois de chegarmos, porque não encontramos nenhuma vantagem. Fomos em busca de uma casa para alugar e o único imóvel disponível era uma antiga churrascaria no centro da cidade. Tudo bem, a gente sobreviveria a morar em uma casa com dois banheiros, sendo um verde e um rosa, um ao lado do outro. A cozinha era um sonho. A sala então, nem se fala: dava para fazer um baile gaúcho com duzentas pessoas. Ruim mesmo era dividir meu quarto com minha irmã, com uma decoração da Mangueira, porque a mobília dela era cor-de-rosa e a minha era verde.

– Viu, vizinha, só tome cuidado porque Parmera é terra de escorpião – disse a vizinha do lado para a minha mãe, já na chegada.

Pronto. Bosteou-se tudo. Já no primeiro instante minha mãe começou a surtar e antes de deitarmos nas nossas camas ela fazia a inspeção. Para ir ao banheiro, ela ia antes, para ter certeza de que não tinha nenhum bicho dentro do vaso. Para comer, era uma sessão.

Foi em Coqueiros que eu tive minha primeira briga física. Um piá disse alguma coisa para mim que, inclusive, sequer lembro. Meu tio estava de visita em nossa casa e entrei para contar do desaforo do piá.

– Seja macho, vá lá e dê um soco nele.

Eu fui, mas não sabia dar socos e por isso dei um tapa. O menino ficou irado, me derrubou e começou a me chutar. Era um polacão grandão que aparentemente queria muito me deixar na cadeira de rodas. A pauta era algo relacionado a futebol. Ele queria alguma função, mas como a bola era minha, era eu quem mandava.

Foi vivendo em Coqueiros que eu tive meu primeiro amor, uma tal de Geisy, que era filha de um rico comerciante de calçados, dono da Pague Muito Pouco Calçados. Era só virar a esquina da nossa casa/churrascaria e já se chegava à loja. Mas a Geisy tinha um probleminha: ela era meio sapatão e se eu gostava de assuntos mais delicados, ela estava muito decidida a discutir a rotina do Romário e os modelos de carros alternativos. Eu queria falar de arquitetura clássica e ela do novo modelo *Dodge Ram*.

Graças a Deus, meu pai foi transferido novamente, pouco tempo depois que chegamos, porque provavelmente eu apanharia dela também. Eu nunca entendi por que seu pai tinha uma loja de sapatos se ela insistia em andar só com sandálias do tipo *Senninha*.

Desta vez meu pai decidiu ir antes para a nova cidade, filmar tudo com uma filmadora JVS, daquelas que gravavam em fitas pequenas. Era Araguaí, uma cidade quente de trincar os ovos, localizada em um lugar incerto e não sabido, com pessoas bairristas ao extremo que usavam dialetos próprios para definir coisas comuns. Balança, de parquinho, por exemplo, era chamada de "balango". Lá, mais uma vez, meus pais insistiram em me colocar nos eixos matriculando-me em escolas religiosas. Era um tal colégio São Vicente de Paula, com um uniforme péssimo: azul-calcinha e com a camiseta estampada com a cara do tal santo. Não sei se era coincidência ou falta de opção, mas 99% dos 199 colégios em que estudei eram regidos por freiras, freis, monges ou outras denominações religiosas que não sei explicar. Neste caso, a Irmã Lucia, diretora, era muito amável, usava um chinelinho *Rider* de couro sintético e até dirigia uma Kombi com cortininhas azuis. A

escola ficava localizada em uma via movimentada da cidade e alguns muambeiros vendiam coisinhas legais na calçada.

Um detalhe que talvez eu tenha me esquecido de contar é que meu pai sempre foi neurótico com seus automóveis. Mas entenda: neurótico a ponto de sofrer se a gente comesse um pacote de bolacha dentro do carro.

Um dia, já no começo da vida no novo "mundo Araguaí", meu pai tentando me conquistar e amenizar toda aquela mudança, comprou um adorável bichinho artesanal feito com uma bexiga. Era uma bexiga de látex com olhinhos, cabelos, e com alguma coisa dentro que permitia mil modelagens diferentes. Priscilla estava atrasada para a sua aula e meu pai chegou às pressas para me buscar, comprou o tal bicho, me colocou dentro do carro. Chovia a cântaros. Eu estava encantado com aquele *souvenir* contemporâneo, capaz de modelar-se como magro, gordo, alto, baixo, triangular. O que o vendedor não mencionou é que o material era frágil e que dentro dele havia farinha de trigo. Explodiu. Dentro do carro. Grudou na água da chuva, no uniforme molhado, no estilizado uniforme de Priscilla. Meu pai chorou uma lágrima de desgosto.

Desgosto mesmo, porém, aconteceu quando percebi que a vizinha da frente apanhava do marido. Eu era só um pré-adolescente que, na verdade, nem sabia que existia o termo "pré-adolescente". Fiquei em choque quando numa madrugada ouvi o marido da mulher da frente chegando em casa, totalmente embriagado, e começou a brigar com a moça, no corredor. Eles eram pais de duas meninas superqueridas, que vieram a ser minhas amigas. Mas as brincadeiras sempre aconteciam no corredor, no *hall* de entrada ou em meu apartamento, porque o tal marido não gostava de bagunça e ficaria nervoso se alguma coisa saísse do lugar.

Foi com a menina que perdi meu BV que, para quem não sabe, no século retrasado era um termo usado para pessoas que nunca tinham dado um beijo. Com a Geisy, do Pague Muito Pouco Calçados, eu não tinha essas saliências, mas com a Tifany Cristiny sim. Beijei a menina, aos 12 anos, e fiquei subindo sete andares pela escada durante dois meses de medo de encontrar meu primeiro sogro, alcoólatra, violento e enorme, no elevador.

As irmãs do Vicentão, como chamávamos nosso colégio, decidiram promover uma noite de talentos! Ah! Os talentos e o meu interesse pelas artes e pela cultura! Não me restavam dúvidas: eu e Tifany Cristiny

iríamos nos apresentar com alguma coisa, fosse uma esquete de teatro, uma música ou uma coreografia.

Acompanhávamos diariamente o painel de inscrições fixado no corredor do colégio e ficávamos entusiasmados com as poucas inscrições. A que menos chamou a atenção dos alunos foi dança e exatamente por isso decidimos explorar esta manifestação cultural tão nobre. Fomos às referências e descobrimos muitos ritmos, como *jazz*, sapateado, *axé*. Mas entendemos que, por sermos apenas dois, algo como o "ritmo quente" de *Dirty Dancing* poderia ser interessante.

Entretanto, meu sogro alcoólatra, violento e enorme, não poderia jamais nos ver ensaiando, por isso fazíamos os ensaios na garagem do edifício, no salão de festas, na escada de emergência. E dado dia, meus pais iriam a um jantar. Minha mãe e meu pai sempre tiveram uma vida social acentuada, com muitos eventos de gala e coisas filantrópicas. A mãe de Tifany Cristiny sabia de nossa apresentação e, além de dar toda força para nosso sucesso, acobertava a preparação para o grande dia da Mostra de Talentos do Vicentão.

Era sexta-feira quando matei a guria. Meados de julho e, naquela terra, embora não fizesse frio, estava frio. Tifany Cristiny, em um pijama de cavalinhos, atravessou o corredor, entrou em minha casa, instalou a radiola, colocou o LP de Patrick Swayze e começamos os passinhos. Um para um lado, três para o outro, quadradinho, sobe no cangote, gira lá em cima e...

Eu juro pelo que tenho de mais sagrado que não entendo o que aconteceu. Juro. Juro do fundo do meu coração. Não me prendam. A menina simplesmente veio abaixo, de nariz no piso de ardósia. O barulho foi tão alto, mas tão alto, que Priscilla saiu do quarto dela, do outro lado da casa, e abriu a porta assustada. Tifany Cristiny estava com a cara enfiada no chão ainda, sem reação.

– Meu Deus! O que você fez com ela? Hahahahahaha – gargalhava minha irmã, num misto de todas as emoções do mundo.

Tifany Cristiny levantou depressa, com a cara lavada de sangue, segurando o nariz, sem entender nada do que acontecia. Foi correndo para o banheiro e dizia para minha irmã que ela, teoricamente, era a pessoa mais velha, responsável, entre nós três sozinhos naquele apartamento ensanguentado.

– Será que eu quebrei meu nariz? – disse Tifany a Priscilla.

– Hahahahahaha – ela não conseguia fazer nada além de rir.

Não existia celular nessa época. Se tivesse, eu teria chamado meus pais, que provavelmente diriam "o Beto é muito dramático". Depois de quase uma hora se esvaindo em sangue, Tifany decidiu ir para casa, meio que se arrastando pelo corredor, mas quando abrimos a porta, o elevador apitou e quem estava chegando era seu pai, praticamente embalsamado em conhaque ou qualquer outra bebida fedida. Mais que depressa enfiei aquela quase Carrie (a Estranha) para dentro, voltei correndo para casa, coloquei todas as travas nas portas e avisei minha irmã que eu seria assassinado nas próximas horas. E a resposta dela foi consoladora:

– Hahahahahaha! Você hahahahaha... não... hahahahaha fez por... hahahahaha... querer... hahahahaha...

Ah! São doces lembranças de minha pré-adolescência.

Meu aniversário naquele ano seria uma festa histórica. Eu sempre soube fazer festas, sempre gostei muito de comemorações.

Quando criança, depois da festa de Fórmula 1, aos cinco anos, fiz meu aniversário com a temática arco-íris. Foi lindo! Sem nenhum sentido específico, o painel atrás do bolo era uma bandeira colorida. No ano seguinte, o tema eram pirulitos gigantes, tudo cuidadosamente preparado por minha tia Cláudia. Aos oito, fizemos uma festa do Aladim, cujo personagem não aparecia em lugar nenhum. E aos onze, para ser mais diferente ainda, produzimos um *Halloween*. A festa estava linda, com teias de aranha, monstros nas paredes, coisas estranhas para comer. Começaria às 15 horas, no salão de festas do prédio em que morávamos eu e Tifany Cristiny, a menina com nariz diferente. Meus pais convidaram alguns amigos externos, como juízes da cidade, um povo que eu não conhecia, mas que certamente me daria presentes. Uma cozinheira foi contratada para fazer salgados na hora, e refrigerantes gelados seriam servidos. O som ligado reunia as adoráveis músicas das *Spice Girls* e músicas heteronormativas do segmento.

Às 16 horas nenhuma alma viva tinha chegado na festa. Às 18, eu já estava quase me enfiando de cabeça dentro da bacia de óleo da tia das coxinhas. Às 20, minha mãe, muito preocupada com meu estado emocional, decidiu cantar os parabéns, junto com minha irmã, que permanecia rindo e olhando para a cara de Tifany Cristiny (a única convidada presente). Foi triste. Foi bem triste.

Na semana seguinte, descobri que ninguém tinha ido ao meu aniversário porque eu era filho de juiz e não tinham roupas adequadas para uma festa tão requintada. Oi?! Até a Irmã Lucia do Vicentão e seu chinelo *Rider* sintético tinham sido convidados! Era um *Halloween*, não uma entrega do Oscar.

Não demorou muito e, atendendo aos pedidos meus e da minha irmã hiena, meu pai pediu transferência. Já estava na época de assumir uma comarca final, e Ponta Grossa, no interior do Paraná, a 110km de Curitiba, abria vaga.

Mais uma vez, estava minha mãe encaixotando coisas, embalando taça por taça de cristal, quadro por quadro, prato por prato, mas sob a promessa de que lá, naquela cidade, permaneceríamos por pelo menos uns anos. Ela não aguentava essa vida nômade de a cada ano desmontar os móveis.

Meu Deus! Ponta Grossa era uma cidade linda! Era uma cidade mágica, enorme, parecia uma metrópole. Lá poderíamos realizar vários sonhos, fazer coisas tipo *Kumon*, que a gente nunca soube para que servia, mas que os jovens faziam...

Alugamos um apartamento gigantesco, com suítes para todo mundo, com salas e mais salas e de frente para uma praça. O prédio tinha *playground*, salão de festas, churrasqueira.

Já no primeiro dia morando no lugar, fiquei encantado com a quantidade de gente que usufruía das áreas de lazer, caminhando, correndo, jogando bola. Na verdade não, porque desde Coqueiros eu havia me desinteressado por bola. Mas os adolescentes tinham o estranho costume de fazer festinhas americanas (meninas levam comida e meninos se esquecem da bebida e ninguém toma nada) ao som de Marisa Monte. Entendo que Marisa Monte não seja muito usual, mas diante do lançamento dos *CD players*, era o que nós tínhamos para tocar, porque só as pessoas adultas muito responsáveis poderiam ter um frágil *CD* que riscava facilmente. Passávamos a tarde de sábado jogando basquete. Uma vez, um menino me convidou para participar da escolinha de basquete de seu colégio, e eu fui, muito certo de que tinha talentos como Michael Jordan. Já imaginava meu nome artístico sendo conhecido como *Big* Beto. Os filmes da época eram sempre relacionados a basquete e o esporte da moda estava fazendo a cabeça da piazada. Não demorou muito para que eu descobrisse que não tinha porra de talento nenhum, que não sabia nem quicar a bola e muito menos enfiá-la na cesta. Fui insistente, mas desisti quando, certa

vez, literalmente pisei na bola e quebrei o pulso, ficando conhecido por um tempo como *Big* Beto Munheca, o homem que pisa na bola.

Mas quando anoitecia, a gente tomava banho, vestia uma roupinha engomadinha e ia até a churrasqueira com os *Cds* da Marisa Monte, para dançar em par, a cinco metros de distância das meninas.

Foi numa dessas que conheci as três irmãs de nomes compostos: Maria Eudélia, Marina Sílvia e Rita Juliana. Eram esquisitas, compridas demais, mas muito risonhas. Aos treze eu já cogitava casar e quando soube que Maria Eudélia era boa de briga, decidi que namoraria com ela, porque, caso algo de errado acontecesse, ela poderia me defender. Não lembro se era Karatê ou *Muay Thay,* mas a mocinha era das artes marciais. Só que a irmã dela, Marina Sílvia, era muito competente na cozinha e aos doze anos já mandava muito bem no bolo de chocolate e na *mousse* de maracujá. Por isso, evidentemente com interesse, acabei por ficar com a segunda que, além de tudo, era mais nova, mais baixinha e ninguém iria achar que era minha irmã. Priscilla, nessas horas, socializava com a galera do salão de festas. Ela já era maior de idade e inventava coquetéis alcoólicos com uma amiga de nome Vanderléa.

Enquanto eu beijava Marina Sílvia na boca, sem a menor vergonha dos outros jovens que estavam na churrasqueira, Rita Juliana, minha cunhada bem mais velha, ia escondida beijar seu pseudonamorado, um engomadinho que estudava no colégio da elite da cidade.

Maria Eudélia ficava lustrando os *CDs* para que as músicas não parassem de tocar em algum momento impróprio.

Aí, chegava o Cipriano, porteiro do prédio, acendia a luz e dizia:

– Deu a hora, gurizada, vão pra casa.

Este fato não seria relevante, se a gente realmente fosse embora. Mas fazíamos cara de paisagem, nos escondíamos na escada de emergência e logo voltávamos.

Pela primeira vez na vida eu estudava em um colégio que não era de freiras. Sentia falta das músicas que a Irmã Lucia do *Rider* sintético cantava, e dos passeios de *Kombi* que fazíamos com ela. Sentia falta dos amigos como Tifany Cristiny, e sentia muita, muita falta da escola anterior. O colégio agora era grande, tecnológico, e cheio de gente burguesinha que quer saber de sua procedência e seu sobrenome. Eu, por exemplo, tinha um sobrenome diferente, não tinha família na cidade, e era tido como um reles mortal entre tanta gente branca alienada.

Em uma manhã qualquer, saí atrasado para o colégio e quando cheguei percebi que todos ficavam rindo da minha cara. Andei pelos imensos corredores até chegar à minha sala e uma menina de nome Daiane ficou muito séria quando viu que estavam tirando o maior sarro da minha cara. Ela colocou a mão no meu ombro, me conduziu até a sala e ficou me acalmando, mesmo que eu nem estivesse nervoso. Me dizia para não ligar e eu, sinceramente, não estava ligando, porque não estava entendendo.

– Fique calmo, Beto. Vá ao banheiro e só mude sua calça de lado, porque ela está do lado avesso – disse ela, toda serena, a mim.

Eu comecei a rir, mas fiquei um pouco nervoso. É incrível como aos 13 anos a gente fica nervoso com tudo. Arrumei a calça e, quando eu estava saindo, ouvi a Daiane, de cima de um banco, dizendo aos outros colegas:

– Vocês não percebem que ele tem problema mental? Parem de maltratar o menino, coitado.

Não, moça! Pera aí. Hein?! Não! Calma! Fiquei dentro do banheiro pensando em qual motivo ela tinha para achar que eu era um aluno de algum projeto de inclusão social. Coisa mais estranha.

Eu odiava estudar naquele colégio. Certa vez, fui obrigado pela diretora a jogar em um campeonato de futebol interescolas. Eu disse que não aceitaria de jeito nenhum, porque detestava jogar bola, porque minhas experiências eram péssimas, porque meus rins não funcionavam direito e, enfim... "O Beto é muito dramático".

Mas, com a chantagem de que o colégio inteiro seria prejudicado, visto que não havia meninos em quantidade suficiente para completar o time, eu me senti forçado. Inscrição feita e com a condição de que não me obrigariam a treinar em horários extras além das aulas de educação física, chegamos ao ginásio no dia do tal jogo. Centenas de milhares de pessoas nas torcidas. De um lado, a torcida do colégio do tal menino engomadinho que namorava a irmã de nome composto número três, a Rita Juliana. Do outro, a do meu colégio, com pompons amarelos, faixas dedicando amor a nós, e aquela pressão desumana aos "guerreiros" do colégio!

Para começar, eu já estava desconfortável com aquele uniforme de goleiro. Já não me sentia flexível usando uma caneleira. E já havia avisado ao mundo que ser goleiro era muita responsabilidade para mim, que nunca tinha sido goleiro e que deixava escapar até o sabonete durante o banho.

Contudo, para cumprir a promessa de que representaria meu time, entrei em campo, tão satisfeito quanto quem entra em Auschwitz.

O juiz apita, a bola começa com o time contrário, ela vem vindo, vem vindo, vem vindo... alguém da torcida contrária grita "Vai, frangueiro!". Eu fico aflito, o coração começa a acelerar, eu começo a gritar, as pessoas começam a gritar. A expressão de pânico do meu time era visível, e tudo começou a ficar em câmera lenta. Por Deus, meu braço esticou uns oito metros para o lado e eu consegui (sem cair daquela forma ridícula que todo goleiro cai), pegar a bola. A torcida do colégio começou a me ovacionar. Todos de pé gritando meu nome e por um momento eu poderia viver com o sonho de ser um jogador profissional. Naquele instante pensei em quanto fui imprudente por não ter treinado nenhum dia a mais, e como poderia estar melhor se tivesse me dedicado ao novo esporte que já estava amando intensamente.

Peguei a bola com as duas mãos para jogar para os meus melhores novíssimos amigos do time de futebol, fiz um esforço enorme e pá! Caiu a bola. Dentro do gol. Do meu gol. Do gol que eu tanto protegi, com amor, afeto, carinho. E agora, quem gritava meu nome e me ovacionava era a torcida contrária.

Quase quis a morte. Mas pensei: não, hoje tem festinha americana na churrasqueira e a Marina Sílvia estará lá me esperando.

Ao chegar, um clima de velório tomava conta do ambiente. É que Rita Juliana estava muito triste, porque decidira terminar seu namoro com o engomadinho da escola contrária. Ela chorava baixinho e quando me viu me abraçou, dizendo "que bom que você namora a Marina Sílvia".

No meio da conversa, ela me contou que não aguentava mais namorar o Tupich, porque na escola diziam que ele era boiola, só porque dançava balé.

Que absurdo! Que calúnia! Que falta de tato! Maria Eudélia inclusive estava disposta a bater naqueles pequenos delinquentes que afirmavam tão convictos que um de seus cunhados era *gay*.

E eu, por algum motivo sinistro, me interessei pela história. Talvez porque eu também fosse diferentão e me interessasse pelas artes.

...

Lembra quando minha mãe aceitou se mudar se nós permanecêssemos na mesma cidade por pelo menos alguns anos? Sim, meu pai não

mentiu. O problema é que ele estava decidido a sair do aluguel e comprar um apartamento. Vimos uns mil, mas o que mais agradou meus pais ficava em um prédio cujo síndico se chamava Guaraciba. Ou algo assim. E é evidente que, em meu desprovimento de sorte, o prédio seria lindo, o apartamento também, mas onde, acima de meus pais, a pessoa mais nova teria 153 anos de idade. Sob todos os protestos possíveis, nos mudamos para o apartamento 41, onde, de fato, permaneceríamos pelos próximos oito anos. Puta merda! Eu fui muito um "piá de prédio" mesmo. Cheguei até a garagem, andei de patins e a zeladora, uma polonesa de quase três metros de altura, de nome Poslka, disse que eu deveria fazer amizade com o menino de nome Ebenezer, morador do andar acima do meu. Eu nem podia acreditar que havia alguém da minha faixa etária no mesmo condomínio e que seria meu melhor amigo para sempre, por toda a vida.

Cheguei à porta de sua casa, toquei a campainha, ele atendeu e disse um gentil:

– Quê?!

– Oi, eu me mudei pra cá e vim conhe...

– Cer quem?

– Conhecer você.

– Táááá... – e bateu a porta na minha cara.

Ô rapaz babaca...! Eu, cheio de ideias para matarmos o tempo, cheio de assuntos para conversarmos... mas não. Ele preferiu ser antipático de cara.

Eu não estava bem. Estava insistindo diariamente para meus pais me mudarem de colégio, porque desde o episódio dos jogos eu não conseguia fazer nenhuma amizade e porque lá achavam que eu era especial. Além disso, o prédio novo aparentemente não seria um ambiente de socialização, porque a esposa do seu Guaraciba não era muito amável e não tinha interesse em ter crianças no prédio que chamava de seu.

Priscilla havia entrado na faculdade, no primeiro vestibular, e eu ainda tinha dificuldade para pensar se eu queria estudar mecatrônica ou ingressar em uma comunidade *hippie*.

Eu sempre fui meio bicho-grilo, meio indeciso nas minhas escolhas. Não me interessava da mesma forma que os outros adolescentes por música *pop*, não curtia *videogames* e os esportes eram uma tortura. Já havia tentado aprender todas as lutas, todos os esportes com bola, todos os esportes alternativos, tipo *golf*. Que tipo de piá joga *golf*? Eu!

Porque eu sempre fui diferentão! Não à pieguice! Não à normalidade! Eu era quase um manifesto ambulante ao normalismo.

Chegado ao segundo semestre, após entediantes férias em que minha mãe insistia "Vá lá filho, mexa no computador que agora está conectado a uma super internet discada que leva oito horas pra estabelecer conexão e tem velocidade de ½ *megabyte*", meus pais decidiram que eu mudaria de escola, para uma menor, diferente, com proposta pedagógica alternativa. E, "puta la vida", pensa numa escola alternativa mesmo! A começar pela turma, que não teria mais 40 alunos, e sim 10. A nova escola era um misto de "comunidade raio de luz" com "Nasa". Tinha um princípio de respeito às diferenças, de resgate de valores e, durante um tempo, eu fui muito feliz por lá.

Por um tempo. Porque depois se matriculou um menino uns anos mais velho, mas repetente e foi para a mesma sala. E ele era terrível! No Dia das Mães, fizemos uma apresentação de teatro e cada um era algum elemento que representava a beleza da maternidade. Eu escolhi ser a flor. Ué! O que tem de errado nisso? Se eu me identificava como flor, não via problema nenhum. Lá fui, cantar uma música enquanto uns eram o berço, outros eram a barriga, outros eram a mamadeira. Eu quis ser uma flor.

Na semana seguinte à apresentação, o bostão começou a me chamar de *Flower Man*. E foi para o resto da vida assim. Eu andava, ele dava rasteira, e dizia:

– Oh! Caiu o *flower man*!

Eu levantava, ele me dava um tapa na orelha e dizia:

– Alô, é o *flower man*?

Ele colava coisas nas minhas costas, sempre com alguma gracinha desse tipo. Jogava bolinha de papel na minha cabeça em sala de aula, fazia piadinhas de todos os jeitos. Eu já estava querendo fugir da escola, mas tinha medo de andar sozinho na rua. Um dia, para fazer um trabalho de Ciências, fui até uma papelaria que ficava a duas quadras de onde eu morava. Bem faceiro, livre e independente, atravessei a rua e dois maloqueiros começaram a correr atrás de mim. Desesperado, passei da porta da papelaria e corri por umas cinco quadras a mais. Os caras gritavam "Ô, ô, me dá esse tênis aí", e eu não entendia o que queriam. Era um calçado velho, sem marca, porque eu nunca liguei para isso. Mas eles queriam muito.

Corri mais que aquele campeão olímpico que depois foi preso porque matou a mulher. Quando percebi que tinha passado havia horas do

local aonde ia, entrei numa loja de presentes cuja dona era uma senhora coreana idosa e ela me perguntou se podia ajudar. Eu comecei a chorar e disse que podia chamar minha mãe. Foi tenso. Todos que estavam ali ficaram assustados. Porque afinal, "o Beto é muito dramático", não é?!

Desde então desenvolvi uma fobia monstruosa de sair sozinho a pé. Foi na mesma época em que fui escrever uma cartinha para a professora de inglês, que se chamava Ideneia. Ela era muito gentil e atenciosa e, como estava chegando o dia dos professores, eu me sentia na obrigação de escrever algo de modo a expressar minha admiração e gratidão.

Pensei em fazer um acróstico, mas como a palavra Ideneia era deveras longa, e ela era minha *teacher*, decidi que faria com esta palavra... *teacher*.

Meu raciocínio, porém, sempre foi independente de normalidade e comecei de trás pra frente.

R de responsável. E de exemplar. H de honesta. C de coisinha. A de amável. E de estudiosa. T de... Ai, Deus! T do quê? T de traficante.

Se eu disser que não faço ideia de por que eu fiz isso... você iria acreditar?! Por algum motivo, meu tradutor mental automático estava com problemas, e simplesmente enfiou essa palavra sem motivo aparente. Não sei até hoje se eu achei que fosse outra coisa, mas enfiei a palavra no tal acróstico. E entreguei. Estudiosos diriam que é uma síndrome dessas que fazem a gente falar o que não quer. Mas a *teacher* disse que eu era estúpido mesmo. Deu um problemão tão grande que meus pais chegaram ao colégio em poucos minutos. E, com razão, queriam me arrebentar.

Essa talvez tenha sido a primeira vez que percebi que não tinha o menor domínio sobre a minha mente. Pense, Alberto, mas não escreva, seu imbecil!

Passado um mês do escândalo do aluno que chamou a adorável professora de cabelos arrumadinhos de traficante, eu ainda era lembrado como tal. E para mudar a minha ideia, resolvi me envolver em todas as atividades escolares possíveis. Foi assim que me candidatei a presidente do grêmio escolar e comecei a criar eventos e mais eventos. Na real, eu sempre gostei de fazer festas, organizar feiras e captar recursos para viagens que fazíamos com a escola. Sempre fui um não-exemplo social, mas muito útil na organização das coisas. Na minha gestão, o grêmio cresceu muitos por cento. Começamos um banco-escola, uma papelaria e fizemos a maior "Festa do cachorro-quente" de todos os tempos.

Nesse dia, em busca de alguma atração a mais, resolvi me vestir de "velha monstra" e transformei uma das salas da escola que funcionava em um casarão histórico da década de 1920, em "sala do medo".

Para entrar na tal sala, os alunos deveriam dispor de dois reais e poderiam assistir à minha performance apavorante. O ambiente era totalmente escuro, com uma luzinha vermelha e sons macabros de músicas clássicas. A primeira clientela estava formada, todos comendo cachorros-quentes, uma fila enorme para fora. E eu abri a porta para receber os primeiros membros da plateia. Entraram doze alunos de variadas idades. Começou a tocar a tal música e eu saí de trás da cortina. Mas não deu nem tempo de eu fazer um "Ráá!" e tinha criança querendo atravessar a parede de tanto pânico. No meio da confusão, um aluno derrubou o cachorro-quente, outro veio atrás e caiu, e as pessoas foram se embolando e se machucando.

A diretora, a saudosa Dona Euvira (é viva ainda, será?), acendeu a luz e viu o estrago. Todo mundo apavorado e os pais quase fazendo um abaixo-assinado para me tirar do colégio. Foi um caos.

Passado algum tempo, Alberto não estava satisfeito com a sua ruína de carreira artística. Era um sábado de sol quando Margarete foi me buscar em casa. É que faríamos um lindo evento no aeroporto de Ponta Grossa em comemoração ao dia das crianças. Havíamos nos conhecido em uma ONG onde éramos voluntários. O público era formado por crianças carentes de abrigos locais. Dessa vez optei por interpretar algum personagem mais amigável. Além do Mickey, o que toda criança adora? Palhaços!

Arrumei várias roupas coloridas, fiz um chapéu lindão, comprei tintas de maquiagem e fui para dentro de um avião, estacionado, é lógico, de onde eu sairia para começar meu show, estilo *Cirque du Soleil*.

Mas foi abrir a porta da aeronave e o primeiro começou a chorar, levando os outros trezentos ao pânico. Na verdade, as crianças ficaram mais apavoradas ao ver meu palhaço Pangaré do que se tivessem visto a "velha monstra". Interrompemos a programação porque muitos pequenos começaram a correr pela pista de pouso, e tudo aquilo poderia acabar em uma tragédia muito maior. Tentei mostrar às crianças que era só uma maquiagem, mas elas ficaram mais nervosas ainda.

Insistente que sou, ainda querendo fazer fama como palhaço Pangaré, parti para um público diferente. Agendei uma apresentação em um lar dos idosos para a semana seguinte, refiz meu figurino e fui

até a casa-das-simpáticas-vovozinhas. Fui muito bem recebido pelas assistentes sociais e pelas enfermeiras. Mas não fazia ideia de que a esmagadora maioria das vovós era surda. Na verdade, acho que só uma não era. E eu perguntava:

– Bom dia, vovós! Tudo bem?

Ninguém respondia. Ninguém. De uma hora de apresentação, acabei reduzindo meu pseudodramático *show* para cinco minutos.

Foi muito curta a minha carreira como palhaço, até porque eu sempre fui "dramático" demais, mas a minha falta de sorte era tão lazarenteada que na escola fui convidado a interpretar o *Coelhinho da Páscoa*. A diferentona escola em que estudava, e era governada por Euvira (será que ainda é viva?) promovia uma Páscoa mágica, tanto quanto o Natal. Era uma programação diferenciada, com uma superdecoração com coisas de isopor que imitavam chocolate por todos os lados, balas e bombons imensos, e na semana da Páscoa realizava uma famigerada noite do "soninho", quando as crianças dormiam na escola após enlouquecer os professores, para acordarem juntas e receberem aquele cara de olhos vermelhos e pelos branquinhos. Como ninguém no planeta queria passar esse mico, lá foi Alberto, um dramático de bom coração, passar a madrugada toda junto aos professores para, bem cedo, se vestir com a roupa mofada que nunca havia sido lavada e dizer algo tipo "ho ho ho"... Não, espera.

No meio da noite, a secretária da escola me chamou para ajudar a montar as cestinhas e, muito solícito, subi junto dela a escada de uns duzentos degraus que levava ao lugar a que as crianças certamente não chegariam. Ela carregando as caixas de chocolates e eu as cestinhas de papel crepom. Fui na frente, muito gentil, e ela logo atrás. Quando chegamos ao topo da tal escada "do Bonfim", a mulher virou um mortal de costas e desceu rolando, derrubando ovos de Páscoa por todos os lados. Caiu meio que em coma, lá embaixo. Só deu tempo de dizer "Ai! Caí!".

Eu entrei em desespero e corri para dentro das salas de aula, que estavam transformadas em alojamento, e comecei a acordar as outras professoras. Foi um esparramo de gente querendo socorrer a Cássia, que ainda estava em pose de recomposição de crime. Mas deu tudo certo, de certo ela apenas quebrou a clavícula, duas costelas, um dedo e um osso na perna, de que não me lembro o nome.

Aquela escola marcou muito a minha história. Além de todo o *bullying* que sofri, foi lá que comecei a realmente sentir dúvida sobre o meu futuro, e descobri que eu não era bom em muitas coisas.

Quando cheguei à oitava série, e já estava prestes a me formar no Ensino Fundamental, na disciplina de Ciências marcaram uma viagem-estudo. Iríamos para a Ilha do Mel, um tipo de lugar bicho-grilo que, pelo simples fato de ser uma ilha, me atraía. Pense que incrível: seus amigos, uma praia, Lua cheia e muita diversão, quase como num filme da Hanna Montana que, para quem não sabe, era uma personagem do século passado, muito feliz e descolada.

Eu, porém, fui para uma praia, sem amigos, porque para mim era muito difícil socializar. O professor era legal e valia a viagem. O piazão que me chamava de *flower man* acabou ficando no mesmo quarto que eu, e eu tinha certeza que durante a madrugada ele jogaria água fervendo sobre mim. Ele era louco, cara. No meio da travessia para chegar à Ilha, chegou ao meu ouvido e disse:

– Tem um siri entrando na tua cueca.

Quase virei a barca de tão nervoso que fiquei.

Com siri ou sem siri, já na chegada comecei a ficar desconfortável com a minha roupa íntima. Eu era mais gordinho, mais robusto e senti que estava literalmente assando na virilha. É horrível contar isso, mas como a minha vida foi naturalmente desgracenta nessa época, não poderia deixar de fora uma passagem tão importante. Desembarcamos na Ilha e eu corri para a primeira farmácia que encontrei, em busca de uma famigerada pomada de óxido de zinco com amêndoas para peles sensíveis. Mas não tinha. Só tinha pomada tipo âncora, que é aquela coisa gosmenta branca que tem cânfora e outros componentes medievais. Não hesitei: besuntei a virilha com a tal e comecei a chorar de tanto que ardeu. Lá vinha o professor com um apito, todo eufórico:

– Vamos gente, agora vamos ver as esponjas do mar e, em seguida, visitaremos um observatório natural de tartarugas do Alasca, notem a restinga.

Restinga? O que estava *restingando* era minha virilha!

E a gente ia. Todos. Em bando. No começo, acompanhei o ritmo da galera, mas depois sentia minha pele dissolvendo em uma mistura de siri, areia e pomada âncora. Foi terrível. Quando chegamos à pousada, oito horas depois de caminhar centenas de quilômetros pelo sol escaldante do litoral, eu fui direto tomar banho. E vi que eu estava quase menstruando por um orifício que se abriu na minha virilha. Não era uma vagina, mas era quase um buraco por onde passaria um bebê.

Idiota que eu era, como quase todo adolescente nesta idade, jamais contaria para qualquer pessoa. Rezei para morrer naquela noite. Mas acordei com o apito.

– Gente, bom dia. Vocês têm sete minutos para tomar o café, porque hoje visitaremos o antigo forte e depois o farol. Isso tudo vai levar em média cinco horas, por isso se alimentem bem, porque vamos andar bastante.

Comecei a tremer quando ouvi isso. Juro, foi o maior pânico da minha vida. Já me imaginei morto nas areias do litoral paranaense, sendo necropsiado e tendo como *causa mortis* "Morreu com uma assadura do tamanho de uma vagina que ocasionou hemorragia e uma infecção generalizada". Isso sem contar que poderia entrar um siri, e a profecia do pequeno demônio que estudava comigo se concretizar.

No meio do caminho eu chorava, e o professor perguntava se estava tudo bem. A minha resposta era que o calor era tão grande que até meus olhos estavam suando.

Sobrevivi. Cheguei em casa, abracei meus pais como se tivesse voltando da guerra do Vietnã. Chorei mesmo. E antes que minha mãe viesse com aquele papinho de "O Beto é muito dramático", abri as pernas e mostrei o que me afligia.

Meu pai ficou muito nervoso e falou: "Credo!".

Depois de uma semana em licença pós-parto, retornei à escola, discretamente. Muito discretamente. Já estava conseguindo andar de pernas fechadas novamente. Até que Dona Euvira, a diretora (será que é viva, ainda?), bateu à porta da sala.

– Alberto, vim ver se está tudo bem.

– Sim, Dona Euvira. Faltei aula porque tive uma intoxicação alimentar terrível – respondi.

– Nossa, menino! Você é muito azarado mesmo. Além da assadura que chegou a sangrar nas partes íntimas você teve também uma intoxicação? A mãe me contou, coitado...!

A velha maldita falou isso para a sala toda. Para a sala t-o-d-a! E eu queria que a assadura se abrisse novamente para entrar nela e nunca mais sair.

Eu sempre fui muito discreto. As pessoas nunca souberam que eu faço cocô ou xixi, porque nunca lhes permiti que soubessem. É algo muito íntimo, muito escatológico e que só pertence a mim. Hoje em

dia, por exemplo, eu sou casado há 13 anos e meu cônjuge/convivente/marido nunca desconfiou que eu cago. Imagine só. Precisa saber?

Quando eu tinha dezesseis anos, pedi que meu pai fosse me buscar no colégio porque eu estava com um probleminha. Ele, muito solícito, abandonou sua agenda de audiências e atravessou a cidade para me buscar.

Mas, como sempre, foi muito popular entre os meus amigos, e como todos o adoravam, ao vê-lo, todos vieram conversar com ele.

– Oi, tio Raul, tudo bem? Que bom que você veio aqui no colégio.

– Tio, quando vamos fazer um churras?

– E aí, tio, e o carro?

Todo mundo queria falar com meu pai.

– Ô pessoal, tudo tranquilo, o "tio" tá com um pouco de pressa, que o Beto tá se cagando todo. Hehehehe!

Entrei no carro mudo e desejei, por alguns segundos, a morte temporária de meu pai.

Ele sempre foi uma pessoa muito elegante. Muito. Muito mesmo. Muito galanteador, e minha mãe sempre o chamou de "ídolo da menopausa", porque sua gentileza com velhinhas era admirável. Por vezes, eu o vi beijando a mão de alguma idosa, abrindo a porta, ajudando a carregar sacolas.

E, admirando as boas práticas de meu pai, tentei copiá-lo diversas vezes. Sempre foi notada e aprovada a minha educação quase britânica. As mães dos meus poucos amigos sentiam-se confortáveis que seus filhos andassem comigo, porque acreditavam piamente que aprenderiam a minha gentileza. Coitadas! Mal imaginavam o risco que seus filhos corriam, andando próximos a mim.

Lembro nitidamente uma vez que fui até a casa do primo de um amigo. Era domingo e a família dele, via de regra, almoçava reunida. Nunca fui muito fã de ir à casa de pessoas que eu não conhecia, mas diante de ser consumido pelo tédio de passar o fim de semana todo dentro de casa, acabei aceitando.

O menu era alguma coisa incomum para mim, um piá de prédio, e sobre a mesa algo tipo "frango com quirera". Quando a mãe do primo do menino me serviu, respondi:

– Nossa, o ODOR está delicioso.

Eu queria falar “aroma” e ela não entendeu nada.

Na saída do dito almoço, o meu amigo se despediu e eu tive uma das conversas mais estranhas de todos os tempos. Disse para o primo dele:

– Prazer em vê-lo!

– Hã? – disse, desconfiado.

– Eu disse : prazer em vê-lo.

– Ah! Tudo bem, mas eu não sou *gay*.

Eu sinceramente não entendi o que ele entendeu.

Tudo bem, as pessoas são chucras mesmo, e talvez a juventude dos quatorze anos não estivesse preparada para aceitar que eu fosse um quase lorde.

Eu pagaria um rim para não ter sido tão educado e polido nessa época. A única vez que briguei na escola foi quando um piazão disse que minha irmã era “gostosa”. Fiquei tão puto, tão possesso, tão indignado com aquela brutalidade que atravessei a sala de aula e dei um bofetão bem no nariz do piá. Sangrou. E automaticamente fui até a sala da diretora para contar que havia causado uma fratura exposta que deformaria para sempre o rosto de um colega de turma.

Dona Euvira *nem tchun*, porque provavelmente o menino era meio demônio mesmo, e o caso acabou ficando assim.

Uns anos depois da Ilha do Mel, comecei a praticar hipismo. Ah! O hipismo, os cavalos, o ambiente rural. Poucas coisas me trouxeram tanta felicidade quanto os cavalos. Poucas vezes gostei tanto de um esporte, e meus pais também. Nos envolvemos muito com a equitação e sua cultura, a ponto de, em certa época, termos cinco cavalos de raça em uma hípica de Ponta Grossa.

Cheguei muito longe, sendo premiado em vários campeonatos, e viajávamos para muitas cidades. Meu pai estava muito orgulhoso dos títulos que eu conquistava.

Outubro daquele ano chegou e nós iríamos participar de um dos mais importantes campeonatos nacionais. As provas aconteceriam na cidade de Orlândia, interior do interior do interior de São Paulo. Mas a cidade era muito pequena e não comportava a quantidade de participantes. Então, os cavaleiros deveriam se hospedar nas cidades vizinhas e como decidimos participar nos últimos instantes, nem as cidades a 100km tinham vagas nos hotéis.

Meu pai, muito decidido a ver o filho saltando na pista mais importante do país, acabou conhecendo umas pessoas que teriam uma ótima casa para alugar durante o campeonato. Empolgado e muito parceiro, ele me contou que até piscina havia no local. Saímos de Ponta Grossa pela madrugada e atravessamos o estado até chegar à Orlândia. Depois de rodar a cidade, conseguimos encontrar a tal mansão. Ela estava vazia, sem nenhuma mobília. Entramos, escolhemos um dos quartos para deixar nossas coisas, e já fomos para o haras onde aconteciam as provas. Saltei tão maravilhosamente bem que para o dia seguinte já estava escalado, com grandes chances de ser premiado. Durante a caminhada até o carro, eu, meu pai e dois amigos que foram conosco, conversávamos.

– Olha, que incrível... neste calor de quase quarenta graus a organização do evento instalou estes esguichos nas árvores.

– É, deve ser para as árvores não secarem, porque nem árvore aguenta tanto calor.

– Nem fale! Tecnologia de Primeiro Mundo.

– Vou ali, ficar um pouco mais, embaixo dessa árvore sai água pra caramba!

Até que meu pai disse que tínhamos que voltar para a tal mansão, porque já estava escurecendo e podíamos nos perder no caminho.

Quando chegamos perto do carro, um rapaz conversava com o outro:

– Que nojeira essas cigarras... nunca vi bicho pra mijar tanto, ficam o dia inteiro nas árvores mijando em tudo...

O nojinho nos consumiu, mas sabendo que a casa tinha piscina, seria muito bom nos refrescar nas águas frescas de uma piscina.

Estacionamos o carro e um som sinistro vinha dos fundos. Estava acontecendo uma festa. Na casa que alugamos estava tendo uma festa. A festa! Havia umas cinquenta pessoas nadando em uma piscina de lodo, com água verde, latinhas de cerveja espalhadas por todos os cantos, uma música ao estilo "bonde do tigrão". Era assustador.

Tentei socializar, mas havia um pessoal do Rio Grande do Sul que não mostrou muito os dentes. O fato é que eles não estavam de passagem. Tinham alugado a mesma casa. A diferença entre nós é que eles sabiam que nós existíamos, que também tínhamos alugado a casa. Seriam dias de muita emoção, até porque os banheiros dos quartos estavam desativados e o único banheiro da casa seria compartilhado por todos.

Mas, como eu já disse, tudo bem. Porque eu não fazia cocô.

No dia seguinte, superado o trauma de dividir a casa com pessoas que nunca vi na vida, e que continuavam bebendo todo tipo de coquetéis alcoólicos ininterruptamente, saímos para o campeonato.

Égua encilhada, roupinha arrumada, entrei na pista. Antes e no final de cada percurso existem fotocélulas, que iniciam e encerram os cronômetros. O objetivo era concluir o percurso sem derrubar nenhum obstáculo, no melhor tempo. E eu consegui essa proeza. A prova era patrocinada pela *Rolex* e não lembro qual era o prêmio, mas tenho certeza que era alguma coisa boa de verdade.

Quando terminei o percurso, muito animado e comemorando, acabei gritando alguma coisa que assustou minha égua. Ela deu um coice, eu não estava atento, e acabei voando de cima dela, num tombo que definitivamente não condizia com a categoria em que eu estava inscrito. Voei. Simples assim. E tudo bem se eu tivesse caído após cruzar a tal fotocélula final, mas eu caí a um centímetro da linha que deveria ter cruzado. Seria campeão. Mas não fui. Por um centímetro.

Foram várias as vezes em que fiz cagada no tal hipismo. Obrigado pai, por não ter desistido de mim nessa fase.

Após concluir o ensino fundamental, fui obrigado a mudar de escola. É que essa em que eu estudava não oferecia o ensino médio que, na época, chamávamos de "segundo grau". Eu sempre fui desprendido, e esse lance das mudanças de cidade pela carreira do meu pai me ensinaram muito bem a dar tchau. Não posso dizer que iria sentir saudade da minha turma toda, porque eu sofri muito, e meu lado rancoroso nunca me permitiu esquecer das maldades de uma parte dos coleguinhas. Aliás, só sentia um alívio em saber que um novo tempo começaria, com várias pessoas novas e um delicioso recomeço. Eu gosto de mudanças. O meu pai devia ter alguma pira com colégios regidos por religiosos, porque até que eu tivesse autonomia para escolher, ele sempre me matriculou em colégios de freiras ou padres. Agora, no entanto, eu já tinha idade suficiente para escolher onde estudaria. E como boa parte dos meus dois amigos já estudava no tal colégio dos padres, iniciei a primeira série do segundo grau nesse imenso e gélido colégio.

Já nos primeiros dias, virei chacota. Neste período eu estava desenvolvendo um transtorno obsessivo compulsivo, um TOC. Ia de van para a aula, e pensando que demoraria muito para voltar pra casa, tinha medo de precisar de alguma coisa e não ter ao alcance imediato.

Logo, pedi à minha mãe que comprasse a maior mochila que pudesse. Levava remédio, cola *Super Bonder*, bolachas de três tipos, álcool em gel, soro fisiológico, e, durante algum tempo, até ferramentas como chave de fenda e martelo. Um dia, a professora foi tentar abrir a janela que estava enguiçada e perguntou, brincando:

– Ninguém aí tem uma chave *Phillips* pra emprestar?!

Claro, era brincadeira. Afinal de contas, que aluno do ensino médio teria uma chave *Phillips* dentro da mochila?

Eu sempre fui muito solícito, sempre curti a *vibe* de ser útil.

Quando abri minha bolsa, comecei a tirar as coisas até encontrar a tal chave. E a turma toda levantou para ver o que eu carregava em uma mochila estilo montanhista.

Pelos próximos anos meu apelido virou "betomochila" e eu me transformei em um meme.

– Preciso de um pônei.

– O Beto tem na mochila dele...

Com quinze anos eu comecei a sentir uma tristeza profunda. Era algo muito sério gritando dentro de mim.

Não conseguia mais ficar em nenhum lugar. Se entrasse no colégio, tinha tremedeira, sudorese e como se meu disco rígido desligasse, eu esquecia até para onde estava indo. Parece bobagem de adolescente, mas estava em depressão. A situação era tão séria que um dos psiquiatras que me atendia dizia que o meu caso precisava de uma "UTI psicológica". Eu estava realmente com a alma doente. Meus níveis de satisfação da vida eram tão baixos que para regular a serotonina seria preciso tomar mais e mais remédios controlados, o que me deixava dopado e com os reflexos atrasados.

Chegou uma fase em que eu nem me incomodava mais com as piadinhas dos outros alunos sobre minha mochila ou qualquer padrão juvenil que eu não atingisse. E no fim daquele ano, eu podia continuar dormindo em sala de aula, caindo pelos cantos e sendo alvo de comentários maldosos como "ele tá assim porque usa drogas" ou dar uma pausa para reorganizar a vida.

Com a compreensão dos meus pais, no primeiro ano do segundo grau parei de estudar. Não tinha alternativa. Fiquei o resto do ano trabalhando com os cavalos em um estado emocional vegetativo.

O próximo ano começou, e com ele as esperanças de curar meu coração machucado, pois eu nunca entendi por que estava machucado. Não tinha clima para ficar no mesmo colégio e insisti muito para que meus pais me matriculassem em outro. Mas as opções se estreitaram e talvez nessa época eu tenha começado a perceber que tinha sérios problemas com relacionamentos. Naturalmente que, por ser sempre diferentão, teria menos amigos do que a média. Se os padrões diziam para gostar de alguma bandinha popular, eu queria ouvir Cartola. Se todo mundo queria se vestir de preto, eu queria branco. Tudo aquilo que ninguém fazia ou queria me descrevia muito bem e ao mesmo tempo era incrível o quanto eu gostava de encabeçar lutas e militâncias por quaisquer causas.

Aos quinze anos eu descobri fascínio pela escrita, pelo texto e pelo textão.

Ponta Grossa ia completar mais um aniversário, e meus sentimentos alternavam entre amor e ódio pela cidade. Na verdade, durante meus dias cinzentos só enxergava as coisas ruins e um monte de coisas que me soavam como hipocrisia e preconceito. E de fato, na época, os próprios habitantes justificavam certos pensamentos coletivos com "é que essa cidade é muito provinciana!".

Um jornal local de grande circulação, promoveu então um concurso para crônicas que descrevessem a cidade. E aí foi que descobri o quanto eu era uma arma na sociedade, um perigo, digno de interdição.

Foram inscritos mais de mil textos, de gente de todas as idades. E aos dezesseis anos, no auge de uma depressão, do transtorno obsessivo compulsivo, de uma anorexia e de uma autoexclusão social, eu fui selecionado. No entanto, com um texto muito pouco cristão, que criticava milhares de coisas, de semáforos psicodélicos, que só existiam naquele lugar, à alta sociedade de que meus pais faziam parte.

Em resumo: meu texto foi o mais lido e comentado na história do jornal. Na semana seguinte, os editores entraram em contato e me convidaram a assumir uma coluna, cujo título seria "Tablado", porque pelo que percebiam eu "bateria" em muita gente. Durante os cinco anos escrevendo no folhetim, minha coluna resultava no dia com mais visualizações na versão online e mais vendas no impresso.

– Pegou pesado hoje, hein, Beto?! – Me mandava mensagem o editor-chefe.

– Quer que mude alguma coisa? – Eu respondia.

– Não... a gente gosta bem assim.

Não demorou muito e eu estava escrevendo para outros jornais e revistas, alguns inclusive com grandes jornalistas.

Aos dezessete anos publiquei meu primeiro livro, chamado *Coração Andarilho*, que não batia tanto, mas tinha umas poesias bem loucas. E fui condecorado por uma Academia de Letras, da qual era o autor mais novo.

Como não me enquadrava no modelo de aluno convencional, não consegui concluir o colégio normal e fiz um supletivo desses que a gente faz em seis meses o que deveria fazer em três anos.

Mas isso não trouxe grandes prejuízos para a minha vida acadêmica. O problema não era estudar, não era ler e não era ser um aluno bom. Aliás, não houve dia em que meus pais foram chamados na escola por bagunça, por mau comportamento ou por alguma situação normal para os pais de um menino. (Compreendo ser machista e retrógrado o meu comentário, mas estamos falando de uma cidade moldada aos padrões do início do século). A única vez em que realmente houve problema, foi o lance da *teacher* traficante, na oitava série. Depois disso, nunca mais.

No ensino médio, como eu mesmo já disse, mudei de colégio três vezes, e em todos eles era como se eu estivesse em Auschwitz. Caraca! Eu odiava aquele ambiente hostil escolar formado por adolescentes enlouquecidos, destiladores de brincadeiras estúpidas. Talvez alguém aí se lembre da era dos famigerados "chás de cueca", que tinham esse nome porque algum imbecil quis, porque de chá não tinha nada. Pegavam os meninos no corredor e os levantavam pela aba de suas cuecas em uma brincadeira de que talvez, hoje, eu desse risada ou apenas enfiasse a mão na cara de quem tentasse comigo. Naquela época, porém, eu ficava apavorado com a possibilidade de alguém me machucar por eu ser diferente. E com a minha homossexualidade gritando dentro de mim, a minha não aceitação, a minha diferença exorbitante do padrãozinho *playboy* filhinho de papai de escola classe média, ficou impossível permanecer num colégio de freiras tradicionais que exibia imagens de santos por todos os lados.

Numa dessas conheci uma escola meio clandestina, localizada em uma casa ao lado do terminal central, onde só se matriculavam alunos de empresas e ensinava por módulos. E eu, embora ainda menor de idade,

consegui uma vaga junto de uma empresa de coleta de lixo. O horário era pouco convencional: as aulas começavam às nove da noite e iam até meia-noite, porque era o horário em que os alunos terminavam o serviço. Era muito divertido estudar com gente que estava fora de sala havia dez, vinte anos. Não demorou muito, eu me enturmei como nunca, e chegava a ajudar os amigos a estudar para as provas. Fiquei muito amigo dos professores, dos funcionários, a ponto de nos finais de semana viajarmos juntos. Eu só não entendia o motivo de haver uma garrafinha de refrigerante de cola passando pela sala e ela pular a minha vez sempre que chegava perto de mim. Todos bebiam da garrafinha, mas pareciam me evitar. Dentro das minhas manias de perseguição, comecei a pensar que não gostavam de mim, que eu não tinha graça, que me achavam muito elitizado para compartilhar uma garrafinha plástica de refrigerante quente. Mas um dia, eu me fiz de sonso e quando foram passar a dita por cima de mim, agarrei a mão do Valdemar, um senhor com quase sessenta anos que sentava ao meu lado, abri a tampa e tomei um baita gole. E me afoguei, para surpresa da professora e dos outros alunos.

A professora, preocupada, desceu do tablado da sala e veio até mim, perguntar se estava tudo bem. Eu nem sabia o que responder. Ela cheirou a garrafa e descobriu que ali dentro havia sim, refrigerante, mas em uma proporção mínima se comparada à quantidade de pinga.

Aos meus quase dezoito anos, fui para a sala da direção, ao lado do Valdemar, que podia ser meu avô, e de outros adultos irresponsáveis que passaram o curso inteiro bebendo pinga em sala de aula. Como todos eram grandes, a diretora achou por bem que meus pais não ficassem sabendo disso, e terminamos a reunião dividindo a garrafinha, mas agora com gelo. Virou um homão.

Os anos 2004 chegaram e com eles a minha maioridade. Cara, por eu ser uma pessoa que só se metia nas confusões proporcionadas aleatoriamente pela vida, ou seja, por nunca cavar uma confusão voluntariamente, no meu aniversário de 18 anos ganhei meu primeiro carro. Era um sedã vermelho do tipo que todo tiozão gosta. Fizemos uma megafesta em um clube da cidade, a que compareceram por alguns poucos amigos, uma penca de gente importante, uns colunistas sociais e um conjunto musical do exército. Foi uma festa incrível. Dessas que aparecem nos filmes. Como os meus amigos não eram da minha idade, tocavam *hits* do passado, como boleros e "Boate azul". Mas o que importava é que eu estava feliz.

Eu tinha uma namorada que era tipo uma boneca Barbie. Loira, cabelos ultralisos, olhos claros, cara de "hã" e uma simpatia enorme. Era um pacto inconsciente: eu popular e ela bonita. Uma fachada, na real. Só que a gente não sabia. No dia seguinte da festa, decidimos terminar o namoro e beleza, vida que segue.

Como eu sou do dia 4 de outubro, naquele ano haveria eleições, por isso antecipamos minha festa em uma semana e no dia certo estávamos todos trabalhando nas eleições. Meu pai era juiz eleitoral, meus amigos trabalhavam no fórum, e eu fazia um tipo de estágio, sendo responsável pela limpeza das urnas eletrônicas. Quando terminou a contagem dos votos, já por volta das 20 horas, o clima era de esgotamento. Mas eu tinha uma amiga que não se conformava: como assim? Depois de três dias ininterruptos de trabalho, a gente vai para casa dormir? A gente tem que comemorar!

– Mas Morgana! E a Lei Seca? Não podemos beber no dia 4 – alguém resmungou.

– Mas e o aniversário do Beto? Alooou! É claro que a gente tem que comemorar, porque 18 anos só se faz uma vez.

Fizemos de conta que no último fim de semana a gente não tinha feito uma baita festa, e decidimos ir para algum lugar para comemorar. Mas é claro: todos os bares e restaurantes da cidade estavam fechados. Voltamos para o fórum eleitoral, sentamos na calçada em frente e ficamos conversando, até que chegasse a meia-noite. Tão logo os relógios marcaram a hora certa, corremos para um posto de gasolina do outro lado da rua, compramos tudo aquilo que nossa sede permitisse, e eu, que até então só havia tomado pinga no colégio, estava decidido a tomar meu primeiro porre.

Sabe aquele sonho de todo adolescente, de comprar todas as bebidas permitidas apenas a maiores de idade, tipo aquelas garrafinhas com cores exóticas e tampinhas que só se abre sendo profissional? Sim, eu o estava vivendo. Esses *keep* da vida, aquelas garrafinhas de uísque em dose única, cerveja de todas as marcas. Compramos. Tudo. Tudo mesmo.

E passamos a beber, e beber. Meu pai, tranquilo, dormia em casa, exausto pela correria do dia, crente de que eu estaria com seus funcionários em um ambiente seguro dividindo uma pizza.

O dia estava quase raiando e uma amiga bem mais velha notou que do outro lado da rua havia uma casa abandonada muito interessante,

com um jardim que algum dia havia sido bonito, janelas venezianas e um banco em madeira, como os de praça.

– Eu sempre quis um banco assim! Olhe que bonito – comentou.

Descobri aí que quando bebo fico dramático (mais dramático, já diria minha mãe). Não podia imaginar minha amiga no futuro, sozinha, doente, tomando um sol aos seus oitenta anos, sentada em algum lugar que não fosse o tal banco. Morgana, que não era uma boa amiga, era uma amiga boa, mais do que depressa encontrou dois capacetes de operários, sacou uma marreta e me disse:

– Partiu roubar o banco.

Eu jurei para mim mesmo que mudaria essa terminologia. Afinal, em tempos das gangues do dinamite, dizer que roubei um banco parece bem mais grave do que já é. Invadimos a casinha, quebramos o rebite colocado nos pés do assento e voltamos para a frente do fórum aos gritos de vitória de todos os nossos amigos. Diga-se de passagem, eu me lembro vagamente de Morgana e de alguém erguendo o banco, comigo em cima cantando algo.

O que poderíamos fazer com aquele negócio? Pusemos em uma vaga de estacionamento do carro do fórum eleitoral e deixamos por um tempo lá.

Foi apenas no dia seguinte que acordei com uma ressaca fora do comum, e comecei a me perguntar algumas coisas. "Como foi que apareci dentro de casa? Ahhh! O Wesley, porteiro da madrugada, me trouxe para cá. E que lance louco foi esse de um assento público que furtei sob efeito do álcool? Ahhh! Puta merda, acho que roubei um banco mesmo. E agora o que faço? Devo contar pro meu pai que nas primeiras cinco horas da minha maioridade eu já cometi um crime?".

Por via das dúvidas, decidi me fazer de peso de papel, e não contei nada por um bom tempo. O banco ficou no fórum, e sempre que eu ia até lá temia ser identificado como o ladrão do assento público da casa mal-assombrada.

Quando a gente tem dezoito anos a gente vive de verdade. Não fazemos nada além de viver. Festas todos os dias, um tanque de gasolina por dia, umas pirações deliciosas, sexo quando se tem vontade, nada além disso.

Eu era um homem bonito, magro, saradinho (sim, não parece mito que em dado momento da minha vida eu já fiz academia? E que tive

barriga de gominhos?). Cheio de vida e envolvido com causas sociais legais. Eu estava trabalhando em uma galeria de arte, fazia teatro, apresentava um programa de televisão numa emissora local, frequentava a vida noturna da cidade. Curtia todos os instantes que podia.

Nesse período comecei a perceber que minha história com os cavalos estava chegando ao fim e que o tesão pelo hipismo já estava se recolhendo. Não queria mais ser escravo dos treinos, e um grave acidente me afastou das pistas. Faltavam horas no meu dia, e eu decidi que deveria fazer faculdade.

Em instituições particulares, na sua grande maioria, a gente sabe: vestibular é só protocolo, não tem concorrência e qualquer um consegue ingressar.

Para orgulho de papai, de vovô, de bisavô, de tataravô e de todos os outros juízes de minha família, cedi à maldição dos Portugal e em janeiro comecei o curso de Direito em uma nova faculdade da cidade. Meu Deus, que medo de ter virado adulto eu sentia! Por muita amizade, uma das funcionárias de meu pai decidiu começar o curso junto comigo. Sandra tinha quarenta e tantos anos, e sentava ao meu lado na sala de aula.

Já no primeiro dia de aula eu entendi por que meus pais sempre disseram que eu era extremista. Antes de tocar o sinal para o intervalo já tive certeza absoluta que aquele negócio não era pra mim. A gente percebe que as pessoas são iguais ou parecidas, e que por isso mesmo acabam de certa forma compondo um grupo de alguma coisa. Diga que não é verdade: aluno de faculdade de Direito é quase sempre igual. É como entrar em uma sala de aula e olhar para todos os estudantes com uniforme, só que sem uniforme. Meninas maquiadas, usando *scarpin*, meninos de camisa engomada e cadernos alinhados às carteiras. E eu? Eu era um bicho-grilo, meu! Eu já era diferentão e se a galera era de direita, para o espanto da nação eu era de esquerda! Se as pessoas queriam (naquela época) a prisão de algum criminoso, eu sempre dava um jeito de pensar em conspiração da mídia, provas forjadas ou em direitos humanos.

Não seria doido de dizer no primeiro dia em casa que não queria mais fazer o curso que todos os fundamentais homens da minha família escolheram. Esperei cinco meses e, numa noite de inverno, enquanto tomávamos sopa, disse ao meu pai que aquilo tudo não era pra mim. Foi surpreendente. Minha irmã disse que era importante ser feliz, minha mãe que realmente não se pode decidir aos 18 anos o que fazer para o resto da vida e meu pai, por algum motivo, entendeu. É que pouco tempo

antes a minha história não era das melhores, com todo aquele lance de parar de estudar e cogitar me suicidar. Mas ali foi diferente. Era agosto, e sob protestos da minha turma, que gostava mesmo de mim, tranquei minha matrícula e eu fui pensar em que realmente me faria bem e me tornaria um profissional feliz.

Começava naquela mesma semana um curso de turismo e hotelaria em uma instituição nova, e decidi cair de cabeça. "Simprão" do jeito que eu gostava, sem muita firula, e eu preferia mil vezes aprender a arrumar a cama e limpar o banheiro de um hóspede porco do que me ver uns anos depois tomando a decisão da vida de uma pessoa que poderia ter sido presa por qualquer motivo, ou defender um bandido, ou condenar um inocente. Só que aos 18 a gente acha que dá para viver tranquilamente com um salário mínimo.

E foi por aí que conheci a Rosângela. Baita mulher bonita, alta pra caramba, mãe de um amigo meu chamado Bruno, e a pessoa que resolveu parte dos meus problemas sem saber.

Ela havia sido alvo de acusações gravíssimas no seu trabalho como funcionária pública e estava desanimada com tudo na vida. Eu sou um ímã de gente estranha e mal resolvida, mas que sempre me faz bem, e ela era a prova disso. Aliás, grande parte das minhas amigas eu conheci por meio de seus filhos que eram meus amigos primeiro. E, com ela, foi bem assim. A Rosângela era maluca como eu, sabia que era bonita e nós conversávamos com códigos estranhos, sempre um acobertando as aventuras do outro. Pensa, ela tinha tido uma vida confortável, tinha um casamento estável e, de repente, acordou sem nada. Triste, sem esperança, mas loucona.

Um dia, depois de alguns anos aguardando um dinheiro que tinha que receber por direito, ela me ligou e disse:

– Beto, chegou meu dinheiro. E se eu não usar de forma certa, vou gastar em bala de goma.

Entendi que aquele fosse o primeiro momento em que acreditariam no meu empreendedorismo, na minha astúcia e ousadia. Por isso sugeri que ela abrisse um bar.

Mas ela era medrosa e se eu não aceitasse ser seu sócio, ela não faria nada. Mesmo sem um puto tostão, acabei entrando no negócio pelo meu trabalho. Surgiu então o Botequinho, um bar nada convencional com atrações bizarras, com comidas que nunca ninguém vendeu num

bistrô e principalmente: com dois proprietários querendo curtir a vida. Atrás do balcão, no meio do salão de míseros trinta metros quadrados, a gente atendia ao público e ainda seduzia muito.

Pasmem, mas antes desta barriga com cara de sete meses de gravidez, destes cabelos brancos, desta pele cinza marcada pela fumaça do cigarro, e desta mania de perseguição e antissocialidade, havia um rapaz lindo, sarado, super cara-de-pau e principalmente sedutor. Pouca barba e a pele rosada como qualquer jovem de dezoito anos. Além disso, durante um ano não manifestei nenhum tipo de recusa para um flerte. Hoje, se eu tivesse um bar, seria chamado de pinguço. E se ficasse olhando para qualquer cara bonitinho, ele ia perguntar se eu estou com virose de disfunção intestinal.

Mas lá, nos idos de 2004 ou 2005, não. E aí voltam as histórias dos códigos meus e de Rosângela. Se algum velho babão e chato se aproximasse, eu a chamava de Ronaldo e imediatamente eles se afastavam, porque pela altura enorme, claro, Rosângela passava tranquilamente por uma travesti. Já no meu caso, se alguma tiazona daquelas que caça meninos em barzinho chegasse, ela passava a me chamar de Betânia, e todo mundo ficava procurando um glote para ter certeza que eu não era uma lésbica moderninha com cabelo arrepiado com gel.

A nossa rotina era exaustiva. Compras no mercado, limpar o bar, atender, cobrar, servir as mesas, e descobrir quanto as pessoas podem ser adoráveis ou filhas da puta. Uma vez anotei um pedido e acabei esquecendo. Meia-hora depois, a cliente armou um barraco porque eu não tinha entregado a sua porção de batatas fritas. Nisso, outra cliente, vendo a grosseria da mulher, levantou e começou a xingá-la. E instaurou-se o caos. Uma mísera porção de batatas fritas criou dentro dos trinta metros quadrados um debate presidencial. Era gente gritando de um lado e gente gritando do outro, como se todos fossem se matar. Decidimos fechar o nosso próprio bar mais cedo e ir beber na concorrência.

Rosângela tinha um Escort 1992, vermelho, com vidros que não abriam e, embora eu tivesse um carro do ano, com bancos de couro, era no dela que a gente se divertia mais. Mesmo que a manopla do câmbio soltasse na mão e que pudéssemos ter a viagem interrompida, porque o carro não funcionava direito e, se morresse, precisasse de uma ou cinco horas para se reestabelecer, decidimos dar uma volta pela cidade. Eu, ela, a cozinheira, os dois garçons, Bruno, sua namorada, e mais alguém que não lembro exatamente quem era. Talvez fosse Chiquita, uma outra

amiga. Arrancamos o carro com dificuldade na subida e já na primeira esquina que viramos, caímos em uma *blitz*. A polícia não nos deu outra alternativa: descer do carro, em oito pessoas, todos sem documento, o carro sem documento.

Fomos para o paredão, porque oito pessoas num Escort vermelho 1992, sem documento, rodando a cidade naquele horário, não podia ser coisa boa. A vantagem é que não bebíamos e que no começo do século XXI não era configurado infração gravíssima andar daquela forma.

Eu cheguei à conclusão de que nosso país era e seria uma merda porque, durante a abordagem, o policial depois de nos tratar com todo abuso, perguntou meu nome. E disse:

– Você é parente do "doutor" Portugal?

E mesmo sem responder que sim, fomos liberados, elogiados e ainda ficamos ilesos sabendo do erro que tínhamos cometido. Porque meu pai era juiz eu não seria punido?

Se meu pai soubesse daquilo ele teria uma síncope, porque não admitia jamais qualquer regalia desse gênero.

Em Ponta Grossa, no fim de novembro acontecia uma festa chamada *Munchen Fest*, a festa nacional do chopp escuro, e ele sempre recusou os convites e benefícios concedidos a juízes porque julgava ser uma forma de puxar o saco de uma autoridade para depois ser lembrado disso, caso ela precisasse.

Mas a noite do *Fodão*, nome que demos ao Escort, foi uma aventura e tanto.

De tantas vezes me meter em confusão, aos dezoito eu tive um *insight* e me imaginei sendo delinquente, limpando o banheiro do hóspede porcão, indo preso por ser imprudente e minha mãe chorando lágrimas de sangue no canto da sala enquanto escutasse Edith Piaf. Não queria isso para mim. Eu precisava urgentemente entrar em uma faculdade novamente. Precisava trabalhar para ganhar – e poupar – dinheiro, não para gastar em motel, em festas. Precisava começar a namorar sério alguém, com perspectiva de futuro, e parar de seduzir para depois deixar a ver navios. Com 18 eu comecei a ficar velho, e percebi que a vida é um trem sério demais.

Foi então que conheci o Emerson, o meu primeiro namorado. E quando contei em casa, minha irmã achou linda essa saída do armário, a coragem de contar, a decisão de compartilhar com os meus, a atitude

limpa e transparente, o fato de não ter mais que responder à tia-avó que as "mocinhas que se cuidem". A minha mãe queria moer a casa inteira, e ela resmungava coisas do tipo "quero que o casamento da sua irmã passe logo e quero morrer. M-o-r-r-e-r!". O sentimento era como "o que eu fiz de errado, *my god*, o que eu fiz de errado?". Por esse motivo eu optei por enrolar um pouco para dizer ao meu pai, mas numa noite em que ele assistia a televisão, criei coragem, sentei-me na beirada da cama e contei. Minha mãe disse que ele não achou legal, e meu cérebro apagou esse momento, mas lembro que ele me deu um beijo e foi dormir.

Claro, eles odiaram o coitado do menino, que não teve espaço nenhum para nada. E talvez não fosse para ser assim mesmo. Com quase 19 anos, eu já tinha terminado o namoro. Queria uma vida um pouco mais colorida, mais feliz, mais intensa. E com essa alma de artista, seria impossível que desse certo. Ele era racional e eu emocional.

Janeiro do ano seguinte chegou e porque eu escrevia bem e gostava de televisão, trabalhava em uma emissora local e já havia publicado meu primeiro livro, por incentivo de minha irmã, eu fiz vestibular para o curso de Jornalismo.

Cara, que coisa louca! Eu me encontrei totalmente. Na turma, só gente estranha. Os professores, totalmente alternativos. O prédio da faculdade, um verdadeiro caco. Os laboratórios podres. E a nossa sala ficava no sétimo andar de uma construção tão velha que o elevador devia estar estragado fazia uns cem anos. Mas o curso, agora sim! Agora eu ia me formar, me tornar um jornalista de sucesso, e se fosse preso poderia ter uma cela especial onde se pode receber visitas e ter uma televisão, como mostra o filme *Carandiru*.

Em junho do mesmo ano o governo aprovou um negócio (nunca entendo o que é lei, o que é decreto, o que é normativa) que dizia algo como *Jornalistas não precisam de diploma para exercer sua profissão.* Foi um esparrame. O país protestou, e os cursos de Jornalismo do Brasil inteiro ficaram mornos, sem sentido, em um desânimo coletivo. Eu não ia desistir do curso, porque realmente gostava. Mas faltei a todas as aulas que pude.

E ia para o bar, encontrar a Rosângela. Ela havia conhecido um caminhoneiro norte-americano de férias no Brasil e estava muito apaixonada. Era um cara inteiro tatuado, com quase um metro a menos de altura que ela, mas que havia mexido com seu coração. Ela iria embora com ele. Vários amigos estavam dando certo no amor. Muitos deles por

alguns meses, mas ainda assim estavam encontrando as tampas de suas panelas. Eu não. Eu já tinha encontrado o cabo, a válvula, a borrachinha da panela de pressão, mas a tampa não. E queria.

Numa dessas escapadas da faculdade, fui com alguns amigos a uma festa de aniversário em um barzinho chamado Coliseu. Mas antes, iríamos passar para buscar um bolo que tinha sido encomendado pela tia do menino. Ela ligou para mim, justo para mim, pedindo o favorzinho.

– Querido, você teria algum problema em ir ali, do outro lado do cu do mundo buscar o bolo para a festa do William?

– Claro que não, querida tia-sem-noção! – pensei.

Atravessei a cidade por volta de dez da noite de uma quarta-feira, e cheguei ao lugar incerto e não sabido onde vivia a dona Leonor que, aos seus cento e oitenta e cinco anos, ainda confeitava. Eu me lembro do meu amigo comentando que ela certamente era a bruxa de João e Maria, porque além de corcunda tinha uma nada atraente verruga no nariz. Quando abriu a geladeira, comecei a rir: o bolo tinha a cara do Pateta estampada em papel de arroz, com aquelas gosmas transparentes que parecem gel de cabelo. Na verdade, estava escrito "nosso" e, em seguida, havia uma foto do cachorro. Aí, rindo, eu lhe disse que talvez tivesse se confundido, porque era aniversário de 30 anos do William. E sem esboçar um mísero sorriso, ela me olhou, séria, e disse:

– Foi este o encomendado. Além de abrir a porta às dez da noite vou ter que levar desaforo de moleque? Se arranque.

Sem entender nada, segui para o tal bar. Era uma boate, na verdade. De quinta (ou inferior) categoria.

Mas quando estava na portaria, o segurança me revistou e disse:

– Sinto muito, o Pateta não pode entrar.

Era tudo que eu mais queria. Ser barrado na entrada da boate com um bolo gosmento com a cara do Pateta. Decidi voltar para o carro, deixar o tal bolo, entrar para avisar a família do William que o bolo estava no meu carro e resolver a situação toda.

Quando abri a porta do carro, eu me desequilibrei e enfiei a mão bem na cabeça do Pateta. Por instinto, eu me assustei comigo mesmo e passei a mão na calça para limpar.

Catei um papel higiênico que tinha no porta-luvas e limpei o máximo que pude, mas a mancha passaria tranquilamente por vômito.

Com ódio mortal, ainda assim decidi entrar, abraçar meu amigo e curtir um pouco da noite.

Entre tanta gente esquisita, um amigo me falava sobre a chegada de um tal menino que vários ali cobiçavam e que voltaria a morar em Ponta Grossa.

Era o Tupich

Guilherme era uma graça, mas também, de longe, a pessoa mais besta que minha existência já conhecera. Daquele tipo que chega à balada e quer que a música pare para ele passar. Ele usava uma camiseta com um calhambeque bordado com paetê vermelho. E era do tipo de gente que usa chinelo de dedo em todo lugar porque é um *calçado democrático que populariza as pessoas modernas, transadas e descoladas.* Pensa numa pessoa rica excêntrica, só que sem ser rica. Era o Guilherme.

As músicas que tocavam eram péssimas. O DJ alternava entre a coletânea obra fixando estaca e sons hospitalares do inferno. E eu, apenas procurando algum parente do William para decidir o que fazer com o Pateta esmagado.

Eis que lá, ao lado do tal Guilherme, avistei a irmã do William, toda diva, descendo a *raba* na pista de dança. Atravessei o local entulhado de gente, e lhe disse:

– Guria, tô com um problema com o bolo... o segurança não deixou eu entrar com ele.

– Nossa, que chato, Beto. Obrigado por ir buscar. Ficou bonito? Eu tô supercuriosa pra ver, porque nem o Will sabe ainda. Mas hoje saiu a convocação dele e "tals"... – disse-me, muito empolgada.

Enquanto íamos ao carro buscar, eu me torturava pensando em como dizer que a cara do Pateta estava amassada, destruída, e muito mais do que isso: com qual objetivo tinham feito do Pateta para o cara... mas não quis ser indiscreto e deixei que ela visse o bolo antes. Quando abri a porta do carro, ela ficou pálida. E deu um berro:

– Meu Deus, é o bolo errado. Meu Deus!

Eu já estava achando estranho tudo aquilo. Então, a tal *sister* do meu *brother* sacou o celular, e ligou para a dona confeiteira de cento e oitenta e cinco anos. Aí já passava da meia-noite e, evidentemente, a mulher soltou os cachorros na moça.

– A senhora tá de brincadeira ou o quê? – disse a garota, aos berros, à boa e amada velhinha. – Eu não pedi bolo de Pateta nenhum. Eu...

Ao que a mulher, decerto, gritava coisas nada ortodoxas.

De repente ela começa a rir, larga o telefone e me diz: enfia o bolo na minha bolsa que no caminho eu conto...

Entramos na balada novamente, e descobri que a confeiteira havia entendido errado. Como o William era formado em Educação Física, e como jogaria representando a cidade em jogos, pediu que a mulher escrevesse no bolo "nosso ATLETA". Mas ela entendeu errado.

Entramos na boate, eu todo vomitado, ela com a bolsa enorme com destroços de um bolo errado dentro e um sorriso maroto. Agora, eu ia curtir a noite.

O tal Guilherme, chamado de TupiQUE (em virtude do sobrenome) pelos amigos, dançava exibindo seu corpinho, todo cheio de graça. E quando via que eu estava olhando, começava a se exibir mais, numa quase dança do acasalamento. Era o tempo em que se fumava em boate e se bebia coisas em garrafinhas *long neck* com um limão na ponta. Ele bebia com cara de garota de propaganda de cerveja, lambendo os lábios e dançando.

Numa dessas encaradas, bem-feito: babou. Babou muito. Talvez tenha se afogado e o limão tenha entalado na glote.

E ele então, sem graça pra caramba, olhou para baixo e fingiu demência. Fato maior foi que, mesmo babado, numa festa com um bolo do Pateta, com músicas terríveis e em um ambiente que lembra os antros de perdição da Europa no século XIX, alguma coisa naquele menino mexeu comigo. Mesmo que não tenhamos trocado uma única palavra.

O fato de ser *gay* (ou homossexual, sendo dito em tom bem baixinho como minha mãe sempre falou) não é um ponto relevante na minha história. Por isso, deixemos de lado todo o protocolo de contar como foi assumir isso para mim mesmo e depois para o mundo.

O Tupich era lindo, sim. E mesmo tanto tempo depois, continua sendo. E ele se impôs de uma forma tão "macho" na minha vida que se alguém tivesse qualquer interesse em censurar ou se espantar com um casal de homens, ele conseguiu de uma maneira muito firme, gentil e sutil, desconcertar.

Nos meses que seguiram, a gente começou a se conhecer.

Na primeira vez que saímos juntos, só nós dois, ele disse que iria me buscar em casa. Era o tempo do extinto *Orkut*, uma rede social tão inútil quanto qualquer outra, mas que contava com uma superavançada tecnologia de troca de mensagens que só os interlocutores visualizavam.

– Passo na sua casa às 20. Me manda seu endereço – escreveu.

Me arrumei da melhor forma possível, vesti um casaco de couro e, por ser inverno, um cachecol. E quando ele chegou, começou a destilar a magia que sempre fez parte de sua natureza.

– Nossa! Você mora longe, né? Você parece muito mais novo do que quando eu te vi a primeira vez. Foi sua mãe que te arrumou? Você nunca foi pra Disney? Você não conhece fulano? Como assim, você nunca comprou nenhuma roupa da marca "meninoricoestilososuperintenso"?

Meu santo, que cara chato. Chatíssimo, eu diria.

Mas ainda assim, depois de gastar um vidro de perfume, decidi que não ia perder a noite. E entrei no carro.

Balada ou barzinho? Cinema ou restaurante? O que você faz no primeiro encontro com o cara da sua vida? Difícil decisão, e optamos por pegar um barzinho charmoso com música ao vivo.

E desde então, devia haver uma bruxa rogando praga ali por perto: começou a maldição dos nossos encontros. Cara, minha mãe diria que eu sou muito dramático, mas eu realmente não era um cara de sorte.

Sentamos em um mezanino, com poucas pessoas, de frente para o minúsculo palco que se localizava no primeiro andar. A cantora, se não me falha a memória, era alguém como a Rita Lee, alternativa e estilosa. Música boa, de verdade.

Mas não sei por que cargas d'água a moça encafifou comigo. Eu poderia estar delirando, mas tive a impressão de que ela esboçou algo como "e essa vai para o rapaz de amarelo aí em cima".

Olhei ao meu redor e além de mim, que já tinha tirado o casaco, ninguém mais estava de roupa amarela.

Conversa vai, conversa vem, Guilherme comentou que ela ficaria com torcicolo, porque estava com a cabeça para cima havia muito tempo.

– Agora vou cantar uma música que fala sobre um primeiro encontro – disse a cantora.

E eu achando que ela se referia a nós dois, que estávamos juntos como um casal pela primeira vez.

Depois, interrompeu a música e disse:

– Ei vocês, vocês acreditam em amor à primeira vista?

Sua seleção musical caiu em um lance muito estranho. Se antes tocava a boa e velha MPB, de repente, ela começou a cantar coisas do tipo "primeira vez, que o amor bateu de frente comigo", de Sandy e Júnior.

Guilherme estava se irritando. Para cada música uma dedicatória a um suposto flerte anônimo. Ele perguntou se eu conhecia aquele projeto de Rita Lee, mas eu não conhecia mesmo, juro.

No intervalo do show, a mulher subiu as escadas e pediu meu telefone. Foi o fim da noite. Eu estava com medo de ser literalmente engolido pela tia *rock and roll.* Achei que ia dar até um barraco, porque Guilherme levantou e perguntou sutilmente:

– Que parte a SENHORA não entendeu? Nós estamos juntos. Jun-tos!

Foram muitas as vezes que nossas saídas melaram. Muitas. Uma vez, Guilherme chegou para me buscar em casa e no primeiro arranque do carro, o pedal do acelerador quebrou.

Mas a mais icônica de todas as noites, talvez tenha sido a da camiseta.

Ponta Grossa era uma cidade com uma vida noturna significativa. Sempre algum bar novo, uma nova balada e boas opções do que fazer. Numa dessas iniciativas surgia a Óxido, uma incrível balada totalmente diferente, toda branca, cheia de sofás e muita luz negra. Só luz negra.

E quando a gente estava lá dentro, ficava todo mundo dentuço, com uns olhos psicodélicos e com cara de psicopata de filme dirigido por alienígenas. Aliás, nós ficávamos com cara de alienígenas. Não demorou muito para o pessoal perceber que ali não era um lugar interessante para flertar, para conhecer gente nova: todo mundo ficava horroroso dentro da Óxido. Por esse motivo, a maioria do público era casalzinho, ou grupos de amigos que só queriam dançar.

A fila era quilométrica. E quem vive em cidade do interior sabe que nessas horas sempre encontramos um monte de gente conhecida, o que pode ser bom ou pode ser péssimo.

Enquanto esperávamos a entrada, meu ex-namorado passou por nós e comentou:

– Que bonita a camiseta, Beto!

Meia hora depois, Guilherme emudeceu. Eu falava alguma coisa desenfreadamente, mas ele botou a mão no meu peito e disse:

– Que porra é essa de "bonita camiseta" que esse cara falou?

– Não sei. Não faço a menor ideia, Gui – respondi, assustado com a forma como ele falou.

– Ah, não sabe? É óbvio que você sabe.

O segurança então nos chamou para entrar, fomos revistados, pegamos a comanda e, como eu estava sem bolso, Guilherme guardou a chave do meu carro, meu celular e a minha comanda.

Fui ao bar pegar alguma bebida, mas ele me disse em um tom de *eureca:*

– A-há! Eu entendi... foi ele quem te deu essa camiseta, não é mesmo?

– Não, Gui. Quer dizer, acho que não. Pare com essa história.

– Hã? O quê? Epa! Você "não sabe"? Claaaaaro que é isso, foi ele quem te deu a camiseta – disse, ensandecido.

E eu olhei bem nos olhos dele, com aquela cor psicodélica da luz negra e vi que seus dentes estavam roxos fluorescentes. Ele parecia um personagem do filme *Homens de Preto*, só faltava um *etezinho* em seu ombro. E enquanto eu ria, ele saltava metros de altura explodindo em ódio.

– Calma, olhe todo mundo assistindo à nossa briga! – Eu dizia, entre gargalhadas. O ex-namorado, por exemplo, estava no andar de cima, assistindo de camarote.

– Calma o caralho! Não me mande ficar calmo, porque eu nem estou nervoso, porra. Tire essa camiseta agora. Tire, vamos! Arranque ela já, ou eu mesmo vou arrancar essa merda desse caralho de camiseta de bosta – argumentava Guilherme, pacificamente.

Evidentemente eu não tiraria. Jamais, em hipótese alguma. Ainda mais pelo fato de não estar devidamente bronzeado, o que agravaria muito por causa da luz negra. Eu ficaria parecendo a Criptonita do *Superman*!

Mas ele não dava trégua. Começou a falar cada vez mais alto e deu o veredicto:

– Ou você tira agora, ou eu vou embora.

– Ok, Gui, nós vamos embora.

– Não, você não entendeu. Ou você tira, ou EU vou embora – dando toda a ênfase ao "eu".

– Então sinto muito, você vai ter que ir embora.

Guilherme sempre foi teimoso e acima de tudo, orgulhoso. Não me sujeitaria àquela situação. Se ele queria ir, que fosse. Dobrou a pista de dança e partiu.

Mas quando eu o perdi de vista é que me dei conta de três coisas muito importantes. A primeira é que no final da comanda há um aviso: "Em caso de extravio deste, uma multa de R$500,00 será cobrada"; a segunda é que minha comanda estava no bolso dele. E a terceira... puta merda! A terceira é que minha carteira e meu celular estavam com ele e que, independentemente de qualquer coisa eu não teria quinhentos reais. Entrei em um breve desespero com meus dentes roxos fluorescentes e quando fui ao caixa para explicar minha situação, esbarrei no próprio Guilherme.

– Ué, você não ia embora? – Eu perguntei.

– Ia, mas resolvi ficar observando você, para ter certeza que não ia falar com aquele palhaço da camiseta.

Não sabia se agradecia por não ter me abandonado naquela fábrica cibernética de *aliens* ou se matava ele asfixiado com a minha camiseta. Enfim, fomos embora sem muitas palavras.

Tupich era genioso. Talvez tenha sido aquele tipo de criança que destruía a casa e os pais não falavam nada, porque "olha se ele não é uma gracinha de criança!".

Mas ao mesmo tempo, me encantava a sua capacidade de manter sempre o bom humor, quer dizer, não ter mau humor por qualquer motivo.

No começo do nosso namoro, íamos a muitas festas. Muitas mesmo. Chegávamos ir a umas quatro por noite, nos fins de semana. A gente sempre ia rodeados de bons amigos. Alguns eram o destino, outros apenas a viagem, e foram ficando no meio do caminho. Mas soubemos curtir todos, cada um em sua época, e foram muitas as vezes que nos chamavam para cozinhar em suas casas. A gente sempre gostou de cozinhar.

Mas também soubemos aproveitar os momentos só nossos. Nessa época, estreava um filme sobre o romance entre dois caubóis que se encontravam de tempos em tempos em uma floresta para viver um amor proibido. Cafona, porém bonito. O *Segredo de Brokeback Mountain* era uma leitura das nossas próprias histórias.

Meu avô, pai de minha mãe, tinha uma casinha num sítio completamente isolado de tudo. Não me lembro se já falei dele por aqui,

mas ele era um cara sensacional. Festeiro, de temperamento forte, mas sempre vibrando com as minhas conquistas, independentemente de quais fossem. Há quem diga que saí a ele, principalmente nas relações políticas. Sua gentileza ao receber as pessoas em casa era tão grande que sempre faltavam cadeiras à mesa, mas jamais comida. Todo mundo amava o Schranzinho em vida e, embora sua partida tenha sido após dez anos em estado vegetativo e tenha sido esquecido por muitos na sua morte, as lembranças que todos têm dele são sempre ótimas.

A casinha ficava em um universo particular. Perto de um lago de peixes, um cenário bucólico e nenhuma conexão com o mundo externo. Nem televisão pegava. Não havia vizinhos próximos e a casa, embora completamente abandonada, tinha seu charme peculiar.

Guilherme também se encantou com o lugar e durante um ano de namoro era lá que passávamos os fins de semana. Enquanto brincávamos de casinha, arrumando tudo que podíamos, o mundo lá fora parecia parar. Plantamos uma horta, flores na varanda, pintamos a casa toda. E era lá que fazíamos todos os planos, jogando no universo as profecias do nosso futuro.

É engraçado como em começo de namoro dois se bastam, não? A gente acha tudo bonito e consegue filtrar o tédio com sexo selvagem na relva crescente, entre arbustos verdejantes e a brisa natural das abelhas. (Pai e mãe, não leiam esse trecho).

Quando a casa ficou do jeitinho que queríamos, chegou a hora de convidar alguns amigos. Élio e Rebeca eram nossos compadres. Não tinham filhos, nós também não, mas nos chamávamos assim. E eram parceiros demais. A gente sempre inventava algum programa de sábado e outro de domingo. E resolvemos então levá-los ao sítio.

A casa era muito simples, mas tinha camas boas e podíamos curtir o astral do lugar juntos. Durante o dia caminhávamos, íamos a um boteco no vilarejo rural jogar sinuca e tomar uma cerveja gelada e, à noite, fogueira, violão e boa conversa. Só que a hora de dormir... era um verdadeiro filme de terror. Aranhas brotando por todos os cantos, pernilongos, muriçocas e a natureza entrando na casa.

Então, no dia seguinte da primeira ida, resolvemos passar no mercado da cidade e pedir o veneno mais forte que existisse. Nada daqueles *sprays* de citronela, aqueles aerossóis ou os de tomada. A gente queria veneno raiz. E o vendedor, seu Pito, no auge dos seus 102 anos, nos vendeu uma latinha poderosa.

– Só não é bão respirar o veneno, menino. Acende e sai de perto – orientou.

Voltamos para o sítio e como o mais maduro da turma, segui as instruções. Vedei todas as possíveis saída dos peçonhentos, coloquei panos molhados nas frestas das portas, apaguei a energia e acendi a tal lata. De repente, fez-se noite. O negócio soltava tanta, mas tanta fumaça, que tive dificuldade de sair de dentro da casa. Na varanda me esperavam os compadres e o Guilherme, que ficou assustado quando sondou pelo vidro a fumaceira dentro da casinha.

– Vamos dar uma volta de carro até fazer o efeito! – disse Guilherme.

– Puta que o pariu! Deixei a chave lá dentro.

Como ninguém queria morrer envenenado, o jeito era ficar do lado de fora esperando o tempo de ação do poderoso inseticida que mata bichos e gente.

Oito horas depois, ainda sentados lá fora, decidimos que seria hora de chutar o pau da barraca, abrir a casa e fazer a remoção dos possíveis cadáveres aracnídeos. Deus! Como podia uma latinha filha da puta estar soltando fumaça sete horas depois? Era humanamente impossível ficar ali dentro mais de 15 segundos. A única coisa que pudemos entender é que ela realmente matava animais. Parecia laboratório de Ciências em dia de aula de Biologia com o sétimo ano. Aranhas, morcegos, baratas, ursos. Ursos não, ok?! Mas o resto, é verdade, tinha tudo. E eles estavam todos secos, arreganhados, com olhar de piedade por todos os lugares.

Eu nem sei por que resolvi contar isso, mas foi uma passagem muito importante na minha vida, afinal, tivemos que dormir quase que para fora ou os próximos da matança seríamos nós.

O costume de ir para lá ficou cada vez mais intenso. Não demorou muito para fazermos bons amigos na região. Levávamos sempre outras pessoas, o que foi criando laços de amizade muito legais. Era comum, ao anoitecer, chegarem mais dois ou três casais. Ficávamos jogando baralho, fazíamos várias comidas no fogão a lenha, e sempre nos encantávamos com o céu estrelado.

Numa dessas idas, um feriado de novembro, no primeiro dia teve muita bebedeira. No segundo, mais bebedeira ainda. No terceiro, subimos as doses. No quarto dia, claro, eu não aguentava mais aquele ritmo alucinante. Guilherme também não, porque inclusive nunca fomos muito adeptos às bebidas alcoólicas. Ele sugeriu que fôssemos dormir e as visitas que aproveitassem o local.

Por volta das três da manhã, eu acordei e pedi que ele me trouxesse um copo d'água. Ao abrir a porta, comecei a ouvir um barulho muito intenso. Música alta, vozes.

– Ei, ei ei, Beto, socorro! – gritou Guilherme da cozinha. Antes que eu pudesse levantar, ele já respondeu:

– Tá tudo bem, só me assustei com a moça – silêncio por uns segundos – mas me diga, tem mais de você aqui? – perguntou.

– Tá cheio "de nós" aqui, tá muito tesão essa "reivers". Parabéns aê pela iniciativa!

Guilherme voltou pálido para o quarto. Sem falar uma só palavra, abriu a janela e apontou para fora.

A janela do nosso quarto ficava de frente para um enorme descampado. E para minha enorme surpresa, quando olhei para fora o que vi foram centenas, repito, centenas de carros. Um povo completamente estranho dançava em volta de uma fogueira profissional, segurando copos de plástico, bebendo em gargalos, fazendo *topless*. Gente que eu nunca vi na vida. Gente sem o menor controle.

– Será que não devemos chamar a polícia? – perguntou Guilherme.

– Claro, seria ótimo. Exceto pelo fato de não termos nenhum telefone, estarmos a vinte quilômetros do centro da cidade, e de possivelmente sermos presos por causa desta festa – respondi.

– É. Na verdade, melhor é a gente trancar a porta e fazer de conta que não estamos sabendo de nada.

Amanheceu. Não quis levantar da cama. Mas às dez da manhã, alguém bateu à porta pedindo saco de lixo. Era uma amiga: a Marilda.

Ela estava com chiclete grudado no cabelo, estava com uma blusa de paetê completamente deslantejoulada. E sorria.

– Amado, fica bem que a gente vai dar uma geral aqui fora.

Quando olhei para o tal descampado, a sensação que tive foi a de estar num campo de batalha da Segunda Guerra Mundial. Milhares de copos, rastros de lama por todos os lados, garrafas com cheiros estranhos, pedaços de caixas de pizza. E ao lado, bem solenes, os carneiros que meu avô tanto amou, todos pastando.

Passado o susto e recuperado o local, arrumamos nossas coisas para ir embora. Na saída, no posto de gasolina, o frentista me perguntou:

– Você é neto do Schramm, né?

– Sou, por quê?

– Porque, cara, que tesão de "reivers". "Nós tava tudo" lá, ontem. Quando vai ter de novo?

Nunca mais. A resposta foi nunca mais. E, de fato, *raves*, nunca mais aconteceram.

O sítio do Schrammzinho aos poucos foi ficando no passado. Brigas de família, a distância e o trabalho nos fins de semana foram deixando de lado aquela casinha que tanto nos fez felizes por vários anos.

Sete tiros na janela

No ano de 2006, quando eu completava um ano de namoro com Guilherme, as coisas iam bem. Muito bem, diga-se de passagem. Fora de cogitação morarmos juntos naquela época, mas descobrimos que nos dávamos muito bem trabalhando juntos. A vida em uma cidade com ares cosmopolitas e ao mesmo tempo de interior era uma delícia. Meus pais nunca me prenderam, e talvez pela confiança recíproca, se eu fizesse bobagem, contaria a eles de imediato. E como eu raramente me metia em confusão, talvez por isso sempre tive uma liberdade fora dos padrões para um filho que ainda divide o teto com pai e mãe. Minha irmã, não! Ela já era cidadã do mundo, já vivia na Itália e tinha seu rumo bem definido. Eu, por minha vez, era aquele cara que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo e escutava músicas do Nando Reis chorando e escorrendo na parede. Já comentei por aqui que minha mãe me acha muito dramático? Imagina só... um quarto com uma varanda incrível, um *skyline* redondamente iluminado por luzes amarelas, um ventinho rolando no rosto, uma rede, e uma Tony Braxton cantando aquelas músicas de suicídio juvenil no famigerado MP3 *Player* com pilhas! É para escorrer na parede mesmo.

Com dezoito anos eu era bonito, magro, dirigia, trabalhava e ainda tinha tempo para cantar. Eu trabalhava numa galeria de arte pela manhã, pintava quadros e mais quadros, vendia vários deles. De tarde, eu e Guilherme tocávamos nossa própria escola de artes, a que chamamos de Oficina Nova Expressão, onde se reuniam todos os tipos de artistas loucos, de bailarinos, atores, pintores até gente que só queria olhar. E pela noite eu fazia faculdade de Jornalismo, sendo daqueles alunos chatos ativistas sociais que querem mudar o mundo e enxergam manipulação em todo tipo de órgão de comunicação.

Saía da faculdade e ia para uma emissora de televisão, onde apresentava um programa ao vivo chamado *Insônia*. Ficava uma hora no ar e quando algum telespectador ligava, normalmente era para procurar cachorro perdido ou para me mandar tomar no cu e desligar na cara. Esse era o grande lance do programa: a autenticidade das pessoas.

Foi um tempo muito feliz.

Em setembro daquele ano, especificamente no dia 18, na madrugada de domingo para segunda-feira, enquanto todos dormiam, acordei com um som estranho e fui até o quarto dos meus pais.

– Pai, acorde... você não está ouvindo? Pai...

– O que foi, filho? O que houve?

– Você não escutou esses tiros?

– Que tiro, filho?! O pai conhece barulho de tiro... isso foi bombinha, traque – disse ele, convicto e experiente na arte da metralhadora.

Segundos depois, o porteiro interfonou, desesperado.

– Doutor, doutor!!! Doutor! Parou um carro aqui na frente do prédio e tem um cara metralhando seu apartamento!

É que meu pai era juiz criminal daquela comarca, diretor do fórum, e julgava os casos mais pesados de todos. Ele ligou para a polícia, que em poucos minutos estava no condomínio onde morávamos, no quarto andar.

Na manhã seguinte, a imprensa de todos os locais da região noticiava o atentado sofrido no apartamento do juiz. Foram sete tiros de metralhadora, um dos tipos delas, digamos. E um tipo bastante raro e pesado, capaz de destruir parte da fachada do prédio.

Quem poderia tê-los disparado? Com qual motivação? O que queriam? Eram muitas perguntas, mas o simples fato de a profissão de meu pai ser qual era, tornava todas elas bastante lógicas. Não era uma cidade tão pequena, mas não tão grande a ponto de as pessoas não saberem onde os outros vivem.

Por medidas de segurança, meu pai decidiu que eu e minha mãe iríamos passar uns dias em Curitiba, na casa de meus avós.

Enquanto isso, a Polícia Civil reviraria nossas rotinas para saber até que ponto corríamos perigo.

– Filho, não fique com medo por mim. Se os bandidos quisessem me matar, eles não fariam isso em minha casa, e sim na rua, na volta do fórum, no restaurante, em qualquer lugar... – dizia o cara que confun-

diu bombinha traque com metralhadora, numa tentativa frustrada de me acalmar.

Após um laudo, sete dias de muita angústia e possíveis respostas, voltamos para casa. Tudo calmo, até então.

Foram ouvidos na delegacia todos os seres que estivessem em um raio de 1 km de onde morávamos. Todos. Do porteiro ao vizinho de cima. Meu pai, minha mãe, a Tere, que trabalhava em nossa casa, o padre, o papagaio da vizinha... e eu, não.

Mas minha hora chegaria em breve.

Numa manhã de quarta-feira, enquanto eu estava voltando à minha vida normal, dando aula de pintura em meu ateliê, o celular tocou.

– Alberto, aqui é o fulano, investigador da Polícia Civil. Você tem que vir até a delegacia imediatamente – disse uma voz nada afável.

Sem questionar, dispensei minhas alunas, peguei meu carro e fui até lá.

Já na chegada não fui muito bem recebido, quando o tal investigador meteu o pé na porta e me fez sentar em uma cadeira ficando de pé a meu lado.

– Ó rapaz, negócio é o seguinte. Aqui dentro todo mundo ama teu pai, todo mundo respeita muito. Mas a porra ficou séria e a gente tem que fazer um acordo aqui... Já teve gente que se fodeu bonito por tua culpa, e não vamos mais permitir qualquer encrenca – dizia ele, apontando para a arma na sua cintura. – Eu não tô gravando esta conversa, não vou gravar, mas você tá ligado que a gente já descobriu que "os tiro" foram pra você e não pro teu velho, né?!

– Oi? Acho que não entendi...

– Ah! Não entendeu, *playboyzinho* de merda?! Então, vou te explicar tudo. Se tu admitir que tá envolvido com coisa errada, a gente manda arquivar essa investigação e sai todo mundo bem. Mas ó, é só porque a gente respeita muito o teu velho e não quer exposição nenhuma pra ele, tá ligado?

– Não, não, não... tá havendo algum equívoco, seu investigador. O senhor definitivamente está me confundindo.

– Não tô confundindo ninguém. Sei bem identificar bandido. A gente já sacou esse teu lance com droga e com prostituição. A casa caiu. E a tua sorte é que tu é filho do juiz... – ele dizia, aflito, e sempre afirmando que não estava gravando a "conversa".

– O que o senhor acha que eu faço de errado? – Comecei a ficar aflito.

De repente, o cidadão sacou uma pasta de documentos e começou a jogá-los sobre a mesa. Nela, fotos de drogas apreendidas e de bandidos que ele insistia serem meus amigos.

– Não conheço nenhuma dessas pessoas, eu juro!

– Ah, não conhece, "mermão"? E esse "travecão" loiro aqui...? Vai dizer que não conhece?

E exibia uma foto de uma travesti loira, de altura imensa, parada em frente a uma boate que nunca, *never*, *jamás* eu teria visto.

– N-não! Não sei mesmo!

– Ahhhhh! Olha pra minha cara, seu *playba* de merda... Tu quer enganar quem? Vai dizer que não é tu, pra mim?! Justo pra mim que sei identificar traveco!

(Interrompemos a programação para as pessoas poderem assimilar as informações). (Pronto, agora continuamos).

O investigador da Polícia Civil estava realmente afirmando que eu, nas horas vagas, era uma travesti de porta de boate de quinta categoria. Afirmava inclusive que eu teria um cafetão. Que eu usava drogas. Que cheirava cocaína no marmorezinho de cima dos mictórios das boates.

– Mas fica tranquilo que eu não tô gravando essa conversa. Você me confirma os fatos, eu mando arquivar a investigação e fica tudo *de buenas*.

– Não! Em hipótese alguma. O senhor está redondamente enganado. Não existe a menor chance disso ser verdade. E eu exijo falar com meu advogado neste exato instante.

Eu nem tinha advogado. Não tinha a menor ideia do que aconteceria. Ninguém de minha casa sabia onde eu estava, e o Guilherme começou a me ligar, desesperado. Já havia passado três horas naquela sala.

Eu atendia o telefone com a mão dentro do bolso e dizia ao investigador:

– Eu não entendi por que o senhor exigiu que eu viesse imediatamente até a delegacia sozinho. – Na tentativa de fazê-lo escutar e entender que se tratava de um pedido de socorro.

Guilherme não entendia e repetia a ligação.

Quando meu pai me ligou, preocupado com o atraso para o almoço, eu mais que depressa atendi, e o investigador, com muito ódio, me dispensou.

No caminho para casa, eu estava sentindo todo tipo de angústia. Será que eu estava sendo confundido? Será que era tudo verdade? Será que eu era esquizofrênico e estava realmente fantasiado de *She-ha* em frente à boate?! Será que eu estava cheirando cocaína e achava que era *Glade Air Topic* Novos Aromas?! Isso explicaria muita coisa, inclusive o fato de ser viciado em remédios para desentupir nariz!

Ao entrar em casa, minha mãe estava assustada.

– Filho, que demora foi essa? O que houve? Todos estamos preocupados...

– Ah, mãe, tá tudo bem. Eu acabei de voltar da delegacia, o investigador disse que os tiros foram pra mim e não pro pai (até porque ele achou que eram bombinhas traque), e que eles descobriram minha falsa identidade de travesti e minha ligação com o narcotráfico. Pode me chamar de Bar. Esco-bar.

Minha mãe teve um surto. Antes, porém, ela pediu para eu repetir o que tinha dito. Em seguida, num movimento paranauê, começou a gritar e a fazer ruídos estranhos.

– Eu quero morrer... meu filho do céu! O que você fez com a sua vida? Olhe o que você fez com a nossa família!

Enquanto ela tinha seu surto psicótico, eu fiquei olhando para as portas do corredor de casa, esperando o Gugu sair de alguma delas dizendo que eu estava no Domingo Legal ou o Sérgio Mallandro, para falar: "pegadinha do Mallandro".

Mas não. Cara! Ela estava falando muito sério. Ligou para o meu pai, que estava no fórum e deve ter pego um helicóptero Uber, porque ele chegou muito rápido.

Ele entrou no meu quarto, baixou o volume do *CD* da Tony Braxton, e me perguntou o que o tal investigador tinha dito.

– Pai, ele disse que descobriram tudo, o cara é louco. Disse que até travesti eu sou. Que eu uso todo tipo de drogas, que estou ligado a uma facção criminosa e que em respeito a você iria arquivar a investigação.

– É, meu filho... esse é o preço que você paga por ser o que você quer ser.

Foram as palavras mais duras da minha vida. Principalmente porque era tudo mentira. Eu sabia que era tudo mentira. Era o preço que eu estava pagando por ser filho de quem eu era. Não era um preço meu.

Ele levantou do quarto aflito, mas sem falar mais nada. Eu estava em choque por saber que eles desconfiavam mesmo de mim.

A Tere, que trabalhava em nossa casa, bateu à porta e me disse, baixinho:

– Cara, é séria essa história? Realmente eles falaram isso tudo? Que loucura! Eles estão por trás desses tiros! Ligue pra alguém...

Eu peguei meu telefone e comecei a discar. A primeira pessoa que eu me passou pela cabeça foi a Noeli, uma juíza amiga dos meus pais, com quem tive uma amizade maravilhosa por muito tempo. E depois, liguei para o Guilherme. Que ligou para outros amigos.

Minha casa em pouco tempo se tornou uma sala de espera do SUS. Tinha gente entrando por todas as partes, sabatinando meus pais.

– Raul, pelo amor de Deus! A gente conhece o Beto. Ele sempre saiu com a gente, sempre esteve com você... Como pode desconfiar dele? – dizia um.

– E outra, Beto, topa fazer um exame toxicológico? – disse outro.

Eu nem sabia o que era um exame toxicológico. Mas lógico, topei. E às quatro da tarde entrei no carro de um amigo para fazer meu primeiro exame que denunciaria se eu tivesse consumido qualquer substância entorpecente nos últimos meses.

O resultado saiu na hora.

A vontade que tive ao voltar para casa era de fazer meus pais engolirem aquele papel. Grave! Gravíssimo! Acusação mais terrível que já sofri. Para mostrar que eu não era travesti eu ia ter que fazer o quê? Mostrar o Tobias? Andar de salto e mostrar que não tinha talento para aquilo?

Então, os outros juízes da comarca, amigos de meus pais, que naquela hora estavam todos reunidos, fizeram um alerta:

– Raul, pegue esse piá e tire de Ponta Grossa imediatamente. Porque se ele não usa droga, não está envolvido com nada disso e acabou de ser acusado de tanto, daqui a pouco vai aparecer droga no carro dele. Vão plantar alguma coisa pra incriminá-lo. E digo mais: tem gente pesada envolvida nesse atentado.

Na manhã do dia seguinte, Guilherme chegava à casa dos meus pais. Ele tinha acabado de voltar da delegacia...

– Tio, tia... quero ir embora de Ponta Grossa com o Beto. Quero ir morar com ele em Curitiba, em qualquer outro lugar. Aqui não dá mais pra ficar.

No final daquela tarde, começamos a juntar nossas coisas, desmanchar nosso ateliê e no fim daquela semana estávamos juntos em Curitiba, em um apartamento antigo da família.

Foi na primeira noite na casa nova que percebi: era aquele o meu casamento.

A história dos tiros nunca se resolveu por inteiro. Meus pais não aguentaram ficar muito tempo mais naquela cidade. Era tudo muito inseguro, muito incerto. Nunca se teve respostas concretas sobre aqueles fatos. Pode ter sido alguma manobra do mal. Pode ter sido até mesmo algum bêbado capaz de atirar para cima e por coincidência ter nos atingido.

O novo mundo

No dia 18 de novembro de 2006, eu, com 20 anos, estava me casando. De modo totalmente diferente dos meus planos visionários e polêmicos, não fizemos uma festa como sonhávamos a cada conversa sobre o assunto. Não obrigamos nossos amigos a se vestirem de branco para uma festa no campo ao entardecer, cada um segurando uma flor diferente. Não usamos as batas que tínhamos desenhado, nem chamamos um celebrante de casamentos alternativo com ares de místico. Não pudemos ter uma banda tocando Maria Bethânia (*quem me chamou, quem vai querer voltar pro ninhooooo*, *agora é brincar de viveeeer*)[2]. Até porque tínhamos amigos, e eles não nos permitiriam nada tão cafona.

Nosso casamento começou assim: o apartamento em que iríamos morar era do meu avô materno, mas a família inteira não sabia do nosso namoro. Por isso, teria que ser tudo com muito cuidado.

O imóvel era muito antigo, em um prédio muito antigo, com moradores muito antigos. Não tinha elevador. Naquela época ninguém falava em internet. Quando muito, um celular com o joguinho da cobrinha.

Eu fui antes. Não sabia dirigir em Curitiba, por isso Guilherme foi comigo dirigindo meu carro, me deixou na casa nova, e voltou para Ponta Grossa a fim de buscar a mudança e trazer o seu próprio carro.

Era um misto de sensações. Ao mesmo ponto a alegria da independência e a sensação de abandono, de ter saído do ninho. Eu nunca imaginei que aqueles barulhos da madrugada eram ouvidos pelo meu pai, que calmamente respondia "não foi nada, é barulho dos vizinhos".

[2] *Brincar de Viver*, composição de Guilherme Arantes, interpretada por Maria Bethânia.

Na primeira noite em que eu fiquei sozinho esperando o Gui voltar na manhã seguinte, o apartamento inteiro parecia ficar em uma zona de guerra. Era na frente de um hospital e por isso durante toda a madrugada se escutava sirenes de ambulância, carros entrando e saindo, briga de gente bêbada na rua.

Não dormi a noite inteira, assustado. Sem televisão, sem rádio, sem nada. Apenas acordado ouvindo tudo. E pensando em tudo. Móveis velhos do tempo do meu bisavô, abandonados pelo apartamento, cheios de poeira, me faziam companhia.

Quando amanheceu, Guilherme me ligou.

– Tá chovendo aí?

– Não, por quê? Aí está chovendo? – perguntei.

– Torrencialmente. Assim que pare a chuva os rapazes começam a carregar as coisas.

Nossa mudança seria de três lugares diferentes. A minha casa (que basicamente compreendia meu quarto); a casa dele, com móveis da família; e a nossa escola de artes, cheia de tranqueiras e obras de arte sem nenhum valor de mercado. Lei de Murphy ou não, naquele dia choveu sem parar. Sem parar um único minuto. Mas diziam os antigos que mudança em dia de chuva era sinal de prosperidade.

Fui a pé ao mercadinho próximo e comprei uma vassoura, um detergente, um pano e comecei a faxina. Cada cômodo em que eu passava no apartamento revelava um cenário decadente da história da minha família. O quarto em que meus pais dormiam quando se casaram parecia ter parado no tempo.

Somente dois dias depois chegou a mudança e com ela, Guilherme. Ele estava feliz. Muito feliz. Nunca quis ter voltado a viver em Ponta Grossa, e o clima de cidade grande o fazia feliz, mesmo que o emprego que tivesse conseguido ficasse a 50km de casa, no hospital psiquiátrico de uma colônia penal, um clima de umbral.

Naquela mesma semana eu faria vestibular. Com todas as opções possíveis de cursos, agora na capital, eu decidi me dedicar ao que me interessava, mesmo que isso com toda certeza não desse dinheiro.

No domingo prestei vestibular para a faculdade de Artes.

Uns dias depois eu estava aprovado, fazendo a matrícula em um curso que não fazia ideia do que significaria em minha vida.

Mas essa época foi chata. Puta que *la* vida, como foi chata! Nada contra os professores, os amigos, as pessoas de modo geral. Mas foi chata. Eu não tinha a menor sensibilidade para entender os conceitos de *arte* e por conta das várias visitas obrigatórias aos museus como prática profissional, acabei me sentindo mais ignorante.

Certa vez, entrei no Museu Paranaense às 8 da manhã e, enquanto observavam os quadros, eu fiquei observando as pessoas. E percebi que uma moça estava realmente emocionada ao ficar de frente a uma obra de *Poty*. Ela passava as mãos nos braços como se baixasse os pelos arrepiados e falava coisas sinistras sozinhas.

Subi até a biblioteca do museu, fiz minha pesquisa e, às 12h30, após terminar o objetivo, vi que a dita-cuja ainda estava naquela mesma posição, ainda com os olhos marejados. Cheguei a pensar que estivesse morta e empalhada. Resolvi me aproximar e perguntar se estava tudo bem.

– Cara! Shiu! Isto aqui é um *Poty*.

Fiquei tão sem graça que não tive sequer coragem de dizer qualquer coisa.

Nos ateliês da faculdade as pessoas ficavam ouvindo músicas estranhas e pintando quadros estranhos, e aí discutiam por quatro horas sem parar sobre o amarelo, o círculo, as linhas. E, porra, eu queria só fazer meus desenhos multi talentosos que crianças de quatro anos fazem. Mas era preciso analisar a tela branca, andar cinco metros para trás, ensaiar os movimentos e pintar len-ta-men-te. Muito lentamente. Ou não seria arte. Se não tivesse um monte de argumentos para fazer um pingo de tinta preta, sua obra estaria condenada à morte, e você, caro artista, à fogueira.

Por algum motivo, comecei a entrar naquela *vibe* alucinada ou não conseguiria sair do primeiro período da faculdade. Contudo, certo dia, eu estava tão irritado com a atmosfera *cult* que não me aceitava e para a qual eu não estava preparado para entrar, que peguei uma tela de pintura, arremessei a tampa de um pote de tinta rosa, e fui embora. No dia seguinte, quando entrei na mesma sala, a professora estava chorando.

– Estou encantada, Alberto. Estou realmente encantada! Você está entendendo a essência disso aqui.

Oi?! Eu estava me formando para isso? A professora com graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado e pós-putaqueopariuado estava afirmando que aquilo era uma obra de arte?

Uma que eu tinha certeza de ter feito em tom de deboche, com raiva da vida, e sem a menor vontade de continuar o curso...

– Isso, Alberto! – complementou. – É essa a essência, você fez isso tendo um monte de sentimentos e emoções, essa é a ideia da estética, da semiótica, da poética. – Tentou argumentar.

Ah, tá, agora entendi! Mentira. Não entendi porra nenhuma. Mas comecei a estragar mais coisas. Comecei a fazer mais zoeiras. E, por incrível que pareça, comecei a vender meus quadros.

De repente, eu me tornei um jovem artista plástico que participava de exposições a convite dos grandes artistas do estado. Enviei quadros para a França. Para Nova Iorque. Para Berlim. Vendi vários e vários quadros mal-acabados, malfeitões, diferentões. As pessoas gostavam, iam lá e pá: compravam. Até de leilão eu cheguei a participar.

Entretanto, talvez o auge de minha carreira tenha sido numa tarde de quinta-feira, enquanto eu voltava para casa. Eu estava com Guilherme em uma movimentada rua da cidade. O trânsito estava lento, travado por uma dessas gaiolinhas de recicláveis. Cada carro que passava pelo catador metia a boca no cara que, aqui, vamos chamar de "O Noia".

Quando nós conseguimos ultrapassá-lo, eu observei melhor o cidadão: cabelos *rastafári*, bermudão, chinelão, cantarolando alguma coisa, provavelmente um Bob Marley.

– Guilherme! Pare o carro imediatamente! – gritei.

– O que foi? O quê? - disse Guilherme, assustado, enfiando o pé no freio.

– Olhe o carrinho do rapaz! Tá vendo? Ele tá com um quadro meu pendurado na coisinha.

Guilherme, procurando uma vaga para estacionar, todo aflito, me disse para descer do carro que ele já iria me encontrar.

– Boa noite, senhor, tudo bem? – disse eu, ao "O Noia".

– E aí, meu irmão, c tá bem? Olha que paz que tá... – respondeu.

Os carros quase passando por cima de nós, em plena via rápida, andando lentamente às seis da tarde, na região mais caótica de Curitiba.

– Viu? Não quero tomar teu tempo, só queria saber desse quadro aí. – disse eu, apontando para o meu quadro.

– Esse? Ih, meu irmão! Esse é uma obra de arte, né?

– Sim, é uma obra de arte. Onde você conseguiu?

– Ah, esse eu catei no lixo, mas é muuuuuuuuuuuuuito caro – disse "O Noia", aparentando estar realmente "noiado".

– Será? Eu achei ele legal, não quer me vender?

– Quero, meu. Tô apegado com a "arte", mas tô precisando de umas platas. Quero 10.000 reais por ele.

– Oi?!

"O Noia" queria me vender um quadro meu mesmo que alguém comprou, jogou no lixo e depois foi resgatado por um maluco, por DEZ MIL REAIS? Meu Deus, qual a parte dessa supervalorização do meu trabalho eu perdi? Porque eu ainda tava pobre...

Eu pensei em dizer para ele que eu tinha pintado o quadro, mas achei interessante a conversa e resolvi continuar o papo.

– Não tenho, cara. É muito dinheiro. Dez mil ninguém vai querer pagar. Nem é bonito, o quadro – afirmei.

– Orra meu irmão ! Claro que é, cara.

– Ah, velho! Eu só tenho vintão, aqui. Vinte reais não rola vender?!

"O Noia" pensou, parou o carrinho - para desespero da avenida inteira - olhou para o quadro, olhou para mim, olhou para o quadro de novo, olhou para mim...

– Tá, meu irmão! Leva ele de graça. Eu achei tua cara o quadro, mesmo.

Meu! Eu levei o quadro. Aí, fiz a seguinte análise:

a. Meu quadro valeu R$10.000,00.
b. Mas a falta de oferta o fez chegar a R$20,00.
c. Eu falei que o quadro era feio.
d. O cara disse que o quadro era a minha cara.
e. Os motoristas das seis horas da tarde são muito intolerantes.
f. Alguém comprou um quadro meu e colocou no lixo.
g. Foda-se, o quadro era uma merda mesmo.

Guilherme me esperava doze quadras à frente. E eu atravessei o bairro com o quadro na cabeça. Mas essa não foi a pior história envolvendo quadros meus. De longe seria. A pior de todas se deu em um leilão.

O promotor de um evento beneficente me ligou umas dez vezes naquela semana para pedir a doação de um quadro meu a ser leiloado

e ter a renda revertida para uma instituição nova que estaria surgindo. Naquela época, eu estava bem cotado entre os artistas plásticos do Paraná. E, embora vendesse muito bem minhas obras, não estaria totalmente disposto a enfrentar a possibilidade de ninguém querer comprar uma tela minha. Como todo bom artista plástico, eu estava duro, sem dinheiro para comprar uma tela. Mas ao voltar para casa pensando em uma alternativa para colaborar, eu me deparei com uma porta velha, totalmente quebrada, de imbuia, em uma caçamba de lixo. Sem pensar duas vezes, catei a dita porta, levei para casa, arrumei o que era possível e pintei um enorme e lindo jardim. Coisa cafona, que todo mundo compra. Nada ao estilo Beto, sem pé nem cabeça.

No dia do referido evento, lá estive pronto, na companhia de meus pais, meus sogros e Guilherme. O evento era bastante elegante. As pessoas usando terno e gravata, os artistas muito finos. Sobre o palco, as obras que estavam à venda: telas com molduras douradas enormes, pinturas de natureza morta em tinta a óleo, quadros caríssimos... e no meio de tudo aquilo, a minha porta.

Durante o leilão, as pessoas começaram a dar lances. Quando chegou a minha vez, duas senhoras muito, mas muito idosas, que estavam na mesa ao lado, começaram a disputar meu quadro. Os preços não paravam de subir. E talvez tenha sido a obra com mais lances entre todos os quase cinquenta quadros.

Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... vendido! O leiloeiro então me chamou para ir ajudar a senhora a pegar o quadro. Para o meu espanto, ao subir ao palco ela pegou o quadro ao lado, que tinha a pintura de cavalos galopando.

– A senhora está pegando o quadro errado! – disse baixinho, constrangido, o leiloeiro.

– Como? Não foi esse que eu comprei?

– Não! A senhora comprou esse outro aqui, bem grandão!

– Ara, mas eu tô ficando velha mesmo... comprei uma porta achando que era o outro – respondeu a senhora, nitidamente desconfortável.

Enfim, sabendo tratar-se de um evento beneficente, ela me pediu ajuda para levar o quadro até sua mesa. O salão parecia um deserto infinito. Carreguei aquele quadro com ódio da humanidade, apoiei a "obra" sobre uma cadeira ao lado da vovó, e voltei para a minha mesa com vontade de sumir do mundo.

Meus parentes então começaram a dizer coisas como “olhe, filho, que maravilhoso! Olhe que lindo, ela gostou do seu quadro. Que bonito reconhecimento!” . E eu só respondi “Ô!”.

O que mais me deixava irritado durante a faculdade eram as discussões. Se a galera de humanas já gosta de uma filosofia, a de artes é capaz de passar a eternidade discutindo a profundidade dos tons azuis na obra de Zé da Esquina e da puta que o pariu. Não basta falar por duas horas sobre as sombras de Goya, a dor de Rembrandt e indicar filmes europeus péssimos sobre assuntos estéticos. É preciso levar um bimestre inteirinho para ficar observando o mesmo quadro, os mesmos aspectos, e eu que não curtia em absoluto a crítica de arte (talvez por não entender patavinas), acabei por pegar ranço de uma professora. Ela era muito chata.

Numa noite de sexta-feira, ao entrar na sala dela, já com toda aquela vontade de ter aula teórica, quatro seguidas, na verdade, em pleno início de fim de semana, decidi botar para fora e fazer algumas perguntas.

– Professora, por que dão tanta importância a isso e a aquilo? Por que acham tão bom esse quadro? Por que Picasso é tão importante?

Na minha frente, vários bichos-grilo olhavam para mim com o desprezo maior do universo.

– Você não entende? Meu Deus! Como você não entende? O que está fazendo aqui, se não tem sensibilidade pra entender?! – disse uma aluna, a mesma das horas e horas no museu; por sinal, já começando a chorar.

De repente, como num passe de mágica, todos os outros alunos começaram a chorar. E a me repudiar.

– Gente, desculpem, não foi minha vontade ferir os sentimentozinhos e os coraçõezinhos de vocês, calma... – disse eu, vendo que de nada adiantaria.

Todos. Todos choravam. Exceto uma aluna... A Lívia. Vendo meu desconforto com a situação, ela tentou abordar o assunto de modo diferente.

Na saída, ela me esperava no corredor.

– Ei, não fique chateado, o povo é loucão mesmo! – disse minha mais nova amiga, tentando reverter a cagança que foi o debate.

– Calma? Calma nada... que povo do caralho! Que gente louca! Onde já se viu se doerem tanto por umas perguntas?! Por isso é que a arte é tão malfalada, porque só bicho-grilo é que entende... Eu quero que se explodam, que esta merda de faculdade feche! Quero que este curso de bosta feche, porque, quem é o idiota que decidiu abrir esse curso? Pra que que serve a arte? Deviam acabar com esse curso, fechar esta faculdade que é um lixo! – disparei num desabafo sem tamanho, sendo interrompido pela chegada da professora que chamou Lívia num canto.

Entrei no carro totalmente puto da cara, e decidido a encerrar mais um curso, trancar e somar mais um para os meus "quase" diplomas.

Quando cheguei em casa, meu celular apitou. Era uma mensagem da Lívia:

"Por favor, não odeie a faculdade." Eu, então, respondi:

"Obrigado, queridona. Por que você está dizendo isso?"

E ela respondeu:

"Porque meu pai é dono da faculdade. E fico triste quando odeiam ela".

Parabéns, Alberto. Você e seu drama ainda vão dar muito errado. Você é joia na arte de cagar no maiô!

Para tentar reverter o quadro, e procurar algo que eu achasse legal, fazendo valer a pena, decidi que faria um jantar em minha casa para os professores.

Nessa época, eu e o Guilherme tivemos vários problemas com o apartamento em que morávamos. Nós estávamos recebendo gente para ver o imóvel todos os dias, porque um tio tinha decidido vendê-lo. Todos os dias ia gente das imobiliárias para conhecer a casa e eu, que sempre gostei de ficar de cueca, tinha que abrir a hora que fosse, mostrar, e deixar tudo impecável, coisa que não foi meu forte durante um bom tempo. Estava cansado dessa rotina, e por isso decidimos procurar um outro lugar para morar. Mas a renda era muito pequena. Não tínhamos dinheiro para pagar nada caro e com isso as opções eram um apartamento minúsculo ou algo mais antigo com mais espaço e acabamento ruim.

Não sei até hoje como aconteceu, mas recebemos a ligação de um primo do meu pai, que soubera da nossa procura.

Ele nos disse:

– Tenho uma casa pra alugar. Ela está "meio" acabada, é "meio antiga", fica num ponto "meio" bom da cidade e se vocês tiverem interesse eu entrego as chaves ainda hoje. E o aluguel, ó! Baratinho!

Não quisemos pensar duas vezes! Eu sempre havia morado em apartamento e por esse motivo sonhava em ter um espaço para tomar sol, ter um cachorro talvez, poder cuidar de uma hortinha.

Sem ver o imóvel, aceitamos. E pegamos um extinto GPS para nos localizar em Curitiba. Era à rua Baltazar Carrasco dos Reis. No bairro Rebouças, especificamente.

A baiuca

Estacionamos o carro. O ponto era realmente bom. Meio-centro, meio-bairro. Uma rua tranquila, próxima a uma via movimentada que levava aos locais mais importantes para nós. Era um sobrado realmente muito antigo, realmente muito estragado, realmente sem nenhum vidro, realmente podre. Eu abri o portão com cadeado, subi a escada e, enquanto tentava abrir a porta, Guilherme começou a gritar pedindo ajuda. Desci correndo e perguntei o que tinha acontecido.

– Isto! – disse ele, mostrando ter arrancado o portão e a parede da entrada quando tentou fechar.

Portão encostado, subimos juntos para nosso novo lar. A porta em ferro com vitral me dava a impressão de que eu iria gostar do que veria. Sempre gostei de casas antigas, porque além de espaços maiores, contam boas histórias. A gente entrava e tinha um *hall* em madeira, com dois quartos gigantescos. Mas ao lado esquerdo era realmente só a impressão: Um misto de desenho do diabo da Tasmânia, com filme de terror e aspecto *almodovariano*[3]. Tudo junto e misturado. Não dava para saber o que era cada pedaço, se a primeira parede tinha caído por conta ou porque um urso tinha saído correndo. O banheiro então, nem se fala. Onde era o banheiro? Como poderíamos viver naquela escura caverna com marcas do tempo e da estupidez humana? Minha mãe diria: o Beto é muito dramático! Mas ela não viu a *casa* antes de nós. Muito provavelmente, se soubesse das condições sub-humanas não nos deixaria viver ali. Guilherme era otimista:

– Ah... sei lá! De repente a gente bola alguma coisa legal nesse pedaço que está faltando, ou então a gente inverte isso aqui; ou sei lá, a gente pode derrubar a casa e morar numa barraca!

[3] Referência a Pedro Almodóvar Caballero. Cineasta, ator e argumentista espanhol, cujo trabalho é marcado por características bem definidas, como melodramas, cores ousadas, decoração brilhante e narrativas complexas.

Antes isso. Chamamos nossos amigos Élio e Rebeca, que prontamente subiram na sua usual mobilete, na época, e se dispuseram a nos ajudar a transformar aquilo lá em casa.

Era feriado de carnaval. Na sexta-feira, analisamos o potencial da casa e passamos a derrubar mais paredes. Todas as que podíamos. Fizemos uma foto icônica em nossas histórias. No sábado, dedicamos o tempo a juntar os entulhos. Eram muitos restos de construção e, se não me engano, seis caçambas foram retiradas. No domingo, a faxina.

Pense: varremos tudo que podíamos, lavamos um pedaço, e de repente a água acabou. Chamei um encanador que seria nosso vizinho e ele apontou:

– Ih, rapaz! A casa tá sem cano. Até agora vocês usaram a água da caixa, mas agora não tem como chegar água lá em cima.

Compramos os canos, mandamos trocar, e continuamos a faxina. Depois que escureceu, colocamos lâmpadas e fomos acender. Pensa: estava sem energia. Chamamos o eletricista, e ele apontou:

– Ih, rapaz! A casa tá sem fiação.

Compramos os fios e, durante a noite, no meio da madrugada, estávamos trepados no forro trocando.

Luz acesa e começamos a pintar, afinal no dia seguinte a mudança chegaria. Nem o *Extreme Makeover,* um programa de reformas expressas, faria nada tão rápido. Assim, no dia seguinte, carregamos um caminhãozinho tipo *Kombi* e entramos com a mudança na casa nova.

Esse era nosso lar. Com cara de gente feliz, com paredes moídas e aspecto de ateliê de arte. Não demorou e eu enchi a casa toda com plantas, fazendo um jardim interno legal.

O problema era quando chovia. Molhava mais dentro do que fora. Quando fazia frio, o frio ali dentro era terrível. Quando tava muito calor, as paredes suavam. E o vaso sanitário era completamente solto, o que além de oferecer riscos, fazia com que se não estivesse bem encaixado, vazasse água pra fora.

Certa vez, com Élio e Rebeca em casa, enquanto jogávamos baralho, eles perceberam que o vento encanava como se estivéssemos na rua. Então, meus amigos resolveram sugerir que acendêssemos um aquecedor, daqueles de resistência, dos mais antigos. Quando liguei na tomada, a "molinha" que fica alaranjada quando está acesa pulou para o chão pegando fogo. E foi um esparrame. Nosso único aquecedor queimou.

O chuveiro, em outra ocasião, entrou em curto-circuito. Meu computador queimou. E assim, nossa vida foi uma enorme aventura durante longos meses.

Mas a maior delas, se eu conto, ninguém acredita.

Em julho daquele ano eu fui convidado para trabalhar numa rádio, em Pinhais, cerca de 15km de casa.

Guilherme, na mesma época, trabalhava mais longe: num hospital psiquiátrico em Piraquara.

Antes de sair para o trabalho, fui alertado pela nossa diarista:

– Beto, o forro da sala tá soltando. Daqui a pouco cai e machuca alguém! E tá todo podre de cupim.

Como eu tinha algum tempo, decidi arrancar eu mesmo. E, como ainda não tinha terminado de pagar a conta das caçambas, decidi cortar os restos de madeira e queimar na churrasqueira, que ficava na cozinha.

Serviço concluído, caberia à Helena, nossa querida ajudante, pegar os fardinhos de forro e queimar aos poucos durante o dia.

Tomei banho, me vesti e parti para o outro lado da cidade, para trabalhar. Ao chegar à rádio, antes mesmo de começar meu programa o telefone toca:

– Oi, Beto, aqui é a Gorete, sua vizinha dos fundos. A gente ainda não se conhece e eu não quero te deixar apavorado, mas tá saindo uma fumaça muito preta da sua casa...

– Ahhhh, não, Dona Gorete! A senhora pode ficar bem tranquila. É que a Helena está queimando madeira na churrasqueira, pode ficar tranquila mesmo. – disse eu, todo certo de que sabia o que estava acontecendo.

Dona Gorete, muito gentil e preocupada, desligou; e eu dei risada imaginando a situação de um possível incêndio. Dez minutos depois, o telefone tocou novamente.

– Oi, Beto, aqui é a Gorete novamente. A sua casa ESTÁ pegando fogo, está desabando o telhado e inclusive o bombeiro já está aqui apagando. Acho melhor você vir pra cá – disse a mulher, agora aos berros.

– Meu Santo Cristo! Que barbaridade, gente! Onde é que está a Helena? – perguntei.

– Olha, se a Helena for quem eu estou pensando, ela está do outro lado da rua aos gritos com um cachorrinho no colo chorando.

Puta merda. Era a Helena.

Peguei meu carro no estacionamento e saí feito um foguete, provavelmente tendo passado por todos os radares acima da velocidade máxima permitida.

Ao chegar à rua Chile, uma rua muito movimentada a umas seis quadras de casa, dava para ver a fumaça preta subindo. Aí então foi que lembrei: o Guilherme! Preciso ligar para o Guilherme!

– Oi, amor, tudo bem? Viu, deu um probleminha lá em casa, não sei exatamente do que se trata, mas seria bom você ir até lá – disse eu, tentando ao máximo parecer tranquilo.

– Ah, tá... tá bom, aham! Já tô indo, já chego...

Quando tentei virar na rua de casa, a Polícia Militar estava impedindo que carros passassem. O policial inclusive me alertou que não seria possível dobrar, porque "um incêndio de grandes proporções estava acontecendo em uma casa abandonada" por ali. Teu cu, seu polícia! Casa abandonada é a mãe, aquilo ali não parece, mas é um lar.

Após explicar que EU morava ali, ele me deixou chegar, e eu tive de atravessar uma multidão de curiosos urubuzentos. Ninguém no mundo imagina o desespero que é ver uma escada magirus sobre sua casa, com bombeiros fardados jogando água. Muita água. Aí pensei duas vezes: espero o Gui ou não? Devo entrar sozinho?

O fogo já estava controlado. A Helena já estava lá dentro tentando salvar alguma coisa. Os vizinhos já estavam de volta aos seus lares.

O que mais me impressionou foi a gentileza dos bombeiros. Eles vieram me consolar, me puseram sentado num banquinho de madeira e começaram a me explicar:

– Olha, moço, eu imagino seu desespero, mas fique tranquilo que só bens materiais foram perdidos. Você conseguirá se refazer, sua casa vai ficar bonita novamente, pense que poderia ter sido pior. E as pessoas podem ajudá-lo a reconstruir a vida. Não fique desesperado, porque você vai conseguir tudo novamente. O fogo aconteceu porque a chaminé estava tampada com concreto e o telhado do lado de lá da casa caiu inteiro, mas de resto, tudo vai dar certo – dizia o bombeiro colocando a mão no meu ombro.

Caralho! Que cagada! A casa realmente foi engolida pelo fogo na parte dos fundos? Enquanto ele falava, eu só escutava blá-blá-blá e percorria o estrago com o olhar. Nunca tinha me imaginado em uma situação parecida. Os bombeiros foram embora após eliminar qualquer foco de incêndio, e eu continuava estático, sem reação àquilo tudo. Mas

o que mais me chamou a atenção foi um pacote de farinha de trigo, que havíamos comprado para durar o mês. Entre todo tipo de madeira queimada, sobre uma gigantesca piscina que se formou dentro do resto da casa, no resto do armário da cozinha, o dito pacote de farinha de trigo estava encharcado, rasgado, e com farinha de trigo espalhada por todos os lugares. Era parte da cesta básica que podíamos comprar todo mês, enquanto ganhávamos tão pouco. Depois de uns vinte minutos olhando para aquilo, eu comecei a entrar em desespero: a conta da água.

Guilherme chegou. Parecia que estava fora havia dois meses. Subiu as escadas rapidamente e começou a sentir falta de ar, pelo nervosismo. Ele dizia coisas como "apague, apague esse fogo, apague". Na rua, uma multidão ainda despejava comentários do tipo "Nossa! Que dó, que dó!"; "Tá vendo? Casa velha é assim mesmo", ou quando muitos falavam "Será que perderam tudo?". Perdemos quase tudo, filhos da puta! As cuecas, sim! As roupas, sim! O quarto inteiro, sim, também. Da cozinha não tinha sobrado nada, nem a porra do pacote de merda de trigo. Tudo boiava naquela água preta, dos mantimentos aos equipamentos. Tudo que era caro em uma casa estava destruído: máquina de lavar roupa, geladeira, fogão... Aliás, sobre o fogão, no início do incêndio, o vizinho subiu correndo e, num ato heroico, desligou o botijão de gás, levou-o para a rua e ficou plenamente assistindo ao desastre. Mas depois de um tempo, ele cansou e foi embora. E o botijão também.

Guilherme ainda estava em choque. Era um misto de falta de ar com palavras sem nenhum sentido. Entre um resmungar e outro, ele parecia lúcido:

– Puta que o pariu! O que faremos? Calma, a gente vai resolver (ele mesmo respondia).

Passado o momento de síncope, sentamos no degrau da escada, e esfriamos a cabeça. Literalmente, porque, nesse momento, um resto de água que estava acumulada no pedaço inteiro do telhado desceu de uma única vez. Parecia que o universo estava nos testando. E olha que nem era um casamento digno desses que faz o juramento de "na alegria, na tristeza, na riqueza e na pobreza"... pelo contrário, a gente tinha ido viver juntos de uma hora para outra, sem nenhuma explicação maior.

Talvez devêssemos voltar para a casa dos nossos pais. Éramos duas crianças ainda. Talvez devêssemos fazer tudo diferente, recomeçar na casa das nossas famílias, para depois repensar em morar juntos.

Os cachorros estavam desesperados. Eles pareciam entender toda a situação. Maria Bituca, a cadelinha feia de doer, entrou, deu uns latidos, e foi direto para o único cômodo que estava coberto, que vinha a ser um projeto de escritório na parte frontal da casa.

Os vidros estavam quebrados. O piso destruído. O cheiro de queimado era tão forte que parecia estarmos lambendo uma churrasqueira. Roupas espalhadas pelo chão. A intimidade do casal estraçalhada. Cuecas queimadas. Quadros e fotos queimados. Tudo queimado. Minutos de silêncio.

– Amor, o que você acha que devemos fazer? – disse Guilherme, sem encontrar muita solução.

– Primeiro devemos pensar em como vamos pagar a conta de água dos bombeiros.

Quê? Gente! Eu lá ia saber que os bombeiros gastam cinquenta mil litros de água e não cobram nada?!

– Segundo, se Maria Bituca já achou uma forma de se proteger, nós também vamos. Bora ver o que recuperaremos e colocar no quarto da frente que, aparentemente, não queimou.

Fizemos o resto de nossa mudança para o tal quarto da frente. Era um quarto sinistro, tinha uma janela para a rua, um vidrinho quebrado.

Foram alguns amigos que naquele dia nos visitaram e trouxeram algumas coisas para nos ajudar. Pedimos uma pizza. Eles estavam em choque com o estrago. Talvez eu e Guilherme também estivéssemos. Mas não quisemos demonstrar um para o outro.

O problema maior era o banheiro. Sem teto, sem forro. Sem nada. Em plena rota dos aviões recém-decolados. Talvez eles vissem a nossa bunda.

Naquela noite, mexendo nos livros que se salvaram, uma frase escrita em um deles me pareceu um sinal: "na vida, quem perde o telhado, pode ganhar as estrelas."[4]

Os dias se seguiram normalmente, como se nada tivesse acontecido. As faxinas eram intermináveis. Pedimos cinco caçambas de entulho (puta merda!), pusemos todos os escombros dentro, e enfim: esquecemos por uns dias a falta de telhado.

[4] VIEIRA, Alexandre. Na vida, quem perde um telhado pode ganhar as estrelas. Ed. Viseu. 2017.

Só voltamos a nos preocupar quando, ao ligar alguma coisa em alguma tomada, percebemos que parte da fiação elétrica estava danificada, e fazia as coisas ligarem e desligarem automaticamente. E também com a fala do vizinho, o "Velho Abbas", que fez questão depois de uns dias após o incêndio fazer uma visita de portão, dizendo coisas inaudíveis, já que a sua origem árabe ainda era muito presente, e suas palavras eram mais ou menos assim:

– Halla kalahalla hayalla ahalaiah halla iahlahha.

Ele falava olhando e apontando para o telhado. Ou melhor, para a falta dele. Mas houve um momento em que o dialeto vencido rendeu algo como:

– (...) mais uma vez uma tragédia dessas, mais uma vez, santo Deus!

Sem dar muita ênfase ao comentário, subi e comentei com Guilherme que ele havia dito MAIS UMA VEZ, ou seja, provavelmente a casa já havia passado por coisas assim em outros tempos.

O período de estiagem acabou, a chuva veio com tudo. Por algum motivo, aquela casa tinha imperfeições no nível do piso a ponto de empoçar água em todos os cômodos. Quando queríamos ir ao banheiro, era preciso vestir uma sacola nos pés e ir até aquela quase latrina, resultado da falta de telhado. E em Curitiba, com a chuva sempre chega o frio. Era junho.

As pessoas não se conformavam de estarmos morando na baiuca, naquelas subcondições. Dois jovens, classe média, esbeltos, saudáveis, encarando uma situação daquelas. Por pura birra. Mostrando a bunda para todo avião que passasse. Fazendo tanta faxina, que nunca parecia ter fim. Pior ainda, os riscos de habitar uma casa mal-assombrada após o aviso de Velho Abbas.

O fato é que, com os salários absurdamente baixos, eu e Guilherme não víamos a menor possibilidade de sair dali. Diante do clima glacial, Guilherme, numa manhã de sábado , se encorajou e partiu para uma financeira dessas que passa propaganda na televisão. Conseguiu a gigantesca quantia de R$1.200 (hum mil e duzentos reais) de empréstimo para colocarmos pelo menos telhado no banheiro e garantirmos a privacidade de nossas bundas.

Feliz, ele me ligou pelo extinto sistema de telefonia a rádio Nextel, e disse: vamos até um carpinteiro, vamos resolver o telhado!

Localizamos em poucos minutos um profissional autônomo, de nome Rovérson. Não era Robson. Não era Roberto. Nem Róverson. Era Rovéééérson.

Atencioso, o rapaz nos passou a relação do material necessário e seu preço. Faltariam R$200,00 para tudo, mas com a simpatia e simplicidade do casal de pato macho, conseguimos convencê-lo a dar esse desconto.

Demos a ele parte do valor da mão de obra. Recebemos o material: forro, telhas, vigas, pregos e parafusos. E assim, como combinado, na segunda-feira Rovérson iniciava os trabalhos.Chamou-nos a atenção o fato de ele começar a colocar o forro.

– Mas moço, se eu ponhar o forro antes, vocês já toma banho mais quente. O telhado é rapidinho pra ponhar.

Que gentil! Ele pensou! Ele estava preocupado com o nosso conforto. Que bom!

Forro colocado, banheiro lacrado, o vento não entrava... Uma beleza! Parecia que a gente estava voltando a viver como humano.

Na quarta-feira, Rovérson não foi trabalhar.

Na quinta-feira, o segundo dilúvio iniciou. Chuvas torrenciais, com força, como se São Pedro estivesse com ódio da humanidade.

Na sexta-feira, as chuvas dobraram de volume. Chuva. Muita chuva. Chuva pra cacete. E Rovérson nem atendia o telefone.

No sábado, as chuvas eram potencialmente ainda mais fortes. E Rovérson não atendia e não retornava as ligações.

No domingo, o forro caiu. Não estava nem pago ainda. E foi ao chão. A madeira, vagabunda, apodreceu em questão de minutos.

E Rovérson desapareceu. Talvez tenha ido para o Caribe. Ou, quem sabe, tenha sido preso. Ou, compreendendo que a vida é uma coisa louca, se "pá", foi levado pelas chuvas.

Ok, maturidade é entender que quando a gente está no fundo do poço, nada pode piorar.

Alguns dias depois, Guilherme chegou em casa muito feliz porque recebera em um semáforo, um cartãozinho de uma empresa que restaurava calçados por míseros reais. Até mesmo os que encardiram com a água do incêndio, os que queimaram parcialmente, os rasgados, os estragados por diversas situações... todos seriam arrumados pela bagatela de R$10,00 o par. Ele juntou todos os tênis e, na manhã seguinte, antes de ir para o trabalho levaria todos os nossos calçados até o local.

Inteligente e logístico, Guilherme resolveu deixar os sacos dentro do carro, para, no dia seguinte não precisar se apressar.

Naquela madrugada, abriram o carro dele, dentro do estacionamento que ficava a 7 quadras de casa e roubaram todos os nossos tênis. Agora estava bom! Puta que o pariu! Quem foi que falou que dentro do fundo do cacete do poço não dava para ir mais para o fundo da merda do poço? Estávamos agora com duas cuecas cada um, uma pantufa para cada um e um tênis para cada um. E um forro podre jogado no canto da sala, para de repente queimar de novo na churrasqueira e incendiar tudo, inclusive o Velho Abbas, que morava ao lado.

Em novembro, quando ficaram sabendo por completo da situação, meus pais e meus sogros resolveram dar uma força maior. Nós nos mudamos para um apartamento.

O portão automático se abrindo

Teríamos dinheiro para fazer a mudança apenas em 40 dias. Planejamento estratégico financeiro era o que precisávamos fazer. Sem dinheiro para contratar um caminhão, decidimos começar a mudança de carro. Não caberia muita coisa, mas o que fosse possível, iria já.

O apartamento novo era de meu tio Edson. Era um sonho. Enorme. Pense num apartamento e-n-o-r-m-e. Muito bem localizado, com quartos superamplos, bem ventilado, uma cozinha equipada...

Enfiamos um colchão no carro, as roupas, as louças e panelas... e enfim. Se não tivéssemos mais nada na vida, pelo menos o banheiro tinha teto e o vento só entrava na casa quando quiséssemos. Pouco a pouco a vida foi se organizando.

Naquele ano, tomei uma importantíssima decisão. Estudar na faculdade de Artes era bacana, me fazia bem, mas talvez eu precisasse fazer outra coisa, que tivesse mais a minha cara, que me desse mais segurança. Infelizmente era isso... mais importante que a realização pessoal, era pensar em algo que desse dinheiro.

Eu e Guilherme resolvemos investir o pouco dinheiro que tínhamos em uma empresa de eventos. Sempre fomos criativos, gostamos de decoração, de cozinhar e, de repente, uma produtora de casamentos como aquelas que aparecem nos filmes poderia ser uma alternativa aos outros serviços que desempenhávamos.

Em pouco tempo a Alberto Portugal Eventos ficou conhecida e ganhou clientes. Um casamento pequeno aqui, outro de médio porte ali e, de repente, estávamos fazendo eventos grandes. Nessa fase, eu

cheguei à conclusão de que: a) sorte é uma coisa que não tenho; b) noivas são surtadas; e c) pessoas não são confiáveis.

Era como se nas propagandas que investimos houvesse um asterisco em algum canto que levasse a um rodapé da página com o seguinte dizer: *atendemos prefencialmente as loucas.*

Não posso ser cruel. Tivemos noivas muito legais. Mas tivemos também as que fizeram com que tivéssemos certeza de que aquilo não era pra nós.

O sonho de todo promotor de eventos em Curitiba era realizar um grandioso evento que aparecesse numa badalada revista, que acontecesse em um suntuoso salão da cidade, que tivesse pompas e circunstâncias.

Numa manhã chuvosa, chegou até o nosso escritório uma senhora. Ela vestia um tipo de roupa de açougueiro, com galocha, touquinha branca e um avental meio encardido. Ela se chamava Vilma e estava em busca de uma empresa para contratar para o aniversário de 15 anos de sua filha, Elaine.

Como nunca fizemos distinção de clientes... mentira, mentira mesmo. Preciso confessar que nesse momento eu já estava muito de saco cheio de fazer festa simplória. Eu queria um salão suntuoso com pompas e circunstâncias. Já falei isso. E esse mundo do cacete de eventos era absurdamente diferente daquele em que eu vivia. Eu nunca gostei de elites brancas e alienadas, nunca gostei de festas de luxo, nunca gostei de frescura. Por outro lado, se não gostasse de frescura, não ganharia o que queria ganhar de dinheiro, porque parece cruel, mas festa simplória não dá dinheiro.

Olhei para Dona Vilma de um jeito que até hoje tenho vergonha de assumir. E com certa resistência, comecei a perguntar o que ela estava procurando.

Ela queria uma festa rosa-choque, com gerânios em vasinhos. Puta que o pariu! Era o perfil do qual eu fugia. Queria umas coisinhas bem "frique-fraque", com cara de festa de princesa. Provavelmente já tinha até escolhido o vestido da garota e o bolo deveria ser daqueles bolos humanos totalmente armados com cetim e uma luva branca cafona. E claro: a menina deveria usar uma coroa de pérolas.

Enquanto, com descaso, eu anotava os detalhes para elaborar um orçamento, que com certeza ela não pagaria, os olhos de dona Vilma brilhavam.

– Sabe, moço, ela é minha única filha, minha princesinha, e quero fazer a festa mais bonita que eu puder... porque ela merece. Só que não pode ser uma festa muito cheia de coisas, senão os convidados não vão se sentir bem e vão acabar indo embora cedo – dizia.

Tá vendo? Eu sabia! A mulher era uma mão-de-vaca, e eu ia perder meu tempo fazendo um projeto de uma festa.

– Dona Vilma, me perdoe a indiscrição, mas preciso saber quanto a senhora pretende gastar pra eu poder montar um orçamento coerente com a sua condição. – Não aguentei e disse.

– Ah! Eu e meu marido não estamos muito preocupados com isso, mas temos até agora R$ 70.000,00 reservados.

SETENTA MIL REAIS. Setenta. Mil. Reais. Obviamente, a mulher estava tirando um sarro da minha cara.

– Certo, então preciso preencher uns dados pra colocar na sua ficha. Onde a senhora trabalha? – perguntei para investigar.

– Eu tenho restaurante.

– Onde fica?

– Depende, porque somos donos de 10 restaurantes pela cidade. O mais perto daqui é aquele da esquina – respondeu.

O restaurante da esquina era gigantesco. Luxuoso. Custava caro pra danar, e eu e Guilherme só comíamos lá em dia de pagamento.

Mordi a língua. Para encurtar a história, Dona Vilma era tudo aquilo mesmo. Apresentei o orçamento de um evento monumental e no dia seguinte o dinheiro estava transferido para a minha conta. Aos quinze anos, Elaine ganharia um carro. O salão de festas escolhido foi o salão suntuoso do *Jockey Club*. O *DJ* era o mais caro. Os fotógrafos pareciam estar em clima de entrega do *Oscar*, discutindo os melhores ângulos. Os convites eram enormes, pareciam livretos, e tudo aquilo que a gente vê em filmes estava contratado.

Dois dias antes do evento, o diretor do clube entrou em contato pedindo uma reunião urgente. Não podia ser no dia seguinte. Tinha que ser naquela hora. Ele foi até nós.

– Alberto, estamos muito chateados e envergonhados, mas infelizmente precisaremos resolver um problema. O salão foi reservado para vocês, mas já estava reservado para uma formatura.

Puta irresponsabilidade. Evidentemente, entre brigar com a Elaine, filha da açougueira rica, e com noventa formandos de uma faculdade

qualquer, eles preferiram se indispor conosco. Entretanto, dona Vilma, em sua bondade infinita, compreendeu plenamente a situação. E decidiu que faríamos no *Jockey* mesmo, mas não no salão. De última hora foram alugadas tendas e a festa seria nas arquibancadas. Oi?! Que ideia estapafúrdia! Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Competia a mim produzir o evento, exceto as bebidas e a alimentação.

No dia da festa, ainda antes de o sol nascer, estávamos eu, Guilherme e uma enorme equipe ajeitando todo o espaço. Arranjos escultóricos, enormes, mobiliário de *design*, equipe com uniforme personalizado para o evento. Tudo a que tinha direito. E às sete da noite, tudo aquilo. Um sonho! Que baita festa!

Não nos preocupamos com o *buffet*, afinal a cozinha ficava no andar debaixo, e isso não era nossa responsabilidade.

Os convidados começavam a chegar. As toalhas tinham estampas exclusivas, as cadeiras modelo *Thay,* e bolas neon com *LED* (num tempo em que ninguém sabia o que era *LED*, diga-se de passagem).

Gente, um tipo de gente tão estranha... tinha gente chegando de patins *roller*. Gente com calça rasgada, com casaco de pele e minissaia. Uns piás com cabelos estranhos, meio *punks*, outros góticos... coisa de louco.

No entanto, não nos competia julgar e sim agradecer à dona Vilma açougueira rica e sua adorável filha, Elaine.

Duas horas após o início do evento, chamei-as em um cantinho e perguntei, como quem não quer nada:

– Não quero ser indelicado, mas e a comida?

– Tá no porta-malas do carro novo da Elaine, quer ir buscar?

Quando ela me respondeu, meu suor esfriou. Como é que a comida de uma festa para 500 pessoas estava no porta-malas de um carro, que estava estacionado com um enorme laçarote cor-de-rosa-choque na entrada da festa desde as três da tarde?

Eu e Guilherme descemos correndo, abrimos o carro e encontramos caixas e mais caixas de coxinhas, croquetes, quibes e rissoles. Claro, tudo muito bem cozido pelo sol do dia.

Subimos desesperados e perguntamos à dona Vilma onde serviríamos...

– Ah, Beto! Bobagem. Nosso povão é bem "simprão", pode colocar as caixas em cima das mesas.

A bebida da festa era refrigerante tipo *Pitu*. Quente. Os doces, eram tudo. Tudo que existia nas distribuidoras de doces. Tinha aquele sorvete de maria-mole que parece um pinto, que tem uma bexiga em cima. E o *DJ*, renomado na cena da música eletrônica, estava tocando *hits* do Rick e Renner. Guilherme estava assustado.

Metade da festa comeu, levantou e foi embora. Muitos deles queriam levar os arranjos, os pufes, as bolas de *LED* (que ninguém conhecia *LED*), até os sofás.

A outra metade, lá por três da manhã foi surpreendida e assistiu a um *show*. Um carro entrou na pista de corridas: uma adorável senhora desceu, acendeu um pau com uma palha de aço na ponta, girou para que caísse faísca, sacou um microfone e começou a mais grotesca homenagem que alguém poderia fazer.

– Elaine, (começa a tocar a música "Meus 15 anos") essa homenagem é pra você, Princesinha! Desce aqui.

Eram uns mil degraus naquela arquibancada. A guria vestida como um bolo cor-de-rosa-choque, com coroa de pérolas, começou a descida. Chegou lá embaixo, ganhou um urso de pelúcia do tamanho de um elefante, um vaso com flores feitas de meia de seda e um cheque do qual nunca soubemos o valor. Devia ser bastante, para pagar a terapia que a menina ia precisar depois desse dia.

No entanto, esse evento não foi o único marcante. Desde noivas que ficaram bêbadas, entre a igreja e o clube da recepção, brigas entre padrinhos bêbados e um blecaute que fez a luz não voltar nunca mais, passamos por coisas que se contássemos ninguém acreditaria.

Uma noiva, dessa vez nossa amiga de longa data, resolveu fazer um casamento à tarde, com cerimônia a céu aberto. Gente, aprendam isto: o Sul não é o Nordeste. Os santos que fazem o controle são diferentes: o do Nordeste é *brother*, o do Sul é emo.

Enfeitamos a igreja com enormes vitrais por onde a luz do sol entrava colorida, e arrumamos o jardim nos fundos para um bolo, champanhe e música ao vivo. Seria lindo. Exceto por um único fator.

O casamento começou às dezesseis horas. Às dezessete, toda água que existia no céu veio abaixo. Toda. Uma verdadeira tormenta. As tendas saíram voando, moendo os vasos, derrubando o bolo, estra-

gando os instrumentos da banda. Rajadas de vento como se estivesse rolando um arrebatamento. Fúria da natureza. E até hoje eu não sei o que a natureza tinha contra aqueles dois.

Acabou a festa. Voltamos para casa. A noiva nem deu bola, porque estava feliz e apaixonada.

Dormimos um pouco, e já era hora de acordar. No dia seguinte, outro casamento. De outra amiga. Um evento mais bem estruturado, em um salão maior, totalmente seguro.

– Bom dia, é da floricultura? Aqui é Alberto, cerimonial do casamento da Ana Paula. Queria saber se está tudo bem, porque os arranjos dela ainda não chegaram – disse eu, ligando afoito para a empresa contratada para fornecer a decoração.

– Ai, moço do céu! Você viu a tempestade que deu ontem? Então, as flores se machucaram um pouquinho – respondeu uma voz notoriamente com problemas.

Quando o caminhão encostou, já passava das 15 horas. As flores não estavam machucadas. Elas estavam em coma. Havia rosa que mais parecia uma couve-flor. Lírio que devia ter sido arrancado da plantação com um tamanco.

Por questões óbvias, não quis ligar para a noiva. Ela estava em um dia especial, e eu só a deixaria mais nervosa com uma questão que não teria como ser resolvida.

Fizemos o que pudemos. Enfiamos os restos mortais das flores machucadas e induzidas ao coma em uns vasos bonitos e, mesmo *troncho,* deixamos o espaço ajeitadinho.

Ana Paula e Júnior se casaram em dezembro e estavam tão bonitos juntos que ninguém olhou para as flores. De alguma forma fomos padrinhos desse evento.

Ser padrinho é uma coisa linda. É sinal de que as pessoas confiam em você, que querem você sempre por perto. Várias vezes eu e Guilherme fomos padrinhos. Normalmente, dando o braço na entrada a duas tias solteiras que também foram convidadas para serem madrinhas, mas não tinham com quem entrar.

Certa vez, recebemos uma prova do amor por nós e da importância da nossa presença. É que Elio e Rebeca, os amigos que estiveram junto de nós na fase da baiuca, nos chamaram para padrinhos de seu casa-

mento. Juntos. Eles queriam que entrássemos completamente juntos, como um casal de verdade.

– Mas queridos, padre nenhum vai aceitar isso – respondi.

– Padre não é importante. Mudaremos o padre.

E naquele mês, meu pai celebrava o casamento dos nossos amigos, que nos quiseram juntos de verdade. Ninguém achou estranho. Estranho seria se fosse diferente disso.

A faculdade

Vai haver um dia em nossas vidas que a gente vai se sentir pequeno diante de tudo. Não que a gente não seja, mas em boa parte da nossa vida escolar nos dedicamos inteiramente às coisas que a escola nos exige como tarefas, trabalhos, pesquisas, estudar para provas. Claro: de quebra a gente aproveita umas festinhas. E nunca a gente se dedica ao tempo. Deve ser porque ele é sempre escasso, está sempre escorrendo.

Cheguei à drástica conclusão de que a Faculdade de Arquitetura (a que fiz, pelo menos) foi criada para testar todos os limites do indivíduo.

Eu entendo que cálculos errados representem um risco às construções, e que algumas coisas devem ser lógicas, como a posição de uma janela, onde vai ficar um vaso sanitário, como devem ser as coisas relacionadas à acessibilidade. Apenas isso. Eu tinha acabado de me formar na Faculdade de Artes, e tinha aprendido plenamente as questões relacionadas a estética, semiótica e qualquer outra forma de filosofia do olhar. Já havia aprendido a duras custas que o belo é subjetivo, que as coisas são subjetivas.

E aí, apresentava projetos de noites intermináveis, cujos esforços, eu sabia, eram o máximo que eu podia oferecer, e o(a) professor(a) abria-o com desprezo e dizia "acho que podemos melhorar..."

Claro, evidentemente posso melhorar. Só não melhorei porque queria apresentar esse trabalho meia-boca, bem mal feito, para vocês poderem me esculachar na frente da sala inteira, me dizerem que eu podia fazer melhor – eu pensava.

Obviamente eu sempre apresentava o melhor que podia, justamente para não ter que refazer. E nunca era suficiente.

Uma vez, saí de mim. Era uma disciplina de cálculos. E eu simplesmente não entendia patavinas do que estavam falando. Não fazia ideia do que significavam aqueles tantos números que flutuavam na

lousa e que faziam as coisas ficarem muito mais complicadas do que pareciam. A professora fazia o negócio ficar mais difícil, porque queria a todo custo usar palavras rebuscadas.

– Alberto, seu cálculo está inteiro errado. Faça novamente com maior interesse e disposição aos números.

Juro: comecei a chorar. Eram sete páginas de um mesmo cálculo. Eu imaginava aquela doida rindo de mim com enormes dentes de cachorro e chorando lágrimas de sangue. E todos os pensamentos desse tipo eram interrompidos pela voz de minha mãe falando "O Beto é muito dramático".

Na aula seguinte, saía o resultado das provas da semana anterior. Eu estava em dependência pela terceira vez na mesma matéria. E por fim, fechando aquela semana, a apresentação de um trabalho da disciplina de História da Arquitetura, matéria que sempre amei e cuja professora foi fundamental na minha história.

Eu deveria apresentar algo relacionado a maçanetas, mas por qualquer motivo, cada vez que me referia a elas, eu dizia "sabonetes".

– Alberto, sua apresentação foi boa, mas não eram sabonetes, e sim ma-ça-ne-tas – disse-me a professora Maria Luiza, uma senhora beirando os 80 anos, com muita gentileza.

Comecei mais uma vez a chorar e lhe disse que não sabia o que estava acontecendo comigo. Contei toda a sina dos últimos dias, tudo o que estava embaralhando em minha cabeça.

– Você já considerou a possibilidade de ser disléxico? – perguntou.

Aos vinte e tantos anos, nunca havia passado por uma avaliação psicopedagógica, nunca ouvira falar da tal dislexia, e nunca ninguém tinha me perguntado isso.

Na manhã seguinte eu estava em um consultório, fazendo desenhos estranhos, escrevendo coisinhas, fazendo exercícios de risquinhos e quadradinhos. O laudo? Dislexia. De um tipo bem significativo, que me acompanhava desde a infância, muito provavelmente fator genético (herdado de minha mãe, que não sabia, mas também tem). Não é motivo para pânico, não tem cura, mas pode inclusive ser compensada com outras capacidades, como aconteceu com Einstein, Disney e muitos outros.

– Você pode inclusive solicitar um "atendimento especial" na sua faculdade, porque a lei prevê essas coisas. É só pedir na secretaria... – disse Angela, a *psicopatagoga* que me atendia.

Passadas as férias, retornei à faculdade com um calhamaço de folhas desse diagnóstico. Pedi o que me era de direito e aí, embora muitos professores não gostassem de fazer provas especiais, foi assim que consegui concluir muitas das matérias.

Era outubro e fui convidado a participar de uma comissão de ensino inclusivo da faculdade. Na verdade, eu nem havia entendido exatamente o que seria, mas assumi como presidente a organização que servia para amparar estudantes "diferentes".

A motivação foi tão grande que resolvi criar um *blog*, o Diário de um Disléxico. Em poucos meses ele era uma referência para quem sofria com a dislexia em todo o país. Recebi convites para palestrar, fui chamado para relatar minha experiência, dei entrevistas em rádios, canais de televisão, jornais... e assim, o tempo passou e me formei.

Mas antes, não posso deixar de contar sobre a história do gás.

Vocês não estão sentindo cheiro de gás?

Ai, gente, eu sei que as minhas paranoias estão presentes todos os dias. E sei que muitas vezes é chato conviver com uma pessoa paranoica. Isso eu chamo de encasquetamento. Com o diagnóstico de dislexia, veio também o de TOC. Ou transtorno obsessivo compulsivo, que não, não necessariamente tem a ver com mania de limpeza.

Através do livro Mentes e Manias, da brilhante Ana Beatriz Barbosa e Silva, cheguei a descobrir que muitas dessas paranoias são fruto de pensamentos repetitivos, que vêm a ser o tal transtorno.

Descobri que existem pessoas que só dormem após verem da janela de suas casas uma sequência de sete táxis passando pela rua; e descobri pessoas que entram e saem de suas casas dez vezes repetidamente antes de ir trabalhar.

Rio de Janeiro, 2012. Amigos, vários deles, partindo para uma viagem técnica para conhecer a arquitetura da cidade maravilhosa. E ponha maravilhosa nisso! Eu moraria tranquilamente no Rio de Janeiro, onde tudo respira arte, cultura, alegria e cheiro de gás.

Na verdade, as coisas já começaram erradas. Deveríamos sair de Curitiba às 20 horas, e o relógio marcava 23h50 sem sinal do motorista. Enfim, com quatro horas de atraso, chegou um ônibus totalmente bizarro, cor-de-rosa, com cara de carro de desmanche. Os bancos eram

diferentes um do outro, o bagageiro acima das nossas cabeças parecia solto, o motor fazia um barulho enorme e, para fechar com chave de ouro: o motorista estava nitidamente com sono.

As pessoas foram se acomodando e a mim e uma amiga restaram as duas últimas poltronas. Ao lado do banheiro.

Em dez minutos de viagem, uma água morna começou a pingar nas nossas cabeças. Dentro das paranoias desta cabeça, tudo que eu conseguia era procurar a origem de um líquido que vinha de um banheiro ao lado. Não consegui ficar ali. Levantei correndo, bati a cabeça no bagageiro, que se soltou mais ainda, e corri pra frente, para o banquinho ao lado do motorista. Precisava me certificar de que ele não dormiria, não perderia o controle do ônibus, descendo uma ribanceira de rochas, fazendo com que o ônibus do filme *Priscilla, a rainha do deserto* explodisse e morrêssemos todos de uma forma trágica.

Realmente algo não ia bem. O rapaz provavelmente nunca havia viajado para o Rio de Janeiro. De tanto conversarmos, acabei pegando no sono. Só acordei quando o vento gelado bateu na minha cara.

Estávamos estacionados em plena Dutra, uma rodovia de alto movimento e altos perigos. Chave na ignição. Nem sinal do motorista. A porta aberta.

Fiquei desesperado. Entrei no corredor dos bancos e fui acordar os meus amigos. Puxei a coberta de um:

– Ô, piá! Acorde, piá do céu! O motorista sumiu...

– Como sumiu? Tá louco?

– Olhe ali, tá vazio. A gente tá parado na Dutra! – disse eu, aflito.

O menino, por sua vez, acordou a namorada. Que ficou apavorada. Ela chamou a amiga que estava ao lado. E a amiga foi chamando outro, e outro. De repente, o ônibus inteiro entrou em pânico. Uma moça pegou o telefone, eram cinco da manhã, e ligou para a moça da agência de viagens. Que ligou para o dono da empresa. Por fim, se duvidar até o Papa estava sabendo.

Quando estávamos descendo pra pedir socorro, o motorista abre a porta do banheiro do ônibus:

– Que foi, gente? Só parei pra fazer o número 2.

O filho da puta ainda volta para o lugar, fecha a porta, dá partida e me diz:

– Nossa! Tá vazando água morna do teto do banheiro. Tem uma moça ensopada lá atrás.

Totalmente diferente do que imaginávamos, o hotel em que ficaríamos era da década de 1950. Parado no tempo. Provavelmente pelas *amenities* que existiam nas cestinhas, dava a entender que se tratava de um hotel de alta rotatividade. Fedido, sujo, com aquelas camas de madeira que pareciam ter sido retiradas de um hospital de guerra, com uns leques chineses como decoração. Mas, é óbvio: quem quer um hotel bom, quando o plano é ficar o mínimo possível nele?!

O que queríamos mesmo era passear, conhecer!

E fomos. Já naquele primeiro momento, depois das malas devidamente guardadas no hotel, as roupas trocadas, esperamos o ônibus voltar após abastecer, para seguirmos nele ao Cristo Redentor. Só que o ônibus não chegou.

Já era próximo à hora do almoço e então decidimos almoçar no restaurante do hotel. Quando pisei no lugar, perguntei à minha amiga:

– Você não está sentindo um cheiro de gás?!

Ela não sentiu. Aliás, ninguém sentiu.

O passeio teve que rolar com táxi mesmo. Gastamos bons dinheiros para contratar um taxista, já que o serviço de transporte com o ônibus de Priscilla – a rainha do deserto – havia desaparecido. Tudo transcorrendo bem.

Ao voltarmos para o hotel, eu insisti:

– Gente, por acaso vocês não estão sentindo um cheiro forte de gás?

– Não!

– Eu não.

– Eu também não.

Ok! É possível que seja mais uma paranoia de minha cabeça, algum mecanismo de defesa. Fato é que ao longo da noite senti aquele cheiro. A cada saída do quarto eu perguntava a alguém se estava percebendo um claro e evidente vazamento de gás. Mas ninguém concordava e, no almoço do dia seguinte, no mesmo local, insisti:

– Cheiro de gás! Alguém?

Eu já estava me tornando um *meme* da viagem. *Alguém está sentindo um cheiro de gás* já havia virado meu bordão. Aonde íamos, alguém perguntava tirando sarro.

No início da segunda noite, após passar um dia inteiro olhando para o bondinho (e pensando no gás), olhar para a Urca (e pensar no gás), ir ao sambódromo (imaginando aquele puta vazamento de gás), não consegui me segurar.

– O senhor é o gerente do hotel? Pois bem, só por curiosidade, o senhor não tem percebido um cheiro forte de gás?

– Não, moço. O Rio fede gás sempre, pode ficar tranquilo.

Eu não estava convencido. Chamei o cozinheiro do restaurante. Senhor, por um acaso?

– Então, rapaz – respondeu-me – aqui vez ou outra vaza um pouquinho, mas tá tudo bem. Faz tempo que rola esse probleminha. Mas fique tranquilo que já está tudo resolvido.

Quando falei que eu tinha TOC, eu não imaginava que era um TOC provocado por uma marreta. Cagou na minha viagem. Eu só pensava como iríamos voltar para casa, se o motorista tinha nos abandonado ou em como terminaria essa história do gás.

No domingo, às 19 horas, o motorista encostou. Subimos no ônibus, que não era mais o cor-de-rosa, mas um melhorzinho, sem água. Ele não estava com cara cansada, nem nada. E começamos o retorno.

Chegamos a Curitiba por volta das 8 da manhã, exata hora em que o edifício do hotel, na Praça Tiradentes, do Rio de Janeiro, voou pelos ares. Explodiu. Tudo.

Talvez isso fosse um sinal: nem toda paranoia é ruim; algumas vezes ela pode ser um alerta. Depois da explosão, minha turma passou a acreditar mais em mim.

Muitas e muitas outras vezes, permiti que minhas ideias repetitivas prevalecessem. Durante um tempo de minha vida, ao entrar no banheiro vedava todos os vãos das portas e janelas, de modo que nenhum tipo de faca, ou fungo, ou arma, ou animal, pudesse invadir o lugar. Era como se ao entrar no banheiro, eu pudesse ficar completamente protegido do resto do mundo.

O TOC explicaria várias outras coisas na minha vida. O mesmo caso aconteceu com a mochila nos tempos de colégio. Estar seguro nunca era demais.

Por isso, antes de dormir eu verificava o gás, a porta da casa, as janelas, a porta do corredor, chaveava a porta do quarto, olhava embaixo da cama, dentro do armário, chacoalhava os lençóis para ter certeza que

não havia nenhum bicho peçonhento, e deixava um número fácil salvo no celular para fazer ligação caso precisasse.

Dormia pouco, porque se um mísero barulho acontecesse dentro do apartamento, meu sono ia embora e o intervalo entre acordar e a hora de sair eram tomados por pensamentos escatológicos, loucos de todas as formas.

Talvez fosse falta de cansar fisicamente. Minha mãe justificava insônia com falta de gastar energia.

Professor diferentão

O Governo do Estado do Paraná estava lançando naquele ano um edital para a contratação direta de professores. Eu estava formado e, embora sempre tenha sido um aluno diferente, talvez retornar às escolas fosse uma forma de descobrir um novo ângulo de ver as coisas.

Não acreditava na educação por meio desse sistema nitidamente falido que vivemos. Obviamente, a culpa não é dos professores. Talvez de alguns deles.

Quando assumi algumas aulas na escola mais decadente, que sobravam porque nenhum professor efetivo as queria, eu me deparei com uma realidade que menino de classe média jamais imaginava.

E tudo fez sentido. É aquela velha máxima: o maior inimigo de um político corrupto é a educação.

Os dois extremos permeavam aquele momento de minha vida. Ou seria um professor motivado, feliz, que conta o que a vida permitiu que visse através de uma ótica privilegiada; ou, com esforços significativos, tentaria olhar pelo que os alunos viam, transformando aquelas lições em conteúdo.

Mais assustador que saber que havia aluno que aos treze anos tinha esfaqueado alguém, era saber que o descaso do poder público era tão grande.

A gente lê e escuta que na escola pública não tem papel higiênico, que às vezes falta merenda, que os professores apanham. Mas sem ser na prática, a gente não se compadece do professor que ganha uma miséria de salário, assume turmas com 45 alunos e, dentre eles, pode contar com o ânimo de dois. Quando muito, três.

Foi necessária uma única semana para perceber o que eu não queria ser.

No colégio localizado a vinte quilômetros de minha casa, conheci a Esther, a professora em quem eu não me espelhei. Aos quase setenta anos de idade, toda manhã ela se maquiava para dar aula. Pegava quatro ônibus de casa até o trabalho, carregando aquelas sacolas de feira com todo tipo de material. Cadernos de duas turmas com 45 alunos cada. Chegava ao colégio, abria seu armário, juntava os papéis, corrigia e anotava com lápis o que o aluno deveria arrumar. Lia todas as linhas de todos os trabalhos.

Logo na semana em que comecei a lecionar, havia um bolo de aniversário na sala dos professores. Quando deu o intervalo, começamos a cantar parabéns (e eu nem sabia de quem era o aniversário). Era da Esther. Toda feliz e emocionada, ela contou que passou cedo na padaria para comprar o bolo, porque queria repartir com os amigos. Ao abraçá-la, eu vi, colado em suas costas, um papel com os dizeres:

Velha coroca, feia e bruxa, tomara que morra.

Ou algo assim. No aniversário de minha nova colega de trabalho, algum demônio daqueles alunos colou algo tão monstruoso nas costas de uma senhora que se maquiava para lecionar. Fiquei tão sem reação que nada lhe disse sobre isso. E ninguém avisou, embora os outros professores tenham visto. Na educação pública, a gente começa a perder o resto da esperança na humanidade.

Cheguei à minha casa cansado e totalmente revoltado. O que está acontecendo com esses adolescentes?! Que tipo de jovem acha normal desejar que um professor que ganha tão pouco, que trabalha incansavelmente, na idade avançada da Esther, morra?!

Contei para o Guilherme, que calmamente me ouviu. Talvez ali começasse uma missão em minha vida.

No dia seguinte, um conselho de classe aconteceria para encerrar o expediente. Na reunião, Esther sabia o nome e os problemas de cada um dos alunos. Fulano está com problemas em casa, Beltrano está com ciúmes da irmãzinha que nasceu; Sicrano tem um problema cognitivo. Começou aí a minha revolução.

A partir daquele dia entrei na sala, contei o quanto era bom ter uma vida boa. Não no sentido esnobe, mas para que soubessem que era possível. Podia ser hipocrisia minha, que sempre ganhei quase tudo de mão beijada, mas queria que os alunos soubessem que a vida boa existe e que aquela realidade era um pequeno pedaço do mundo. As relações amorosas foram mantidas, mas com uma distância segura entre professor e aluno.

Passei a ser um Beto inteiro, que se permitia demonstrar as humanidades, o desânimo, a raiva, o medo. Por exemplo, quando fui questionado por um adolescente sobre por que, se eu tinha uma vida tão boa, havia aceitado dar aula naquele colégio tão decadente, respondi que não fazia ideia. O aluno ainda insistiu que se eu não precisava, não devia estar ali.

– Olha, *brother,* vou te contar uma coisa bem importante: eu não preciso estar aqui... e nem você precisa de mim, porque provavelmente você viva assim nessa vidinha medíocre para sempre. Então, vamos pra uma resposta mais direta. Eu estou aqui porque EU quero, beleza?

As minhas respostas começaram a dar certo.

No meio de uma aula sobre História da Arte, um aluno metido a machão interrompe a explicação e solta uma:

– Beto, tu é viado, *man*?!

– Claro garoto, não tá na cara? Você também?

A turma ia ao delírio. Cada entupida que eu dava representava uma pergunta infeliz a menos nos próximos dias. Ao mesmo tempo que eu era "uma caixinha de surpresas", assustava os alunos, durante o intervalo eu jogava bola com os alunos, escutava as alunas, levava violão para as aulas e cantava com todos. E defendia a Esther. Se reclamassem de tédio, eu dava aula aos alunos no almoxarifado, com todo mundo em pé, suando e apertado. Se dissessem que era muito conteúdo, eu dobrava a quantidade. Se reclamassem de suas duras vidas em casa, eu dizia que deviam aproveitar que na escola estava sendo diferente. Me tornei um terrível professor com cara de pai.

Foi assim que fui chamado pelos próximos anos: Pai Beto.

O medo de me decepcionar era maior do que a vontade de fazer graça, fazer errado.

Em seis meses, a realidade daquele colégio mudou. Ninguém mais jogou chicletes no chão, porque eu obriguei os alunos a tirarem um por um, muitos deles grudados havia décadas.

A diretora me dava cobertura, me apoiava. E quantas vezes deixei o conteúdo das diretrizes do Governo do Estado para ensinar coisas óbvias como, por exemplo, a forma correta de segurar os talheres.

Resolvi coletivamente, e com a autorização da direção, destruir, depredar, estragar a frente da escola. Foi uma farra! Rabiscaram, picharam, escreveram coisas horríveis, rasgaram folhas de caderno, colaram.

E no dia seguinte, ao chegarem, a parede estava limpa, pintada, sem nenhum vestígio do que fizemos no dia anterior.

– Vocês percebem o que aconteceu aqui? Vocês perderam. Não importa quantas vezes destruírem, essa parede sempre vai estar assim, limpa.

No primeiro momento, eles me acharam um burro. Passaram a tarde estragando algo que eu arrumei e disse que faria aquilo sempre.

Claro, os piores alunos, para me testar, resolveram estragar novamente a mesma parede. De leve, com desenhos de um pinto, uma aranha, umas coisas mal feitas.

E nós sabíamos quem tinha feito aquilo, mas exigimos que todos os alunos fizessem a limpeza, a raspagem e uma nova pintura.

– Mas não fui eu, professor! – reclamavam.

Não importava quem tivesse feito. Era preciso compreender que aquela parede significava a tentativa de alguém de tornar aquele lugar melhor. Eu tinha tentado, agora era hora deles tentarem. Se todo mundo soubesse como era difícil deixar aquela escola melhor, todo mundo cuidaria dela. Todos sabiam o quanto era fácil estragar, mas não imaginavam quanto era difícil arrumar.

Setembro chegou e com ele, a saída de quatro professores. Dois em licença especial, duas pela aposentadoria. Ninguém queria lecionar naquele colégio.

– Professor, você não aceitaria lecionar Geografia? Não estamos conseguindo outros professores, e já estamos quase entrando no 4º. Bimestre – disse a diretora, preocupada com aquela situação.

– Mas diretora, não tenho mais horas livres. Estou com 40 horas por semana! – respondi.

Se bem que...

Sendo um professor adorado por todos, o que não seria difícil, mas principalmente respeitado em uma era em que a esmagadora maioria dos mestres estava enfrentando depressão por viver diariamente o desafio das salas de aula, e pelo fato de o colégio possuir um enorme e destruído auditório, aceitei o desafio.

– Posso dar aula como eu quiser?

– Exatamente professor, da forma que quiser – respondeu prematuramente a diretora.

Na próxima semana, comecei a lecionar Artes e Geografia, no grande salão, tomado por mais de 120 alunos, vestido de Carmem Miranda.

Ela disse que eu podia fazer o que quisesse.

Durante os próximos dias eu me vestiria, a cada dia, de uma forma. Um dia como um unicórnio, no outro como a pequena sereia, e na próxima semana, como um chinês vendedor de pastel.

No fim do ano, cheguei a lecionar Geografia, Artes, História, Redação. Passei um período inteiro com a mesma turma, sem que ninguém sentisse sono, reclamasse ou me desrespeitasse. Voltei a acreditar na humanidade e, no último dia daquele ano, recebi o prêmio de Melhor Professor.

Esther também passou a ser mais respeitada, porque os alunos sabiam que ela era uma amiga minha, e porque os ameacei de morte caso ela sofresse qualquer outra brincadeira de mau gosto.

Professor contratado em regime de Processo Seletivo Simplificado, ou PSS, sabe o quanto é duro. É humilhante todo início de ano letivo juntar os mesmos papéis, ir para as mesmas filas quilométricas e disputar a tapa as disciplinas nos melhores colégios. Claro, com o bom trabalho que fizemos no colégio, os índices dele subiram e, consequentemente, as aulas que ministrei não estavam mais disponíveis. Diretora, alunos e outros professores fizeram de tudo para que eu pudesse voltar, mas as regras eram aquelas.

– Alberto Portugal, é você?! Tem dez aulas na escola tal. Quer?! – resmungou uma antipática funcionária do Núcleo de Educação, no dia em que são "distribuídas" as aulas.

Assinei uns papéis, peguei o endereço e parti para o local. Impecável. Totalmente diferente da realidade que vi no ano anterior. E enquanto esperava a nova diretora me atender, apoiado no balcão da secretaria, comecei a observar. Um menino especial brincava com uma bola. Ele estava tão feliz que por algum motivo também fiquei feliz. Certamente aquele lugar tinha uma incrível proposta de inclusão social, e eu adoraria aprender mais sobre o assunto.

– Você está pronto, rapaz? Se quiser, pode assumir a turma já. Como pode ver, eles estão sem professor hoje... – disse Alessandra, a diretora, apontando para o menino com a bola.

Assinei mais uns papéis e, na verdade, voltaria no dia seguinte para começar a lecionar, mas pelo fato de ver o menino, e saber que ele estaria na turma em que eu daria aula, aceitei.

– Siga pelo corredor, entre na oitava porta do lado direito, a turma é pequena e te espera.

Coisa estranha, o pessoal do colégio nunca tinha me visto na vida, não perguntou nada e simplesmente me encaminhou para uma sala de aula. Ao abrir a porta, um choque: seis alunos, na faixa dos quinze anos de idade, todos especiais.

Sabe quando a gente fica sem saber se vai ou se fica? Por alguns instantes pensei em estar na sala errada, totalmente sem reação. Eu nunca tinha trabalhado com especiais, nunca tinha estudado o assunto, nunca convivi com ninguém que tivesse Síndrome de Down, Autismo ou qualquer outra coisa parecida. E não me entenda mal, caro leitor, não se trata de preconceito. Trata-se de bater uma real: para ensinar alunos especiais, é preciso ter técnica, conhecer didática e pedagogia, entender de cuidados. E eu não sabia nem cuidar de mim, não havia aprendido matemática básica ao longo da vida, e tinha até chamado uma professora de traficante sem ter nenhum motivo específico.

Recuei, e quando ia sair da sala, o aluno que estava antes jogando bola, com dificuldade perguntou:

– Você é o professor novo?

Balancei a cabeça afirmativamente, de modo que os outros cinco alunos levantaram e começaram a me abraçar. Anestesiado, eu escutava as colocações deles sem o menor sentido. Uma moça me dizia que minha pele era bonita e que meu pé era muito feio. Outro aluno abriu minha mochila, jogou tudo que estava dentro no chão e enfiou a própria cabeça nela. Enquanto comecei a juntar meu material, um deu um soco no outro, fazendo um terceiro que não tinha absolutamente nada a ver com a situação chorar. Aí, alguém começou a cantar uma música de algum desenho animado, fazendo com que todos cantassem, se abraçassem e tudo voltasse ao normal.

O tempo parecia não passar. Olhava para o relógio e eram 13h30. Oito horas depois, olhava novamente e eram 13h35. Eu só pensava na irresponsabilidade do estado, que me colocou para dar aula na educação especial sem verificar corretamente meu currículo e os dados que preenchi na tal ficha. Eu podia ser um psicopata e ninguém nunca descobriria. Quanta ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.

O sinal do intervalo tocou e eu fui enfurecido falar com a direção.

– Escuta, não me levem a mal, mas vocês sabem que eu não tenho formação nenhuma em educação especial? Talvez devêssemos comu-

nicar o Núcleo de Educação, porque eles só podem ter me mandado até aqui por engano...

– Você fuma? – perguntou uma professora que assistia ao meu desabafo com a diretora. – Então, venha, vamos ali fora trocar uma ideia.

Era Lia, uma pessoa muito importante na minha caminhada.

– Sabe, moço... você não tem que ter pressa. Aqui é assim. Ninguém quer dar aula pra eles, não tem professor especializado, a gente precisa trabalhar com o que tem. Você pode, você consegue. Leia a carinha deles. Deixe teu coração falar o que fazer, porque à educação, bom senso basta.

Foi o que fiz. Após uma noite bem dormida, voltei para a escola cheio de novos planos. Que merda! O sistema dizia que eu é que devia ensinar-lhes, mas eles eram a maioria e talvez devessem me ensinar alguma coisa.

Montei um plano de aula com conteúdos criteriosamente buscados na internet, liguei para todas as pessoas que eu conhecia e tinham alguma experiência com pessoas com deficiência, tracei planos estratégicos... e tudo foi em vão.

Sem ninguém para assumir as minhas aulas, não poderia abandonar aquela turma. Pelo menos foi o que a Lia disse, ao afirmar que eu devia ouvir meu coração.

Então, passei a entrar na sala de aula e perguntar:

– O que vamos fazer hoje?

Se os alunos dissessem "cantar", cantávamos. Se dissessem "dançar", dançávamos. Guilherme, que já havia se formado em Terapia Ocupacional, me dizia: o que é preciso é fazê-los conquistar autonomia. Era essa minha missão... fazer com que aquelas pessoas "diferentes" se sentissem comuns e me levassem para o mundo delas. Fiz o que pude.

Eles me adoravam. Claro! Mas era muito difícil para mim. Eu me sentia um monstro por não conseguir seguir em frente. Talvez fôssemos muito dramáticos mesmo. Tanto a situação, quanto eu mesmo.

Ainda bem que eu tenho eu

A fase não era boa. Era aluno fazendo cocô no meio da sala. Era aluno pedindo para ir morar na minha casa porque sofria abuso sexual pelo avô. Era aluno cardiopata que tinha o coração inchado que pode-

ria parar de bater a qualquer momento. Se um ano antes eu havia me realizado como professor, naquela época eu estava crente que aquela rotina não era pra mim.

Eu tinha alunos que nitidamente não tinham nenhum problema além de déficit de atenção e hiperatividade. Como eu sabia se, afinal, minha formação era em Artes, em Arquitetura, e nenhuma dessas duas áreas me capacitavam para interpretar um ser humano?! Se eu cismava que sim, pagava consulta de psicopedagogo, de psicólogo, de psiquiatra... pagava com meu próprio dinheiro para poder obter um laudo. Em casa, não conseguia dormir, porque pensava em como as crianças ficariam quando seus pais morressem no futuro. O TOC gritava, e por vezes acordava para arrumar a casa, para contar o número de garfos na gaveta, para pentear as franjas do tapete.

Parece óbvio que desse jeito meu casamento não ia bem?!

Muito maduros, eu e Guilherme sentamos no sofá da sala em uma sexta-feira de madrugada.

– Não dá mais.

– Não dá, eu concordo.

– Separaremos?

– Separaremos!

– Quem sai da casa?

– Eu, evidentemente, Beto. O apartamento é da sua família.

– Mas isso não seria problema por eles, tenho certeza.

– Eu prefiro sair. Podemos dividir as nossas coisas?

– Claro. O sofá você quer?

– Sim, obrigado.

– E a televisão?

– Não, a televisão pode ficar com você, você ganhou da sua mãe.

– A cama?

– A cama eu quero. Gosto dela, e você reclama faz tempo.

– O liquidificador vou levar, tudo bem?

– Claro, pode levar. Mas da batedeira eu gosto muito.

– Sem problemas, a batedeira é sua.

– E aquela coisa ali na estante?

– O enfeite?

– Sim. Aquela coisa dourada.

– Ah, não! Aquilo a gente devia jogar fora, é muito feio.

– Ótimo, jogaremos fora...

E assim a madrugada passou. Com uma correta, esclarecida e bem organizada partilha de bens.

Amanheceu, tomamos um banho, vestimos uma roupa de fim de semana e partimos em busca de um apartamento para Guilherme morar. Curitiba é uma cidade que deve ter um bilhão de imóveis desocupados em imobiliárias, mas pela ironia do destino, o primeiro que vimos foi do que Guilherme mais gostou. Era inclusive bem parecido com o nosso. Meio longe, mas eu soube que ele seria feliz ali.

No caminho de volta encontramos um caminhão de frete. Fizemos um contrato, e em meia hora eu estava ajudando a carregar a mudança de meu ex-marido, com quem dividi os dias mais felizes de minha vida.

O barulho da porta fechando ecoou no corredor. Ele tinha ido. Para sempre. Nossa história não seria apagada. E que história tínhamos escrito juntos! Amigos, companheiros, confidentes. Nossas famílias ficariam arrasadas com a notícia da separação e ela deveria ser contada a prestação, para ninguém sofrer demais, afinal, um era amado pela família do outro. E isso bastava.

Por outro lado, estávamos felizes. Reorganizei a casa, me espalhei. Pensei em festas que poderiam acontecer naquele apartamento, comprei uma garrafa de bebida. Tirei todos os enfeites que ele havia escolhido, e fiz aquela casa ter mais a minha cara. Era o natural.

De tarde fui até a casa nova dele, para ajudar a montar algumas coisas, parafusar uns quadros.

– Vai sair hoje? – Ele perguntou.

– Claro, não é todo dia que sou solteiro. E você?

– Sim, já marquei com meus amigos.

Dei uma resposta idiota. E ele me deu uma resposta tão idiota que desejei a morte dos tais amigos, que muito provavelmente eram meus amigos também, porque nunca tivemos amigos que não fossem em comum.

Entretanto, mantive a classe, a elegância e a paz interior dos monges tibetanos.

Voltei para casa, tomei um banho e esperei meus amigos, que eram nossos amigos, chegarem. Todo mundo em clima de velório. Mas que porra! Se eram meus amigos não deveriam estar me colocando para baixo.

Cacei contatos de amigas da faculdade de Arquitetura, com quem nunca havia conversado na vida (exceto no episódio do hotel explodindo, no Rio de Janeiro).

– Oi, é o Beto, lembra de mim?! Então, tava pensando em pedir pra vocês me convidarem pra ir pra uma balada hoje, porque nunca fui sozinho numa balada e acabei de me separar do meu *marido* que provavelmente está no motel com trinta e seis homens nus dançando bunda-lelê.

Claro, surgiram uns dez convites de pessoas que não me conheciam, todas preocupadas comigo.

Me deu sono. Dormi. Dormi umas 18 horas consecutivas.

No domingo, a depressão. Passei o dia assistindo *E o vento levou*, que era uma bosta de filme, mas Guilherme adorava. Quis fazer alguma comida que não usasse o liquidificador, que tinha ficado com ele, mas sem ter um liquidificador as coisas não pareciam fazer sentido.

A segunda-feira chegou e com ela um tipo de febre, mal-estar... coisas do tipo.

Não fui trabalhar, porque não queria mais voltar para aquela escola.

Na terça, ainda não havia tomado banho nem tirado o mesmo pijama. A garrafa de bebida ficou perto da janela, o sol a fez estourar e o cheiro de bebida azeda dominou o apartamento. Azar, ninguém virá aqui mesmo. Assisti mais uma vez *E o vento levou*[5], torcendo para que ele me levasse também.

Quarta-feira dei uma volta de carro. E decidi: vou flertar.

Parece que naquela noite todo o elenco de Colheita Maldita resolveu passear e corresponder aos meus olhares. Teve até uma senhora de bengala que me deu uma piscadinha.

Voltei para casa, liguei o som, soltei uma Maysa Matarazzo... *Meu mundo caiu.*[6]

---

[5] Referência ao filme *E o Vento Levou*... baseado no romance de Margaret Mitchell. Dirigido por Victor Fleming, 1939.

[6] *Meu mundo caiu*. Canção composta e interpretada por Maysa (1958).

Na quinta-feira, não resisti. Liguei para o Guilherme.

– Como você está? – perguntei.

– Eu? Tô óóóóótimo... e você?

– Maravilhosamente magnífico e feliz. Tchau.

Fui almoçar na casa de minha mãe, que percebeu de cara: algo está errado.

– O que houve, meu filho?

– Ah, mãe... acho que estou cansado.

Não quis dar o braço a torcer. Imagina! Demonstrar que estava sofrendo, por alguém que estava óóóóóótimo! Daquela quinta não passaria. Eu ia me divertir, custasse o que custasse.

Curitiba tem um bilhão de imóveis vazios em imobiliárias e... um bilhão de pizzarias, bares e restaurantes.

Mal cheguei a um barzinho, totalmente bem vestido, cheiroso, e dei de cara com ele. Sem que ninguém tivesse me visto, voltei para casa correndo, puto da cara, revoltado.

Entrei no elevador, tirei os calçados no corredor e quando fui abrir a porta do apartamento, Guilherme me esperava.

– Voltamos?

– Voltamos.

– Hoje mesmo?

– Perfeitamente.

Naquela sexta seguinte, a mudança de Guilherme voltava. Inteira. Tudo que tinha saído estava voltando. Rescindimos o contrato do apartamento dele. Enfiei rapidamente os enfeites nos lugares originais, guardei o liquidificador. E foi assim.

Enquanto via a mudança chegando, a síndica do prédio chegou a comentar:

– Nossa! Não estou entendendo isso.

– Dãããã, sua curiosa. Os móveis tinham ido para uma empresa especializada em remover cupim – respondi.

– Sim, só não sabia que em televisão dá cupim.

De noite ligamos para os nossos pais para dizer que tínhamos nos separado, mas que ficassem tranquilos, porque o divórcio durou apenas sete dias.

Eu queria ter na vida simplesmente...

Quatro da manhã de 2015. O sono acaba. Levanto, vou para a sala da casa mais linda que alguém já construiu. Eu me sento na varanda e escuto os passarinhos amanhecendo ao som do rio caudaloso. A paisagem é uma pintura, mesmo que pareça que vai chover logo nas primeiras horas da manhã. Coloco uma música no celular, acendo um cigarro. Toca Baden Powell. *Ah, se a juventude que essa brisa canta, ficasse aqui comigo mais um pouco, eu poderia esquecer a dor, de ser tão só, pra ser um sonho...*[7]

Mais tarde, Stella chega e entra, molhada. Beto, o Gelson morreu! O Gelson morreu.

Chegamos à casa de Tia Lúcia, que estava internada num hospital de Ponta Grossa, em seus últimos momentos. O corpo de Gelson estava esticado no chão do quarto que tantas vezes me foi abrigo. Parecia estar dormindo, ou então pregando uma pegadinha em todos nós. Em instantes apareceu gente de todos os lugares. Todos incrédulos. E eu comecei a ver um filme em minha mente.

Até essa parte da história eu não tinha mencionado um lugar. É que achei justo que ela tivesse um capítulo inteiro, porque sou apaixonado por uma cidadezinha.

Aos meus doze anos, pela primeira vez pisei em Tibagi, no interior do Paraná, a mais ou menos cem quilômetros de Ponta Grossa.

É que Stella, assessora de meu pai no fórum, tinha família morando na cidadezinha com pouco mais de vinte mil habitantes. E por ter me encantado com o local, acabou se tornando rotina aos finais de semana entrar no carro dela e ficar na casa de sua mãe, a quem reconheci como avó desde o princípio. Incrível como família pode ser qualquer pessoa com quem a gente se identifica.

Durante minha depressão juvenil, ir a Tibagi era como fazer dois dias seguidos de uma terapia muito mais eficaz do que com a psicóloga que me atendia. E meus pais confiavam tanto em Stella, que mal sabiam que a melhor forma de ela cuidar de mim era me deixar completamente livre.

As sextas-feiras me deixavam ansioso à espera de sua chegada para partirmos para o paraíso que aquela cidade representava para mim; e quando pegávamos a estrada esburacada, eu já começava a me

[7] Referência à canção *Eu e a brisa*, composta por Johnny Alf (1967).

encontrar. Cássia Eller tocando no volume máximo do carro, ela dirigindo a 30km por hora e eu me sentindo livre.

Chegava à casa de Vó Ciça como um neto de verdade, que abre a geladeira, que deixa o tênis no meio do corredor, que deita no sofá. Não que minha família biológica não me permitisse isso, mas por algum motivo eu me sentia abraçado por toda a família dela. Era como se a vida tivesse me permitido viver outra vida, em uma casa muito simples, em madeira, com a pintura desgastada, sem nenhum luxo. Mas com muito amor.

Stella era muito amiga de Sandra, que também trabalhava com meu pai, e que por tantas vezes esteve conosco nas viagens. E era prima de Gelson, a pessoa mais admirável que já conheci em meus trinta e tantos anos.

Ninguém ia para Tibagi para descansar. A gente ia para rir, conversar, sair à noite, festejar. Era como se tudo por lá representasse uma celebração à vida e aos amigos. E por ser uma cidade tão pequena, não foi difícil que eu conhecesse tanta gente.

Tudo por lá parecia cenográfico, como nessas cidades de novelas das seis da Globo. O restaurante é pequeno, o banco é pequeno, a igreja é pequena. O céu mais bonito que já vi é o de Tibagi, tanto de noite quanto de dia. E, o mais importante de tudo isso: as pessoas dificilmente envelhecem por lá. Pelo menos não mentalmente.

Anoitecia, Gelson aparecia sempre arrumado, cantarolando alguma coisa e sem explicar para onde, dizia:

– Vamos?!

E a gente ia. Para os piores e mais maravilhosos botecos, com as pessoas mais interessantes, com as melhores músicas. Eu não bebia nada alcoólico, e ficava cuidando dos mais velhos. Irônico, né? Um menino com quinze ou dezesseis anos cuidando de um monte de quarentões. Eles diziam que eu ia entrar em *overdose* de tanta água que ingeria.

Quando dava oito da manhã, eu mandava parar.

– Chega! Vocês não têm limites.

– Ah! Pare! Você é um velho horroroso... me deixe ser jovem – dizia Gelson.

A relação parecia estranha para quem visse de fora. Devem ter maldado muito, afinal um homem com seus quase cinquenta andando para cima e para baixo com um adolescente não era algo comum. Gelson

era um tipo de referência pra mim. Gostava de arte, lecionava literatura, tinha uma história de vida cheia de aventuras e sem arrependimentos e carregava em si a facilidade de ouvir sem julgar em nenhuma hipótese. Claro, por isso se tornara melhor amigo de uma legião de pessoas. Comigo era mais, porque eu sei: algumas vezes, de longe, ele me espiava para ter certeza de que, nas minhas descobertas, eu estava seguro.

Uma vez, após os meus dezoito anos, Gelson chegou à casa de Vó Ciça e disse:

– Hoje você vai beber, meu idoso preferido! Você vai beber!

E foi ali meu grande porre. Num bar chamado Jeladinho (sim, Jeladinho com J), começamos com um *menu degustação de cachaças,* segundo ele.

O dono do bar servia aqueles copinhos, que por sinal eram sujos, com pingas aromatizadas com banana, abacaxi, maçã, mentruz, acerola... cada copinho doce descia como uma pancada. Acho que no décimo segundo decidi dar um tempinho. Sentei a uma mesa e comecei a conversar com uma pessoa aleatória, de que até hoje me lembro o nome: Meméco!

Gelson logo sentou-se ao meu lado e observou que o bar estava fechando. Meméco não se conformava e disse ter em casa uma carne pronta para fazermos um churrasco. Entramos com mais oito pessoas em um fusca e seguimos para longe... muito longe.

Ao chegarmos, fomos extremamente bem recebidos pela família do rapaz.

– Você gosta de pinga? – perguntou a mãe de Meméco. – Eu tenho pingas ótimas aqui. Experimente essa de butiá e essa de araçá, e essa outra de carne seca... Eu nem sabia que existia uma flora tão rica no Brasil a ponto de criarem tantas cachaças assim. Quando saiu o churrasco, já eram mais de cinco da madrugada. Um frio glacial, as pessoas empilhadas em volta da churrasqueira rindo, falando bobagem e eu comecei a sentir que iria ao chão a qualquer momento. Percebendo, Gelson me apoiou no braço e mandou eu me despedir de todo mundo. Não aceitamos carona, porque na minha ideia estávamos muito perto. No caminho começou uma das conversas mais estranhas que já tive.

– Gelson, seus amigos são maravilhosos! Que pessoal interessante.

– Meeeeeus amigos? Seus amigos, Beto. Pelo amor de Deus – respondeu-me, assustado.

– Claro que não, não faço ideia de quem sejam...

Começamos a rir e pegamos um caminho de oito quilômetros em temperaturas negativas, fazendo efeito pingue-pongue (do muro ao meio-fio, do meio-fio ao muro) até chegarmos à casa de Vó Ciça. Entrei silenciosamente, de modo a não acordar ninguém, mas a boa velhinha me esperava sentada com a mesa do café da manhã posta.

– Desculpe chegar tarde, vó!

– Tarde? Você tá é chegando cedo. Olhe, são quase oito! Tá fedendo pinga.

Ficou um silêncio no ar. Até que ela continuou:

– Muito bom que finalmente encheu o cu de cachaça, não, meu filho? Coma e vá dormir um pouco.

Eu tenho certeza que Vó Ciça quando me viu pela primeira vez esqueceu que eu não era seu neto de verdade, porque tive com ela a relação mais pura de um neto com sua avó, do tipo que escolhia o cardápio do almoço, que deitava no colo, que levava broncas.

Quando conheci Guilherme, passamos a frequentar Tibagi juntos e ficando na boa casa velha, que nunca ousou qualquer coisa para nos separar. Cama de casal. Os dois juntos. E mais uma vez aquele lugar era minha segurança, afinal, se em outros lugares tínhamos de fingir sermos melhores amigos e até irmãos, em Tibagi ninguém via Gui sem Beto e Beto sem Gui.

Se Gelson havia vivido sua juventude em tempos tão amedrontadores e por isso não podia expor sua sexualidade e sua história, ele fez com que eu me sentisse seguro a ponto de ser inteiro, de viver a minha vida plenamente. Um dia, antes de voltar para a minha casa, ele colocou um bilhete no meu casaco:

Todo mundo devia ter um amigo Beto, Beto.

Dessa sensação de ser verdadeiramente amado, de uma vida tranquila, de querer ver as coisas bonitas da vida veio um desejo a mim e ao Gui.

Voltamos para casa depois de um dia corrido de muito trabalho. Eu projetava túmulos para uma funerária em Curitiba, Guilherme trabalhava como professor de dança em um monte de lugares. O *buffet* ia bem, mas não tanto a ponto de querermos nos entregar mais àquele trabalho. A vida na capital era uma loucura, e o retorno de cada ida à Tibagi nos causava angústia. Se nos finais de semana estávamos vendo

estrelas, escutando a água do rio, conversando sem medo sentados no meio-fio, de segunda a sexta-feira o máximo que enxergávamos era a luz da cidade, o som dos ônibus e o tédio de uma metrópole para quem é casado. Porque quando se é solteiro, tudo é badalação.

– E se, de repente, a gente se mudasse para Tibagi?

Era a pergunta que eu mais esperava. Mais que um "quer casar comigo num clube social famoso para ganharmos faqueiros e cristais que nunca usaremos?".

A sexta chegou e resolvemos ir pessoalmente até a cidade para comunicar a decisão aos nossos amigos. Felicidade de todos, mas há pontos interessantes de se observar: conseguimos emprego na primeira entrevista; a casa dos nossos sonhos tinha acabado de entrar na imobiliária para locação.

Era inacreditável um cenário de tanta sorte assim.

Dez dias depois estávamos em busca de um caminhão para fazer nossa mudança. Para quem viveu mais de 30 anos em apartamento, morar em uma chácara no centro da cidade era mais que um sonho. Era um chalé em madeira com pé direito duplo, quartos com portas que abriam para os jardins, pomar, balanços e redes nas árvores, horta. Dava para criar cachorros, pôneis, carneiros, até elefantes, se quiséssemos. Mas decidimos que não. Ficaríamos apenas com os dois gatos que já tínhamos.

Nessa casa fizemos festas temáticas com meia cidade dentro dela. Uma delas, inclusive, teve tema velório e, em vez de parabéns as pessoas cantaram "segura na mão de Deus", comigo dentro de um caixão.

Viver em Tibagi era perfeito. Até eu começar a perceber a validade das coisas. Sinceramente, até antes dos 30 anos de idade eu ainda me considerava um menino. Moleque mesmo. E ter ido viver na cidade que eu queria, na casa que eu queria, com a pessoa que eu queria e com os dois labradores que me senti obrigado a comprar porque a situação exigia (chamavam-se Cosme e Damião e comeram meu carro, literalmente) me mostrou uma outra qualidade de minha personalidade: o Beto, além de dramático, romantizava muito as coisas.

Comecei o trabalho na Prefeitura do município como arquiteto e em três meses, a então prefeita me convidou a assumir como Secretário de Planejamento.

No meu romantismo, seria ótimo ter a oportunidade de fazer o que era certo. Pelo telefone, meu pai me abençoou e disse que estava

orgulhoso por eu ter conseguido um cargo tão importante por méritos próprios. Fiz! Fiz muito. Trabalhei incansavelmente, enquanto Guilherme também. Ele tinha cerca de 400 alunos de balé em um município com pouco mais de vinte mil habitantes. Éramos conhecidos, respeitados. Projetei escolas e creches, postos de saúde, capelas mortuárias. Entretanto, na primeira situação em que não correspondi a interesses políticos, fui transferido para outra pasta. No fim do primeiro ano, eu era Secretário de Turismo. E fiz, continuei fazendo. Arrumei encrenca com muita gente, percebi que o ranço político é uma questão de cultura, porque não importa o que a gente faça... haverá sempre um fã-clube contrário que não vai reconhecer.

De repente, eu me dei conta de que meus méritos próprios eram a capacidade que eu tinha de ter gente em volta de mim, de angariar votos. E nada mais.

Guilherme viajava centenas de quilômetros todas as semanas dentro da cidade, dando aulas de balé até em lavouras. Também conseguiu contratos com cidades vizinhas. Era amado pelas pessoas. Eu comecei a lecionar Literatura em um colégio particular, trabalhava no período da tarde na Prefeitura e à noite dirigia 100 quilômetros para dar aulas numa faculdade em Ponta Grossa. Nos finais de semana tocávamos um grupo de teatro. Trabalhamos. Trabalhamos. Trabalhamos muito.

E vendo Gelson caído no chão, como se estivesse dormindo, eu me lembrei de sua fala: Você acha que Tibagi será só a alegria dos fins de semana, mas não será. Tibagi é pra profissional!

Velamos Gelson em uma tarde de chuva, após eu ter que providenciar todas as coisas que ele, quando bêbado, disse querer em sua despedida. Gravata cor-de-rosa; um cartaz onde estivesse escrito "silêncio, estou dormindo", que Stella se bateu para conseguir fazer. Luto contido, sem excessos.

Perdi ali um grande amigo. Desses que todo mundo quer ter. Dois dias depois, a mãe dele, que era como minha tia-avó, descansou. E no carnaval do ano seguinte, minha avó Ciça. Inclusive, em seu atestado de óbito constou que as informações foram prestadas pelo neto. Eu era o neto.

Nossa renda chegou a vinte mil reais por mês. Talvez um pouco mais. Decidimos comprar uma casa e fazê-la ficar da forma que sonhamos... Uma cozinha enorme, capaz de receber todo tipo de gente; afinal, a cozinha é o grande coração de uma casa. Preparamos um café

e recebemos amigos e todos aqueles a quem escolhemos chamar de família. Faltavam alguns porque a vida assim quis. A felicidade estava quase completa. Não fosse o nojo que a política nos fazia sentir. As pessoas não eram mais as mesmas e com a proximidade das eleições, velhos amigos já não eram mais tão amigos e novas pessoas tentavam ser amigas. Pelo sim e pelo não, eu e Guilherme decidimos nos afastar um pouco do mundo externo. Nessa época meu jardim ficou maravilhoso. A casa foi pintada de vermelho, toda avarandada.

Mas faltava alguma coisa.

O menino

Mencionei muito pouco sobre os desencontros que a vida me proporcionou. Quando entrei na faculdade de Jornalismo, a que eu não concluí, assisti por dois dias às aulas em uma turma errada, do Curso de Administração. Aliás, nem sequer me dei conta de que a fala do professor naqueles dois primeiros dias de aula não tinham nada a ver com Jornalismo. Não fosse uma dinâmica em que tínhamos que dizer por que escolhemos Administração, talvez eu estivesse lá até hoje.

No casamento de minha irmã Priscilla, eu e Guilherme nos arrumamos em tempo recorde e corremos para a igreja, numa tentativa de orgulhar meus pais sendo os primeiros a chegar. Mas umas moças estavam desmontando a decoração.

– Moça, por favor, a que horas é o casamento?

– Ih, moço! O casamento que aconteceria aqui foi cancelado porque o pai da noiva ficou muito doente – respondeu-me gentilmente a cerimonialista.

Ah, pronto! Em pleno dia do casamento de minha irmã, morreu meu pai!

– Calma, Beto! Alguma coisa deve estar errada... – disse Guilherme, já pálido e trêmulo, sacando o celular para ligar para alguém.

Obviamente, se minha família estava no casamento de Priscilla, o celular de todos estaria desligado. Por certo, minha tia Alice atendeu.

– Onde vocês estão, Gui?! Corram pra igreja! – disse ela.

Por sorte estávamos na igreja errada, do outro lado da cidade. Chegamos quase juntos com a noiva.

Essa incapacidade de juntar as peças várias vezes me botou em fria. Nesse caso que vou contar agora, talvez tenha sido a solução.

Guilherme, como já disse, atendia a mais de 400 alunos de balé em toda Tibagi. Era um trabalho lindo levar arte e cultura para pessoas que não tinham acesso a nada disso, que não tinham atenção e que estavam voltando a sonhar.

Era preciso fazer alguma coisa para agradecer a vida boa e confortável que estávamos levando. Não que fôssemos religiosos, mas naquele momento senti necessidade de fazer algo gratuitamente.

Parece que o universo conspirava para isso e, como um sinal, Renato, um voluntário da Casa-lar da cidade me pediu ajuda para elaborar um projeto de ampliação do imóvel, construindo mais um quarto.

– Eu vou, mas não tem crianças por lá, né?

– Só um menino – respondeu-me.

Eu não queria ver. Sentia pena, e não querer vê-lo era claramente uma forma de defesa, porque a gente acredita que o que os olhos não veem, o coração não sente.

Por sinal, foram inúmeras vezes na vida que quis fechar os olhos para me poupar de vivenciar o meu típico drama já tão famigerado pelos que me conhecem. E enquanto me esquivava de olhar para o corredor em que havia portas para os quartos, enquanto caminhava o olhar para o lugar onde poderia surgir um novo dormitório, ele apareceu, bem debaixo do meu nariz, escondido debaixo do sofá.

– Esse é o *piazinho* – disse Renato.

Eu olhei para aquela criança de um jeito muito, mas muito diferente. Você acreditaria se eu dissesse que foi como se eu o tivesse reencontrado, ao invés de estar conhecendo-o? Como se o romantismo não existisse eu afirmaria: aquele menino era meu desde sempre.

Fiquei em silêncio por uns dias. Não consegui fazer o projeto. Não consegui pensar em nada. Mas eu sempre tive a bola da vez, sempre busquei uma coisa ou outra para conseguir, para ter expectativa.

Só que aquele momento não era de conquistar uma coisa... e sim, um ser.

O *piazinho* estava abrigado numa Casa-lar. Provavelmente ele... não... essa parte da história não pertence a mim. Pertence a ele. E se um dia ele quiser, ele conta.

Guilherme estava cada dia mais encantado com o resultado de seu trabalho com a dança. Ousaria dizer que naquele momento, no mercado cultural do estado, não havia companhia de dança com mais meninos. Nenhuma delas deveria ter gente tão plural, com tipos e histórias de vida tão diferentes. Meninos que trabalhavam na lavoura pela manhã, no fim da tarde estavam vestindo sapatilhas e fazendo *fuetê*. Os atletas da canoagem faziam aula de *jazz* no salto, para fortalecer as pernas. Enfim, era um trabalho grandioso.

E porque cada vez mais meninos faziam aulas de dança, cada vez mais e mais eram adeptos, roubando todo o espaço do preconceito e do machismo, substituindo estigmas pela magia da arte. Até meninos pequenos, bem pequenos mesmo.

A paternidade estava gritando em mim.

Todos os dias Guilherme chegava em casa dizendo que estava encantado com um aluno novo, numa turma de *baby class* que, para quem não sabe, é a modalidade balé para crianças que não dançam quase nada, gritam enlouquecidamente, jogam-se no chão quando deveriam fazer exercícios de leveza absoluta e normalmente choram. Ele falava com brilho no olhar sobre um menino pequeno que estava fazendo suas aulas e concluía sempre com "quando tivermos um filho, quero que seja igual a esse menino".

A relação Casa-lar com o *piazinho* de debaixo do sofá, o encantamento de Guilherme com as crianças e a vida boa na cidade no interior faziam com que naquele momento eu propusesse a dar um passo maior. No entanto, como me perturbava o conceito que criei em minha família sobre mim, de que eu estava sempre inventando alguma moda, protelava em silêncio meu desejo iminente de ser pai.

O trabalho na Prefeitura era árduo. Com uma dinâmica do tipo que me agradava, de nunca fazer as mesmas coisas, chegavam até minha mesa pedidos e mais pedidos de reformas e construções. Foi a única vez que me senti arquiteto de verdade, afinal, tinha carta branca para projetar e executar as obras.

Como o teatro sempre foi a arte que mais me fascinou, ao receber a ordem de revitalizar o Teatro Municipal, consegui focar em outras coisas além de imaginar que teria um filho. E assim, em seis meses de obras, comecei a planejar o dia da reinauguração daquele mágico espaço público. Pedi que Guilherme criasse coreografias e ensaiasse seus bailarinos para uma noite marcante na história da cidade. Figurinos,

iluminação, tudo pronto para devolver ao povo um espaço tão democrático quanto um teatro.

Ansioso e ao mesmo tempo emocionado, afinal havia anos que o local estava fechado em abandono, esperando o horário chegar fui até o estacionamento, acendi um cigarro e comecei a pensar no quanto eu era feliz.

Fui surpreendido quando uma das mais de cem crianças me deu um tapa na bunda. Olhei assustado, ele riu e seguiu de mãos dadas com uma mulher que me era familiar. De onde eu os conhecia?! Um menino de uns quatro anos, com carinha de conhecido.

Tudo pronto para iniciarmos as apresentações e lá vem o meu amor, lindo, me deixando cada vez mais apaixonado quando o via no palco. Guilherme era realmente "o cara" quando estava com seus alunos. Entravam em cena as crianças da tal turma *baby class*. Umas vinte meninas e apenas um menino. Aí eu levei um tapa do destino na cara. Era como se o universo tivesse gritado lá de cima "Alooooooou, você é burro ou quer que eu faça um desenho com seu sangue na parede?!".

Espera! Aquele menino que me deu o tapa... sim! É o menino que eu vi na Casa-lar. E afe! É o menino que faz *baby class* e com quem o Guilherme sempre diz que quer que nosso filho seja parecido. Claro! A mulher que estava com ele é a moça que cuida dele. Isso mesmo!

A vontade que eu tinha era de subir no palco em pleno *grangetê fuetê padedê* para falar "Olha que louco, olha essa coincidência!". Me contive. Pelo menos até chegar em casa.

– Gui, sabe aquele seu aluno pequeno?! Então, você fala que quer ter um filho parecido com ele. Mas que tal se for ele?!

Guilherme não entendia nada, mas insistia que o menino tinha mãe (Jura?), e dizia que a mulher que estava junto era a mãe.

– Não é, Gui! Aquela mulher é a cuidadora, ela leva ele todos os dias para o balé, mas não é a mãe! Ele mora na Casa-lar.

No dia seguinte, às oito em ponto, estávamos no fórum, dando entrada nos milhões de papéis necessários. Aquele menino, ou melhor, o *piazinho,* sempre foi nosso filho. Desde o infinito.

A única coisa que podia dar errado eram as cinco famílias antes de nós.

Cinco famílias para escolher

Parece absurdo, mas no Brasil do século XXI uma criança aos quatro anos de idade não tem direito a escolher onde vai viver.

A resposta do Juiz foi taxativa: o fato de vocês formarem um casal de pato macho não é impeditivo, o problema é que existem cinco famílias na frente de vocês que querem um filho com o perfil deste mesmo *piazinho*. E mais: essa criança ainda não foi destituída dos poderes da família biológica, o que significa que vai levar uns trinta anos para dar tudo certo, porque a justiça brasileira... ah, a Justiça brasileira...

Claro, o Juiz não teria escrito nada dessa forma; mas eu li como se estivesse escrito desse jeito.

Em dezembro, perto do Natal, mesmo diante da resposta, entramos com um pedido que soava mais como "puta merda, que bom que reencontramos ele, estávamos perdidos pra cacete, mas agora tá tudo bem, vamos levá-lo de volta pra casa."

Imagino como deve ter sido difícil para o Guilherme, que não podia demonstrar nenhum tipo de interesse e afeto, além da relação professor x aluno.

Numa manhã de frio e chuva, no fim de maio, recebemos uma notícia. O *piazinho* estava destituído de sua família biológica. O que era bom, mas em poucos dias iria para a primeira das cinco famílias. O que era ruim, porque, se não desse certo com eles, iria para a segunda.

Como é que uma criança não dá certo com uma família?!

Um mês depois, ainda tínhamos toda a esperança do mundo. E decidimos acreditar que tudo era questão de tempo. Ele não se adaptou àquela família. Chorou, gritou, quis voltar para "casa". Lógico! No entanto, foi para a segunda casa da lista das cinco. Lá, ficou por quinze dias. E o mesmo aconteceu.

Em tempos de *Facebook*, é muito fácil rastrear a vida dos outros. Numa cidade do interior, com pouco mais de 20.000 habitantes, o algoritmo é simples: rede social + facilidade de comadres = sucesso nas investigações.

Não demorou nada para que eu soubesse quem era o casal, onde vivia e começar a sondar a vida do menino. Ele estava muito bem, ao que tudo indicava. Um vizinho ou outro me contava. Aparentemente não estava sofrendo, os pais não estavam assustados, mas ainda assim

me parecia interessante o fato de que no meu coração ele não tinha deixado de ser nosso filho.

Abri a porta do quarto verde, o que estávamos preparando para a sua chegada, e começamos a fazer uma faxina, inclusive emocional, porque eu tinha a certeza de que o menino chegaria.

Alguns dias depois, uma surpresa: o menino estava novamente na Casa-lar. Motivo: não foram desenvolvidos vínculos familiares. Claro! Afinal, é muito fácil que se desenvolvam vínculos familiares em cinco dias úteis, entre dois marmanjos e uma criança de quatro ou cinco anos, não é?!

Misturavam-se dois sentimentos dentro de mim. O primeiro era de alegria, pois assim só faltariam mais três famílias até que nossa vez chegasse. O segundo era de ódio, de indignação. A gente queria o menino, estávamos totalmente certos disso, e até que chegasse a nossa "vez", sabe-se Deus tudo pelo que essa criança ia passar.

E passou. Ao se confirmar o retorno do menino, nossa advogada novamente entrou com um pedido na Vara da Infância. Queríamos o menino!

E a resposta foi a mesma.

O menino deveria ir para mais uma família da fila. Mas espera: ao ser consultado, o casal heteronormativo da tradicional família brasileira comunicou que havia mudado de ideia. Era um ponto positivo para nós, afinal, eles haviam desistido e optaram por trocar o filho por uma viagem pela Europa Ocidental.

Com o passar dos dias, sem ter mais notícias, e cada vez mais fatigado por essa gravidez de altíssimo risco, numa tentativa frustrada de me tornar *fitness*, saí para caminhar pela cidade. Estava anoitecendo.

Descobri que, por uma ironia do destino, talvez a maior de todas elas, o menino estava na sua quarta família. Ali, segundo diziam, não haveria erro. O menino seria muito feliz, afinal o casal estava havia anos esperando a chegada de um filho, independentemente de idade, de sexo, de cor. Os dois estabilizados, aposentados, morando em uma confortável casa, cujo quintal... ahhh! O quintal deles fazia divisa com o meu. Seríamos separados para todo o sempre por um muro. Não havia como dar errado dessa vez. A casa que vivia escura, estava agora com todas as luzes acesas. Da rua dava para se ouvir o som da televisão ligada, parecia que até o jardim deles estava florido. Voltei para casa a passos lentos, carregando uma tristeza que antes não existia.

Não dormi. De noite, Guilherme me deu a mão antes de dormir, me beijou a testa e disse:

– Tudo vai ficar bem.

O dia amanheceu. Para dar sustentação àquele luto, Cleusa, a amiga, e Betinha, nossa secretária do lar, já estavam em casa quando eu me levantei. Elas andavam de um lado para o outro, nervosas, tentando me animar. O rádio estava ligado tocando música, talvez para que em mais uma piada de mau gosto da vida eu não pudesse escutar o som vindo do vizinho.

Guilherme saiu para trabalhar como num dia normal, como se nada estivesse acontecendo. Betinha preparou as panelas, acendeu o fogão a lenha e, naquele dia frio de agosto, aqueceu meu coração machucado. As notícias já haviam corrido. Se uns dias antes tínhamos uma verdadeira torcida otimista, parecia que agora todos estavam conformados. Os amigos ligaram, e todos diziam a mesma coisa.

"Tudo vai ficar bem!".

Eu e minha boca grande não escondemos de ninguém os anseios por ser pai do menino.

Lembro-me muito bem de, pela primeira vez em nove meses, querer desmontar o quarto verde. Era uma época terrível para viver aquela frustração, afinal, *O Boticário* insistia em fazer as propagandas mais bonitas de Dia dos Pais. E tudo bem! O mundo não para, para você consertar os seus pedaços...

Ao entardecer, Renato, o presidente da Casa-lar me telefonou.

– Beto, você não pode ficar assim. Vamos sair para fazer uma caminhada, espairecer... passear por aí.

Saímos sem destino. Tibagi tem essas vantagens... não se vai muito longe mesmo que queira. Caminhamos por várias ruas. Mesmo que eu não quisesse conversar, ele insistia...

– Olha, como tá bonita a Lua...

– Sim.

– Parece que esfriou, né?

– Sim.

– Beto, não me leve a mal, mas você não pode ficar assim. Tem que aceitar. São as leis, as regras, as coisas da vida... Deus sabe o que é melhor para o menino e pronto.

– Desculpa, Renato, mas não vou desistir. Nós vamos fazer uma aposta. O que você quer apostar?

– Ai, meu Deus! Você é realmente uma pessoa teimosa... não tem jeito. Mas tá, se você quer apostar, eu aposto uma Coca-Cola... tá bom?

Eu me assustei quando voltei para casa e encontrei Betinha e Cleusa ainda lá. As duas sentadas, tristes, esperando que eu voltasse, com uma cerveja sobre a mesa. E mesmo que cerveja nunca tenha sido o meu forte, resolvi que beberia uma latinha. Até Guilherme, que detestava a bebida, estava bebendo.

Por um instante desencanamos daquilo tudo. Quem tem amigos nunca morre só.

Eram onze da noite, eu peguei a chave do carro para levar Betinha e Cleusa às suas casas, e meu celular estava com a tela acesa. Duas ligações perdidas. Uma delas era de uma amiga que morava próximo à Casa-lar. Em frente, na verdade.

– Beto, preste atenção no que eu vou falar... não posso te dizer nada além do que vou dizer... Ai, meu Deus! Tô nervosa... Ai, meu Deus...

– Diga, o que houve?

– O menino acabou de chegar aqui na Casa-lar. E veio com uma mala de roupas... acho que... acho que...

Liguei para a segunda chamada perdida no telefone. Era Renato.

– Beto, urgente! Venha aqui pra casa... venha agora com o Gui.

Chegamos. E na porta, meu mais novo compadre me esperava segurando uma garrafa de Coca-Cola.

A Terceira Guerra Mundial

É muito engraçado como a gente espera com toda força alguma coisa e quando ela acontece, não sabe como proceder. A primeira notícia da manhã foi da assistente social. Ela dizia que teríamos um dia, naquela semana, de aproximação. Iríamos para a praça em um encontro assistido e, se quiséssemos, poderíamos chamar nossos pais, porque talvez a figura feminina fosse importante.

Ligamos para nossos pais, que em poucas horas estavam em Tibagi. Fomos muito cuidadosos com as orientações.

– Pai, mãe, sogro, sogra, é o seguinte: não podemos assustar a criança. O menino deve estar muito assustado, por isso não vamos criar

expectativas e nem impor a situação a ele. Sejam cautelosos com o tom da voz, e ele não pode imaginar que seremos a família dele.

Às treze horas estávamos no local marcado, aguardando o menino chegar para que nos víssemos como uma família, nós a ele e ele a nós.

Edélcio, meu sogro, imediatamente levantou os braços e gritou:

– Ah, gente! Ele é lindo... venha com o vovô!!!!!

O menino foi até uma balança, fez sinal com a cabeça para mim e o Guilherme, e no auge da maturidade dos seus quatro anos disse:

– Na casa de vocês tem café?

– Sim, tem café!

– E tem bolo?

– Todos os dias – respondeu Guilherme.

– Ok, eu vou morar lá. Até que enfim.

Sentou no colo das avós, dos avôs, dos pais. E confirmou o que a gente sempre soube: ele sempre foi nosso. Só estava perdido. A assistente social disse que o encontro havia sido um sucesso e que, no domingo, o menino iria para a nossa casa.

Assim que nossos pais entraram no carro para voltar para suas casas, ligamos para Betinha e para Cleusa. Guilherme correu a uma loja de roupas infantis, e eu para o mercado.

Enchi dois carrinhos de todas as comidas possíveis. No corredor, os repositores de caixa vieram em festa, ajudando com bolachas, salgadinhos, achocolatados. Pusemos todas as guloseimas que uma criança gostaria.

Com pressa, cheguei ao caixa e a atendente, observando todos os mantimentos deu uma pausa:

– Beto, sem querer ser indiscreta, mas já sendo, de duas uma: é a Terceira Guerra Mundial ou o menino chegou?

Ela saiu aflita de trás do balcão e me deu um abraço. As pessoas estavam nos abençoando!

Na farmácia, preparavam um *kit* de primeiros socorros para criança e na loja de enxovais, a dona abria rapidamente os pacotes para mostrar o que tinha...

– Este aqui, não. Este aqui, não vai pagar, é presente. Este também não. Ai! Meu Deus! Vou enlouquecer! Essa é a história mais linda e

precisamos deixar tudo bem lindo. Eu vou para lá quando fechar a loja – dizia ela, tão aflita quanto eu.

Anoiteceu naquela sexta-feira e pasmem: a roseira do nosso jardim abriu três botões. E desde então, nunca faltou flor no nosso jardim.

Tudo estava fazendo sentido nas nossas vidas. Estava chegando o amor que faltava. O sábado foi como a véspera do parto. Eu e Guilherme sentamos na varanda, conversamos olhando nos olhos, fizemos carinho um no outro. E ingênuos: achamos que se deitássemos cedo, a noite passaria mais rapidamente.

Às quatro da manhã estávamos de pé, perto da porta... prontos para ir buscar o menino. O nosso menino.

Às sete, estacionamos o carro em frente à Casa-lar. Ele estava comendo pipoca. Ao nos ver, pegou uma sacola com um cachorrinho de pelúcia. Entrou no carro e não olhou para trás.

Samuel seria o seu nome. E chegou à nossa casa dono de si e dela também. Na primeira noite, dormiu no seu quarto. Brincou no seu quintal. Sentou no seu sofá. E nos chamou de Pai Beto e Pai Gui.

Era domingo. Dia 8 de agosto. Dia dos Pais. Poucas coisas me marcaram tanto nesse primeiro Dia dos Pais quanto quando ele, sentado à mesa para a nossa primeira refeição, disse um "finalmente" cheio de emoção.

Finalmente mesmo, meu filho.

É engraçado pensar que nos dias que sucederam nada do que aprendemos no curso de pais adotivos aconteceu. É que, com toda a sinceridade do mundo, eu hoje afirmo que é correto o processo de pressão sobre os futuros pais. Quando se trata de uma vida, não faz nenhum sentido que os pretendentes tenham qualquer tipo de dúvida e por isso mesmo, muitas vezes saímos do curso assustados e arrasados.

Na nossa casa não houve nenhum processo de adaptação. E isso, eu diria: foi pura sorte. Se antes escutávamos histórias de famílias que levaram meses e até anos para se identificar como núcleo, na nossa casa o processo foi muito, mas muito ligeiro.

Provavelmente, porque Jovelino, o pequeno menino que queria ser chamado assim até ter descoberto a beleza do nome Samuel, fosse tão estranho e tão azarado quanto eu.

Dois dias depois de chegar à nossa (ou sua) casa, ele escorregou do banquinho infantil que havia na cozinha e caiu debaixo da mesa. Como

uma pluma. Leve. E, em prantos, argumentava comigo, com Guilherme e com Betinha, que precisava indispensavelmente de uma cadeira de rodas.

Os dias passaram-se com uma naturalidade ímpar. Exceto pelo dia de verão em que ele se incomodou com o vento do ventilador na sala de aula, e resolveu interromper o circuito elétrico com uma tesoura de metal, causando um pequeno incêndio na escola.

Aliás, diga-se de passagem: quando meu celular tocava no intervalo das 13 às 17 horas, eu tinha certeza: Samuel havia feito merda.

O menino é tão meu filho que se mete em encrencas com uma facilidade ímpar.

Flores em todos os lugares

Primeiro mês de aula. Eu, pai babão. Levar o filho para a escola é uma experiência que todo mundo devia ter um dia. A sensação de ser o protetor, o fortão, o incrível para uma criança é uma coisa linda que a vida permite.

– Você é o novo pai do Samuel? – perguntou uma mulher em tom nervoso, no portão da escola. – Precisamos conversar...

– Pois não... – respondi, meio ressabiado.

– Pois sim! O seu *novo filho* ontem deu um soco na cara do meu pequeno e amado fulano de tal... isso não pode acontecer porque... – Nesse ponto, eu a interrompi.

– Seu filho é aquele menino, ali? – Disse, apontando o dedo para um ranhentinho almofadinha todo cheio de si que entrava na escola.

– Sim, aquele é meu pequeno e amado filho... – respondeu a senhora.

– Ahhhh, então tá. É que na verdade, eu disse para meu *novo filho* que desse um socão nele mesmo, porque até então ele é quem chegava em casa reclamando que seu pequeno e amado filho o provocava todos os dias...

– Noooooss... – respondeu ela, surpresa.

– Claro, ué! Se o Samuel é meu *novo filho,* e eu sou o *novo pai* dele, agora ele tem uma *nova educação*, e lá em casa a gente aprende a se defender! Se o seu pequeno e amado filho não quiser levar mais um socão, diga que não mexa mais com meu *novo filho.*

Saí de lá muito orgulhoso de mim mesmo. E dele, principalmente. Tá, eu sei que o politicamente correto vai me exigir retratação, e não quis

em hipótese nenhuma incentivar a violência, mas não aceitaria de jeito nenhum que meu filho se tornasse o que fui um dia: medroso.

O gosto por flores sempre fez parte de mim. Eu sempre amei flores. Estampas floridas, quadros de flores, jardins ultrafloridos. E fiz minha vida assim, lembrando-me da frase da Cecília Meirelles:

Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira.

Tentei diversas vezes criar um estilo de me vestir que marcasse minha personalidade. E Samuel foi a pessoa que mais me ensinou a fazer isso.

Eu e Guilherme tentamos educá-lo para que fosse forte, que não ligasse para o que os outros diriam. Evidentemente diriam. Seus pais *gays*. Os estigmas naturais da adoção, a realidade da vida em uma cidade do interior. E numa dessas idas (ou voltas) da escola, uma única criança maldou.

– Teu pai é *viado!* – gritou, do portão.

– Tua mãe e teu pai e teu irmão e teu cachorro são feios... – respondeu o baita piazão do pai aqui. E mostrou a língua, em seguida procurando uma estação no rádio do carro. Incrível! Maravilhoso! Forte! E acima de tudo, bem resolvido.

Por ser tão maduro nessas questões, Samuel decidiu que as bonecas *Barbie* eram muito mais legais que os brinquedos de menino. Com elas, ele travava batalhas, lutas, aventuras no jardim de casa. Não, em hipótese alguma suas bonecas eram madames, e a primeira coisa que ele arrancava era a maquiagem. Descobriu que acetona removia a pintura do rosto das bonecas, e dali em diante, era só boneca destroçada. Elas apareciam enterradas, carecas, e numa noite de inverno, com a lareira acesa, descobrimos pelo forte cheiro de plástico queimado que uma delas estava sendo cremada...

Ele se bancou. No dia do brinquedo levava suas monstrinhas *Barbie* e nunca deu ouvidos a qualquer criança que ousasse comentar algo. Tenho para mim que meu filho foi um divisor de águas na educação da pequena cidade, porque depois dele, e depois de 21 séculos, as meninas puderam jogar bola e os meninos tiveram a liberdade de brincar com o que quisessem.

Assim sendo, eu me senti na obrigação de aceitar as minhas flores. E aí comprei pela internet meu primeiro sapato florido.

Percebi o quanto eles falam de mim, quanto representam minha personalidade. Minha mãe, ao vê-los, de brincadeira disse que eu nunca fui normal, desde criança. Era mais uma vez uma verdade sobre mim: não era normal e era muito dramático.

Precisamos falar sobre meus sapatos, sobre não ser normal e sobre a menina de onze anos que naquela época cometera suicídio. Uma menina de onze anos. Onze. Aliás, sobre a menina não, mas sobre boa parte do mundo que a rodeava.

Não sobre o mundo inteiro, mas sobre boa parte . Precisamos falar sobre nossos filhos, que ainda são crianças demais para entender a própria vida, mas são adultos para entender bem o que é a morte. É inacreditável e inaceitável que uma criança seja vítima desse mundo cruel, da geração que há três anos era chamada de geração *mimimi*[8] e hoje vive num mundo que se diz *antimimimi*, que debocha da dor alheia, que se irrita com as súplicas dos outros. Ela não suportou um mundo de *bullying* e de maldade. Era gorda.

Parem de dizer que as atuais gerações são as que reclamam de tudo e as que não aceitam nada. É comprovado que isso adoece e mata. Quanta tristeza havia no coração dessa criança, a ponto de enfrentar a morte e seus mistérios como solução a uma vida miserável.

Eu sou culpado e você também é culpado por não observar com mais atenção, por não estender a mão e por não acreditar que o tal *bullying* é uma realidade e que brincadeira é o escambau. Se você tem filhos e não lhes diz que é errado zombar do amiguinho, você é parte de uma história de suicídio.

Quando eu tinha onze anos, eu jurei que ia crescer e não teria amigos porque as pessoas eram muito cruéis. O motivo: ser chamado de *flower man*. Eu sempre gostei muito de flores e por isso não era "normal" entre os meninos da minha idade, que me julgavam *gay*, porque "onde já se viu algum homem gostar de flores?". Para os adultos, era a maior bobagem eu me incomodar com aquilo. "Qual o problema em ser chamado de *flower man*? Ignore!". E isso não era fácil. Doía. Sangrava. Não me digam que quem falava isso não sabia o que estava fazendo, porque nem uma e nem duas vezes eu pedi que parassem. Entretanto, tive a sorte de um dia crescer e ser mais forte. E deixar meu piazão, meu filho querido, brincar com a *Barbie monstrenga* que ele bem entendesse.

[8] Essa é a pior palavra que existe. Significa ignorar a dor dos outros. Não use. Se você fala que alguma coisa é *mimimi*, você é um babaca. (Nota do autor).

Hoje eu olho para mim e adoro os meus sapatos floridos, meu jardim florido, a flor da minha sala, o abajur de flores. E lamento muito por todos aqueles que me achavam tão diferente na minha infância. Porque foi gente assim que não conseguiu me derrubar, mas que vai carregar para sempre a culpa, a possível culpa, pela morte de uma menina de onze anos.

Depois de um dia exaustivo de trabalho, cheguei em casa e meu filho disse que achava lindo o sapato que eu usava.

Boa noite na terra do *mimimi*, do *antimimimi* e na terra que ainda não entendeu que hoje o que não é normal pode ser muito melhor do que você em um futuro próximo.

Sobre saudade

Minha sogra se arrumava num fim de semana qualquer para levar Samuel àquele restaurante *drive thru* que vende um sanduíche-que-vem-com-brinquedo. Enquanto isso, Samuel corria pelo quintal com uma folha de costela-de-adão nas costas, como se fosse uma borboleta.

Eu havia acabado de deixá-lo lá e tinha ido trabalhar. No caminho, pensava no quanto era maravilhoso ter avós ativos, bagunceiros, festeiros. E principalmente, no sentido espiritual, jovens.

Eu nem precisei saber ao certo o que havia acontecido, porque na minha cabeça enxerguei perfeitamente a cena: Samuel gritando "vamos vó, vamos vó, vamos vó, vamos vó", e ela ajeitando o cabelo, respondendo de dentro da casa "tô indo, tô indo, tô indo, tô indo!". Na aflição de uma criança de sete ou oito ou seja lá quantos anos ele tinha naquela época, resolveu esperar no carro. Mais que isso, resolveu ele por si só buscar a avó. E fez-se a confusão: entrou com carro e tudo na casa. Girou a chave na ignição, acelerou, e só parou graças a um portão que dividia o terreno.

Como se nada tivesse acontecido, desceu do carro da avó, agora com a frente destruída, e disse calmamente: "Vamos, vó!".

Eu diria a todos que pretendem ter um filho que não reparem nas crianças alheias, porque as forças cósmicas do universo farão suas observações voltarem a vocês mesmos, talvez num processo evolutivo. Meu filho era o próprio Dennis, o pimentinha do filme.

Aprendi a lidar com as possibilidades. Comecei a aguardar a ligação da diretora das escolas dizendo que ele teria explodido o vaso sanitário, que teria incendiado o laboratório de ciências, que teria feito alguma experiência radioativa... Esse era Samuel.

Mas minha sogra não brigou. Ninguém falou muita coisa além de "podia ter se machucado, menino!".

Carros sempre foram a grande paixão de meu avô Clotário. Carros e violões. Provavelmente por sua vida difícil, sem muitas regalias durante a infância, ele sempre deu muito valor ao que o dinheiro podia comprar. Se do outro lado da família, meu avô Edison deixava muito evidente seu pensamento de as coisas serem feitas para serem usadas, alegando continuamente que eram as coisas que estavam a nosso dispor, e nunca nós delas, do lado de meu pai, meu avô tinha muito cuidado com o que havia conquistado.

O processo de "cuidar" de seus *hobbies* por muitas vezes não foi compreendido por mim. Meu avô era o tipo que sofria com o carro sujo, com o violão fora do suporte de espuma, com um copo quebrado. Algumas vezes o víamos arrumando coisas banais, como uma esteirinha de panela, um grampo de roupas. Meu pai, em parte, quebrou essas manias e tentou ser mais flexível com as coisas. Embora minha mãe guarde porcelanas inglesas para usar em ocasiões especiais, e diga-se de passagem, apenas muito especiais, eles tentaram fazer com que os netos não se sentissem *elefantes em lojas de cristais.*

Priscilla, minha irmã, estava grávida do primeiro menino, depois de uma longa espera e tratamentos para engravidar. Samuel tinha a energia de um pequeno cavalo, e tudo mudaria em breve.

Estávamos nos mudando para Ponta Grossa, em busca de maiores oportunidades. Após a chegada de nosso filho, eu e Guilherme precisávamos dar a ele o melhor, ter mais estabilidade.

E depois de alguns anos enfraquecendo, apagando a luz, meu avô Clotário faleceu. Sua morte veio tranquila, numa madrugada de inverno, como a resposta de uma vida de trabalho, de conquistas, de cuidados a tudo aquilo que é difícil o dinheiro comprar.

Estavam todos desolados. Meu pai, minha tia, meus primos e minha avó. É curioso como um velório é uma aula sobre a nossa existência!

Provavelmente eu nunca tivesse pensado na morte do meu avô. Nem mesmo quando o outro, pai de minha mãe, faleceu um ano antes...

Nem mesmo quando, na volta de um especialista, disseram que isso iria acontecer em breve, porque seu pulmão estava fraco. Nunca.

Meus dois avós eram extremos, ligados apenas pela condição financeira que ambos tinham em determinado momento da vida. Um gostava de praia, o outro do campo; um estava entre gente nobre, o outro gostava de povão; um era político, o outro tinha aversão à política. E, incrivelmente, meus pais se moldavam às duas realidades distintas.

Edison largava a chave de seu carro velho e caindo aos pedaços com qualquer pessoa. Clotário não gostava que nem os manobristas dirigissem seu carro dentro de um estacionamento. A falta de atenção de Edison nunca lhe permitia falar qualquer coisa sobre nosso comportamento, nossa postura e nossa forma de falar. Não que ele fosse flexível. Era desatento mesmo. Para Clotário, passei os últimos dez anos mentindo que minha tatuagem era falsa, e que eu retocava a cada semana.

Quando apresentei Guilherme, fiz ensaios de como seria a encenação, para que nada desse errado, porque compreendia a dificuldade que gente antiga tem de entender a relação. Vô Edison, no primeiro encontro, o chamou por um nome qualquer e nunca perguntou absolutamente nada. Era tanta gente naquela casa, que provavelmente achava que ele era marido de alguma moça que estava por lá, sem muita cerimônia. Com meu avô Clotário, foi Guilherme que se impôs, firmou o pé no chão e tinha a resposta na ponta da língua caso ele perguntasse o que éramos um do outro... Se isso aconteceu, eu nunca soube.

A chegada de Samuel foi linda de ambos os lados. Engraçado como, com tantas ressalvas na família de minha mãe por parte de alguns parentes ao saberem que eu era *gay*, e de comentários maldosos de que eu acabaria com a continuidade da família, fui o primeiro neto a dar um bisneto ao meu avô Edison. Na família de meu pai, repetia-se a sensação de nossa casa: "Onde você estava todo esse tempo, menininho? Estávamos te esperando!".

Minha relação com meu avô Clotário era meio complicada. Sempre fui muito mais grudado com minha avó Aglaé, em todas as fases da minha vida, inclusive na adolescência. Era ela a ponte, o colo, a folia. Com uma criação mais machista, mais exigente, era natural que meu avô fizesse perguntas sobre "as meninas que eu namorava", sobre meu futuro, do qual até hoje não sei, fizesse apontamentos sobre as bobagens que eu fazia com meu dinheiro; que falasse sobre a imundície do meu carro,

sobre usar brinco e deixar barba. E sobre a tatuagem que ele estava prestes a saber que não era de mentira.

"Coisa de macho" era como ele definia boa parte das coisas que eu não fazia, e eu não sentia mágoa por isso. Mas não gostava. Só depois de me tornar muito adulto aprendi que as gerações diferentes, as criações (felizmente) diferentes e a forma de encarar a vida, criavam essa distância entre nós.

Todos os anos, o apartamento gigante ficava forrado de garrafas de uísque, presentes de Natal de outras autoridades. Cestas com coisas importadas, presentes caros, vinhos importados. Tudo isso ia ficando para uma *ocasião especial*. No verão, íamos para a praia, passeávamos na lancha de meu avô e, mesmo que fosse coisa da minha cabeça, eu sentia um medo de estragar alguma coisa, de pisar em algum lugar errado e quebrar aquele brinquedo de gente grande com cara de pouco usado. De fato, usávamos pouco. Depois da chegada de Samuel, aproveitamos mais vezes, mas dentro de mim permanecia o fantasma dizendo "cuidado pra não estragar".

Quantas vezes evitei contato, porque sabia que junto da alegria de um reencontro viria alguma cobrança?! Não faça assim, não seja assim, não vista isso, não coloque vasinhos de flores e velas na decoração de seu aniversário...

O violão que tocava tinha o som mais bonito que meus ouvidos já ouviram. E enquanto eu escutava as boas músicas, automaticamente pensava que ele sabia muito bem como tocar aquelas cordas. Em poucos segundos eu pensava: claro! Esse violão nunca encontrou uma quina de madeira, não tem risco, não tem pó, nunca foi tocado por outro violeiro! A mistura de sensações caminhou comigo por toda a vida. De um lado eu tinha admiração, e do outro não conseguia compreender em qual momento comecei a ter tanto medo.

Ele e minha avó foram o casal mais bonito de todos. Mais de 60 anos de casados, companheiros, amigos. Cederam muitas vezes, é claro. Ela ao gênio difícil dele, ele à supersensibilidade dela. Mas faziam tudo juntos, de pescarias a compras pelo mundo. Emocionavam-se com tudo, nos jantares de família, nos filmes. E dividiam uma única garrafinha de *chocomilk* porque sabiam o valor que as coisas tinham.

Meu avô sempre foi um homem muito importante, muito correto, alcançou todos os seus objetivos profissionais. Sua trajetória no Direito, no Judiciário, sua posição de presidente do Tribunal Eleitoral fizeram com

que aquele velório fosse um acontecimento, naquela manhã. De quem servia cafezinho em seu gabinete ao governador do estado, a sala estava lotada. As pessoas demonstravam tristeza de verdade. Entre um silêncio e outro, alguém deixava escapar um "perdemos um grande homem!". Eu nunca tinha pensado que um dia ele ia partir.

Foi naquele momento que comecei a me dar conta de que a maior e pior herança seria a saudade que sentiria dele. Era como se uma parte da minha vida tivesse ido embora também. O violão intocável, a lancha, os carros, os uísques não! Isso tudo ficaria por muito tempo ainda esperando a (ou mais uma) ocasião especial. Vinhos e uísques foram distribuídos por minha avó aos netos naquela mesma semana. Alguns deles eram ruins, outros estavam vencidos. A lancha foi vendida, os violões ficaram com meus primos. O apartamento foi posto à venda. E todos os sentimentos estranhos me deram espaço para lembranças gostosas dos momentos lindos que tive com meu avô. Ele era difícil, mas um homem legal.

Samuel havia batido o carro da avó e o menino ainda nem tinha carteira de motorista. Arrumaram o carro. Meu sogro, claro, não ficou feliz, mas deu risada. Talvez se eu também tivesse batido o carro de meu avô, eu teria visto a mesma reação. Ele não era tão rabugento como eu pensava.

Os dias não foram iguais

A maré de azares, de pensamentos repetitivos e de dramas nunca acabou. Aliás, de tanto gostar de drama, talvez eu tenha sido um bom ator e autor. Dos imprevistos da vida, me motivei a escrever as comédias e, aos trinta e poucos anos, carreguei comigo mais de 60 peças de teatro de comédia. Algumas deram muito certo, me levaram longe. Outras, nem tanto. Com *Post Mortem*, história em que vivi Nelias, o fracassado proprietário de uma funerária, ganhei alguns prêmios. E na volta do último espetáculo, *Indo para casa,* o caixão cenográfico que estava guardado no bagageiro do ônibus se soltou e caiu sobre mim. É isso! Um eterno aglomerado de imprevistos.

Felizmente, na minha vida as coisas não se repetiram muito. De um lado isso é maravilhoso. De outro, isso me assusta porque me faz perceber, de forma muito madura (coisa que não sou), que sempre fica saudade.

Saudade é uma coisa que acompanha a gente a vida toda. É o que temos que carregar por toda a nossa passagem por aqui. E por que cargas d'água alguém gostaria de ler minha história, se não sou famoso, nem rico, nem bem-sucedido? Porque sim.

Se um ano atrás eu dissesse que haveria uma pandemia, que o mundo inteiro teria que dar uma pausa, que todos ao redor do planeta estariam prontos para morrer por uma doença nova, claro que minha mãe e minha avó diriam que eu sou dramático. Se eu dissesse que iria escrever um livro para deixar, pelo menos, um registro da minha história, caso eu fosse contaminado pelo covid-19, elas, meu filho e o Guilherme, diriam que eu sou *muito* dramático.

O fato é que a vida passa muito rápido. Agora eu tenho 34 anos, meu filho insiste em perguntar coisas indelicadas, como "Pai, no teu tempo já existia carro?", e de quebra, tenho sentido umas coisas estranhas no meu corpo, como uma doença. Ou será que são gases?

Sempre haverá algo prestes a acontecer, seja a chegada de um filho, um casamento, um encontro de família. Talvez a vida seja exatamente como uma novela do Manoel Carlos, cheia de surpresas, com data para começar e data para terminar. E ela seja cheia de saudade para a gente carregar. Às vezes eu penso que daria um rim para voltar no tempo, ou penso que faria tudo diferente. Na maioria das vezes penso exatamente o contrário: venha o que vier, eu estou preparado para encarar. Porque se olhar bem de frente, vou perceber que nos últimos 34 anos rolaram coisas que pareciam não ter solução e, de repente, se mostraram meros acontecimentos da vida.

No conforto de minha casa, com os meninos rindo assistindo a um filme, cheiro de bolo de chocolate saindo do forno, eu me apavoro pensando em formas de levar uma vida com a mesma intensidade, livre do tédio. Contudo, não tenho uma vida estável ainda, e não sei o que quero fazer no futuro. Talvez seja astronauta, talvez abra uma loja de roupas, talvez viva da minha arte. De repente, esse lance do livro novo dê certo. Aos que foram citados e não gostaram, me perdoem, é que a minha vida após ser atingido por um quibe vindo do céu é muito intensa para não ser contada.

Para a gente morrer, basta estar vivo. Para ser feliz também.

Puta merda, o bolo queimou!

SOBRE O AUTOR

Alberto Schramm Portugal (Curitiba, 04 de outubro de 1986) é um comunicador, gestor cultural e de inovação, ator, diretor de teatro, arquiteto e urbanista, bacharel em artes, dramaturgo e escritor brasileiro. No teatro, dirigiu mais de 80 espetáculos. Desde 2005 está a frente da Casa das Artes, uma companhia de teatro premiada em vários festivais. Na literatura, publicou obras como *Fé Neon, Coração Andarilho, E depois vocês dizem que eu sou dramático..., Vou-me embora*, e *Viver, Morrer, Viver*. Atuou como colaborador de diversos periódicos, foi apresentador de rádio e televisão. É membro efetivo da Academia Ponta-Grossense de Letras e Artes. É membro da Academia Bahamut, New Art Gallery e do Centro de Letras do Paraná. É Secretário Municipal de Cultura de Ponta Grossa e Coordenador da AMCG Cultura.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA FIGTREE,
NO FORMATO 14X21 CM E IMPRESSO EM PAPEL AVENA 80G
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS
DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA - GOVERNO FEDERAL

[ROMANCE]

SINOPSE

O autor nos conduz por suas memórias com uma abordagem descontraída que mistura humor, autoironia e momentos de introspecção. A obra retrata de maneira sincera e descomplicada os percalços de crescer e encontrar seu lugar no mundo, oferecendo ao leitor uma perspectiva honesta e bem-humorada sobre a vida.

O AUTOR

Alberto Schramm Portugal (Curitiba, 04 de outubro de 1986) é um comunicador, gestor cultural e de inovação, ator, diretor de teatro, arquiteto e urbanista, bacharel em artes, dramaturgo e escritor brasileiro. No teatro, dirigiu mais de 80 espetáculos. Desde 2005 está à frente da Casa das Artes, uma companhia de teatro premiada em vários festivais. Na literatura, publicou obras como Fé Neon, Coração Andarilho, E depois vocês dizem que eu sou dramático..., Vou-me embora e Viver, Morrer, Viver. Atuou como colaborador de diversos periódicos e foi apresentador de rádio e televisão. É membro efetivo da Academia Ponta-Grossense de Letras e Artes. É membro da Academia Bahamut, New Art Gallery e do Centro de Letras do Paraná. Atua como Secretário Municipal de Cultura de Ponta Grossa e como Coordenador da AMCG Cultura.

ISBN: 978-85-85063-32-0

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO